



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU-Cidade**

PAULO ROBERTO MATTEDI

**UMA LEITURA DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DA RUA 15 DE NOVEMBRO
BLUMENAU-SC**

Florianópolis
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE – PEAU-Cidade

PAULO ROBERTO MATTEDI

UMA LEITURA DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DA RUA 15 DE NOVEMBRO
BLUMENAU-SC

Área de concentração: Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade

Linha de pesquisa: Arquitetura da Cidade

Florianópolis
2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU-Cidade**

PAULO ROBERTO MATTEDI

**UMA LEITURA DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DA RUA 15 DE NOVEMBRO-
BLUMENAU-SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Área de concentração:
Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Linha de Pesquisa:
Arquitetura da Cidade.

Orientador:
Prof.º. Dr.º. Gilberto Sarkis Yunes

Co-orientador:
Prof.º. Dr.º. Eduardo Jorge Felix Castells

Florianópolis, 2009

A dissertação, intitulada “Uma Leitura da Construção da Paisagem da rua 15 de Novembro, Blumenau-SC” de Paulo Roberto Mattedi, foi submetida a processo de avaliação conduzido pela Banca Examinadora instituída pela Portaria No. 024/PGAU-Cidade/09, para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, tendo sido aprovada sua versão final em 16 de outubro de 2009, em cumprimento às normas da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade – PGAU-Cidade”.

COORDENAÇÃO DO PGAU-CIDADE

Prof. Dr. Almir Francisco Reis (UFSC)
Coordenador PGAU-Cidade

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes (UFSC)
Presidente (Orientador)

Prof^a. Dr^a Lisete Teresinha Assen de Oliveira (UFSC)
Membro da banca

Prof. Dr. Nelson Popini Vaz (UFSC)
Membro da banca

Prof. Dr. Murillo Marx (USP)
Membro da banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os colegas e amigos, que, de uma maneira ou outra colaboraram para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes, meu orientador, pelo incentivo, dedicação, compreensão e humor, nos momentos difíceis do desenvolvimento do trabalho.

Ao Prof. Dr. Eduardo Jorge Felix Castells, meu co-orientador, pelo incentivo, orientações e encaminhamentos iniciais desta pesquisa.

Aos Professores e Funcionários do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, que, com carinho e atenção, promovem ambiente de estímulo para estudar.

Aos professores que me honraram ao aceitarem participar da minha banca final de mestrado, a Prof^a. Dr^a. Lisete Teresinha Assen de Oliveira, o Prof. Dr. Nelson Popini Vaz e o Prof. Dr. Murillo Marx, com seus conhecimentos de história, cultura e arquitetura da cidade.

A Suelen Weiss, por sua contribuição no auxílio para elaboração dos trabalhos gráficos.

RESUMO

MATTEDI, Paulo Roberto. Uma Leitura da Construção da Paisagem da Rua 15 de Novembro, Blumenau-SC, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-Cidade, UFSC, Florianópolis, 171 págs., Orientador: Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes, Co-orientador Prof. Dr. Eduardo Jorge Felix Castells, Linha de Pesquisa em Arquitetura da Cidade).

A rua 15 de Novembro, em Blumenau-SC, construiu-se como a rua principal da cidade. Não foi planejada como tal, porém, para ela desenvolveu-se o comércio, em função de dificuldades enfrentadas no ambiente, para consolidar o núcleo do lugar. Configurou-se com parte de seu traçado geométrico e parte irregular, resultando seu trajeto sinuoso, e conformou suas bordas com uma arquitetura que se apresenta diversa. Caracterizou-se de perfil horizontal, até a metade do século XX. Rompem este perfil edificações verticais de arquitetura moderna, até a década de 1970. Em seguida, construções cujas figuras alteraram a imagem urbana, advindas de isenções fiscais da municipalidade, privilegiando estimular construções germânicas típicas, que se multiplicaram ao longo da rua, marcando significativamente a paisagem, com cenário pastiche do enxaimel. Esta prática esgota-se na década de 1990, substituída por visão preservacionista, praticando tombamentos de edificações consideradas de interesse histórico. O resultado é um conjunto arquitetônico singular nesta rua, cuja sinuosidade promove variação e diversidade de ambiências. A paisagem resultante é o elemento motivador desta pesquisa, a qual considerou de importância conhecer a formação e o desenvolvimento deste lugar, para a descrição da sua análise visual.

Palavras-Chave: **Lugar, Paisagem Urbana, Enxaimel, Identidade**

ABSTRACT

The street named rua 15 de Novembro, in Blumenau-SC, built itself as the main street of the city. It was not planned like that, however, its commerce was developed due to troubles faced in the environment to consolidate the nucleus of the place. It was shaped partly by its geometrical sketch and irregular part, turning in a winding course and adapted its edges with an architecture that presents itself differently. It was characterized by horizontal profile up to the half of the 20 century. Vertical constructions of modern architecture break this profile up to the 1970s. Next, we can see that there were constructions which figures altered the urban image, as a consequence of fiscal exemptions of the municipality, privileging to stimulate Germanic typical buildings. These multiplied along the street, marking the landscape significantly, with a pastiche scenery of the Fachwerck. This practice becomes exhausted in the 1990s and was substituted by a preservationist vision, with the practice of fallings of respected constructions showing historical interest. The result is a singular architectural set on this street, in which sinuosity promotes variation and diversity of ambience. The resultant scenery is the motivation of this research, that considered important to know the formation and the development of this place, for the description of its visual analysis.

Keywords: place, urban landscape, Fachwerck (enxaimel), Identity.

LISTA DE FIGURAS

2. A cidade de Blumenau

Fig. 2.1	Ilustração da sede da colônia.....	36
Fig. 2.2	Vista da sede da colônia, 1850-1900.....	36
Fig. 2.3	Centro administrativo da colônia, 1850-1900.....	36
Fig. 2.4	Mapa da Colônia Blumenau, 1858.....	37
Fig. 2.5	Mapa do Stadtplatz, 1864.....	38
Fig. 2.6	Plano de Lübeck.....	39
Fig. 2.7	Vista aérea do centro antigo da cidade de Lübeck.	40
Fig. 2.8	Templos católico e protestante em Blumenau.....	40
Fig. 2.9	Mapa do Stadtplatz sobreposto à foto do centro da cidade.....	41
Fig. 2.10	Strassendorf.....	41
Fig. 2.11	Mapa da Colônia Blumenau, 1864.....	42
Fig. 2.12	Vista da rua 15 de Novembro.....	44
Fig. 2.13	Vista rua 15 de Novembro, 1850-1900.....	44
Fig. 2.14	Vista da 15 de Novembro, 1850-1900	44
Fig. 2.15	Ponte do Salto antiga, e atual.....	46
Fig. 2.16	Mapa de Blumenau, 1900.....	46
Fig. 2.17	Vistas da rua 15 de Novembro, 1900-1910.....	47
Fig. 2.18	Vistas da rua 15 de Novembro, 1910-1920.....	48
Fig. 2.19	Vista do antigo porto fluvial.....	49
Fig. 2.20	Vista antiga do rio, a partir da rua Itajaí.....	49
Fig. 2.21	Ponte de Ferro.....	50
Fig. 2.22	Vista da rua 15 de Novembro, 1920-1930	51
Fig. 2.23	Vista da rua 15 de Novembro, 1920-1930.....	51
Fig. 2.24	Vista da rua 15 de Novembro, 1920-1930.....	52
Fig. 2.25	Vistas da rua 15 de Novembro, 1930-1940.....	52
Fig. 2.26	Vista da rua 15 de Novembro, 1930-1940.....	55
Fig. 2.27	Vistas da rua 15 de Novembro, 1930-1940.....	56
Fig. 2.28	Vista da rua 15 de Novembro, 1930-1940	56
Fig. 2.29	Vista da rua 15 de Novembro, 1930-1940	56
Fig. 2.30	Pátio em frente à Sociedade Dramático Musical Frohsinn, atual Teatro Carlos Gomes, 1930-1940.....	57
Fig. 2.31	Vistas da rua 15 de Novembro, 1940-1950	57
Fig. 2.32	Vista da rua 15 de Novembro, 1950-1960	58
Fig. 2.33	Mapa de Blumenau, 1955.....	59
Fig. 2.34	Vista da rua 15 de Novembro, 1950-1960.....	60
Fig. 2.35	Vista da construção da catedral.....	60
Fig. 2.36	Vista da construção da torre da catedral, concluída em 1963.....	60
Fig. 2.37	Vista área do centro de Blumenau, 1950-1960.....	61
Fig. 2.38	Vista da rua 15 de Novembro, 1960-1970.....	61
Fig. 2.39	Vistas da rua 15 de Novembro, 1960-1970.....	62
Fig. 2.40	Vista aérea do centro de Blumenau, 1960-1970.....	62
Fig. 2.41	Grande Hotel Blumenau, fachada leste, 1960-1970.....	63
Fig. 2.42	Grande Hotel Blumenau, fachada oeste, 1960-1970.....	63
Fig. 2.43	Mapa de Blumenau, 1974.....	65
Fig. 2.44	Fachadas com os elementos considerados típicos.....	68

Fig. 2.45	Prefeitura de Michelstadt, Alemanha, 1484.....	69
Fig. 2.46	Peatonal Obispo Trejo-Córdoba, Argentina.....	74
Fig. 2.47	Vistas da rua 15 de Novembro com fachadas rebatidas no piso.....	75
Fig. 2.48	Vista da rua 15 de Novembro, após a reforma.....	76
Fig. 2.49	Vistas de evento do Stammtich na rua 15 de Novembro.....	76
Fig. 2.50	Mapa de Zoneamento da área central de Blumenau, 2009.....	80
Fig. 2.51	Vista área da área central da cidade, 2009.....	82
Fig. 2.52	Mapa da área central da cidade de Blumenau.....	82
Fig. 2.53	Mapa de visualização de enchente 11 metros no centro de Blumenau.....	83

3. A paisagem da rua 15 de Novembro

Fig. 3.1	Mapa indicativo de arquitetura do entorno da rua 15 de Novembro.....	84
Fig. 3.2	Vista da rua 15 de Novembro.....	85
Fig. 3.3	Trecho A – Mapa do Centro Histórico.....	89
Fig. 3.4	Trecho A - Mapa do início da rua 15 de Novembro.....	90
Fig. 3.5	Vista do início da rua 15 de Novembro, a partir da rua Itajaí.....	90
Fig. 3.6	Vista do início da rua 15 de Novembro.....	90
Fig. 3.7	Trecho A - Mapa da rua das Palmeiras.....	91
Fig. 3.8	Vista da rua das Palmeiras	91
Fig. 3.9	Escultura.....	92
Fig. 3.10	Vista da rua das Palmeiras.....	92
Fig. 3.11	Vistas da rua das Palmeiras.....	92
Fig. 3.12	Vistas da rua das Palmeiras.....	92
Fig. 3.13	Arquivo Histórico de Blumenau.....	93
Fig. 3.14	Museu da Família Colonial.....	93
Fig. 3.15	Vista da rua das Palmeiras.....	94
Fig. 3.16	Igreja Evangélica Luterana do Espírito Santo.....	94
Fig. 3.17	Antigo hotel Oliveira.....	94
Fig. 3.18	Escultura de Elke Hering Bell.....	94
Fig. 3.19	Vista do edifício América.....	94
Fig. 3.20	Vista do Horto Edith Gaertner.....	94
Fig. 3.21	Trecho A - Mapa do Biergarten.....	95
Fig. 3.22	Mausoléu Dr. Blumenau.....	95
Fig. 3.23	Fundação Cultural.....	95
Fig. 3.24	Cervejaria Expresso.....	95
Fig. 3.25	Museu da Cerveja.....	95
Fig. 3.26	Vista da rua de contorno do Biergarten.....	95
Fig. 3.27	Vista da rua 15 de Novembro.....	96
Fig. 3.28	A – Biergarten.....	97
Fig. 3.29	B – Biergarten.....	97
Fig. 3.30	Museu da Cerveja.....	97
Fig. 3.31	C - Biergarten,.....	98
Fig. 3.32	D - Biergarten, vista do rio.....	98
Fig. 3.33	E – Biergarten, vista da Prainha.....	99
Fig. 3.34	Obra de arte de Guido Heuer.....	99
Fig. 3.35	Vista para o início do trecho B.....	99
Fig. 3.36	Mapa do trecho B.....	102
Fig. 3.37	Vista para o Biergarten.....	103
Fig. 3.38	Trecho B - Mapa alameda Rio Branco.....	104
Fig. 3.39	Vista da alameda Rio Branco.....	105

Fig. 3.40	Edifício Alameda, antiga sede dos correios.....	106
Fig. 3.41	Vista do Antigo Cine Busch.....	106
Fig. 3.42	Casa do Comércio Johannastift.....	106
Fig. 3.43	Banco Banespa.....	106
Fig. 3.44	Edifício Flamingo.....	106
Fig. 3.45	Vista norte do Grande Hotel Blumenau.....	107
Fig. 3.46	Vista oeste do Grande Hotel Blumenau.....	107
Fig. 3.47	Vista da rua 15 de Novembro.....	108
Fig. 3.48	A - praça Dr. Blumenau vista a partir da rua 15 de Novembro.....	109
Fig. 3.49	Trecho B- Mapa praça Dr. Blumenau.....	109
Fig. 3.50	B-praça Dr. Blumenau, vista a partir da rua 15 de Novembro.....	109
Fig. 3.51	C- praça Dr. Blumenau, vista a partir da avenida Beira Rio.....	109
Fig. 3.52	D - praça Dr. Blumenau.....	109
Fig. 3.53	Vista do café em frente à praça Dr. Blumenau.....	110
Fig. 3.54	E – vista da praça Dr. Blumenau	110
Fig. 3.55	Vista da avenida Beira Rio.....	111
Fig. 3.56	Vista do edifício art déco	111
Fig. 3.57	F-praça Dr. Blumenau.....	111
Fig. 3.58	Trecho B – Mapa entre ruas Nereu Ramos e Floriano Peixoto	112
Fig. 3.59	Vista da rua 15 de Novembro.....	112
Fig. 3.60	Vista da rua 15 de Novembro.....	113
Fig. 3.61	Vista da rua 15 de Novembro.....	113
Fig. 3.62	Vista da rua Ângelo Dias.....	113
Fig. 3.63	Vista da rua 15 de Novembro.....	114
Fig. 3.64	Vistas da rua 15 de Novembro.....	114
Fig. 3.65	Edifício Visconde de Mauá.....	115
Fig. 3.66	Calçada do Edifício Visconde de Mauá.....	116
Fig. 3.67	Vista da rua Floriano Peixoto.....	116
Fig. 3.68	Hotel Hermann.....	117
Fig. 3.69	Vista da rua Curt Hering.....	117
Fig. 3.70	Vista para avenida Beira Rio.....	117
Fig. 3.71	Vista da avenida Beira Rio.....	117
Fig. 3.72	Trecho B – Mapa entre as ruas Floriano e Paul Hering.....	118
Fig. 3.73	Vista da rua 15 de Novembro.....	118
Fig. 3.74	Vista da rua 15 de Novembro.....	119
Fig. 3.75	Vista da rua 15 de Novembro.....	119
Fig. 3.76	Vista da rua 15 de Novembro.....	119
Fig. 3.77	Vista da rua Caetano Deeke.....	120
Fig. 3.78	Vista da rua 15 de Novembro.....	121
Fig. 3.79	Vista da rua 15 de Novembro.....	121
Fig. 3.80	Edifícios bancários.....	122
Fig. 3.81	Edifícios Oswaldo Schwabe, Arcade, e Itaçu.....	122
Fig. 3.82	Vista da rua Paul Hering.....	123
Fig. 3.83	Vista da rua Rodolfo Freygang.....	123
Fig. 3.84	Vista da avenida Beira Rio.....	123
Fig. 3.85	Trecho B – Mapa entre as ruas Paul Hering e Pe. Jacobs.....	124
Fig. 3.86	Vista da rua 15 de Novembro.....	124
Fig. 3.87	Vista da rua Capitão Euclides de Castro.....	125
Fig. 3.88	Vista da rua 15 de Novembro.....	125
Fig. 3.89	Vista da rua 15 de Novembro.....	125

Fig. 3.90	Vista da rua Pe. Jacobs.....	126
Fig. 3.91	Vista da rua Pe. Jacobs.....	126
Fig. 3.92	Mobiliário urbano na rua 15 de Novembro.....	126
Fig. 3.93	Vista da rua 15 de Novembro.....	126
Fig. 3.94	Mapa do lugar da catedral São Paulo Apóstolo.....	127
Fig. 3.95	Catedral São Paulo Apóstolo.....	128
Fig. 3.96	Interior da catedral.....	129
Fig. 3.97	Vista do batistério.....	129
Fig. 3.98	Mapa do trecho C.....	132
Fig. 3.99	Trecho C – Mapa entre a torre do campanário e a praça Prof. José Mosimann.....	133
Fig. 3.100	Vista da rua 15 de Novembro.....	134
Fig. 3.101	Vista da rua 15 de Novembro.....	134
Fig. 3.102	Vista da rua 15 de Novembro.....	135
Fig. 3.103	Vista da praça Professor José Mosimann.....	135
Fig. 3.104	Trecho C – Mapa entre a praça Prof. José Mosimann e a rua Presidente John Kennedy.....	136
Fig. 3.105	Vistas da Avenida Beira Rio.....	137
Fig. 3.106	Vista da chegada pela ponte Governador Adolfo Konder.....	137
Fig. 3.107	Vista do rio Itajaí-Açu.....	137
Fig. 3.108	Vista a partir da ponte Governador Adolfo Konder.....	138
Fig. 3.109	Vista da rua 15 de Novembro.....	138
Fig. 3.110	Vista da rua 15 de Novembro.....	139
Fig. 3.111	Vista da rua 15 de Novembro.....	139
Fig. 3.112	Vista da rua 15 de Novembro.....	139
Fig. 3.113	Vista da rua 15 de Novembro.....	139
Fig. 3.114	Trecho C – Mapa entre as ruas Presidente John Kennedy e Namy Deeke	140
Fig. 3.115	Vista da rua Presidente John Kennedy.....	140
Fig. 3.116	Teatro Carlos Gomes.....	141
Fig. 3.117	Banco Itaú.....	142
Fig. 3.118	Banco Itaú.....	142
Fig. 3.119	Vista da praça do teatro.....	142
Fig. 3.120	Vista da antiga Casa Baumgarten.....	142
Fig. 3.121	Vista da rua 15 de Novembro.....	143
Fig. 3.122	Vista da rua Prof. José Ferreira da Silva.....	143
Fig. 3.123	Vista da Avenida Beira Rio.....	143
Fig. 3.124	Vista da Avenida Beira Rio.....	143
Fig. 3.125	Vista da rua 15 de Novembro.....	144
Fig. 3.126	Vista da rua Namy Deeke.....	144
Fig. 3.127	Rua Presidente Getúlio Vargas.....	144
Fig. 3.128	Trecho C – Mapa entre as ruas Namy Deeke e Travessa Flores Filho ...	145
Fig. 3.129	Vistas da rua 15 de Novembro.....	146
Fig. 3.130	Vistas da rua 15 de Novembro.....	146
Fig. 3.131	Vistas da rua 15 de Novembro.....	147
Fig. 3.132	Vistas da rua 15 de Novembro.....	147
Fig. 3.133	Trecho C – Mapa entre a Travessa Flores Filho e a rua Amadeu da Luz.	148
Fig. 3.134	Vistas da rua 15 de Novembro.....	148
Fig. 3.135	Vista da Travessa Flores Filho.....	149
Fig. 3.136	Vistas da rua 15 de Novembro.....	149
Fig. 3.137	Vistas da rua 15 de Novembro.....	149

Fig. 3.138	Vista da rua Amadeu da Luz.....	150
Fig. 3.139	Vista da rua Pe. Roberto Landell de Moura.....	150
Fig. 3.140	Vista da Praça Victor Konder.....	151
Fig. 3.141	Edifício da Prefeitura Municipal.....	151
Fig. 3.142	Vista da avenida Beira Rio.....	152
Fig. 3.143	Ponte de Ferro.....	152
Fig. 3.144	Cartaz-1.....	160
Fig. 3.145	Cartaz -2.....	160

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. LUGAR, IDENTIDADE E PERCEPÇÃO DO AMBIENTE.....	19
2. A CIDADE DE BLUMENAU.....	36
3. A PAISAGEM DA RUA 15 DE NOVEMBRO.....	85
3.1 Breve consideração acerca de habitações e urbanidade no centro da cidade.....	88
3.2 Da mobilidade no centro da cidade.....	88
3.3 Trecho A.....	89
3.3.1 A Rua das Palmeiras.....	91
3.3.2 O Biergarten.....	95
3.3.2 Análise do trecho A.....	100
3.4 Trecho B.....	102
3.4.1 A Praça Dr. Blumenau.....	108
3.4.2 O lugar da Catedral.....	127
3.4.3 Análise do trecho B.....	129
3.5 Trecho C.....	131
3.5.1 O lugar da Praça Prof. José Mosimann.....	135
3.5.2 O espaço do Teatro Carlos Gomes.....	139
3.5.3 O espaço da Praça Victor Konder.....	151
3.5.4 Análise do trecho C.....	152
3.6 Resumo dos trechos A, B e C.....	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
BIBLIOGRAFIA.....	161
ANEXOS E TABELAS.....	166

GLOSSÁRIO

ACIB	Associação Comercial e Industrial de Blumenau
AFEART	Associação da Feira de Artes e Artesanato
BESC	Banco do Estado de Santa Catarina
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CEOPS	Centro de Operações do Sistema de Alerta da Bacia do rio Itajaí-açú
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura Moderna
COEB	Comissão Organizadora de Exposições de Blumenau
FAMOSC	Feira de Amostras de Santa Catarina
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPPUB	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Blumenau
PMB	Prefeitura Municipal de Blumenau
PROEB	Promotora de Eventos de Blumenau
SERPHAU	Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SEPLAN	Secretaria Municipal de Planejamento Urbano

INTRODUÇÃO

A cidade de Blumenau, localizada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, construiu-se como centralidade de uma extensa colonização abrangendo todo este vale. Esta região insere-se em um contexto geográfico que Ab'Sáber (2003) denomina de “Mares de Morros”, que caracterizam praticamente toda a costa leste brasileira, de áreas mamelonares tropical-atlânticas florestadas, descrevendo que (p. 17): *“tem sido o meio físico, ecológico e paisagístico mais complexo e difícil do país em relação às ações antrópicas. No seu interior tem sido difícil encontrar sítios para centros urbanos de uma certa proporção,[...]”*, tratando-se, ainda, de região sujeita aos mais fortes processos de erosão e de movimentos coletivos de solos de todo o território brasileiro.

Esta cidade tem sua gênese em meados do século XIX, sendo que esses tempos foram marcados por movimentos migratórios principalmente de europeus para as Américas, motivados pelas dificuldades oriundas das transformações sociais e políticas. A revolução industrial alterou os modos de produção e estabeleceu novas relações entre capital e trabalho. Atingiu o campo, deslocou contingentes de indivíduos e iniciou uma nova relação cidade-campo. Na Alemanha, a sua reorganização política durou até 1870. A desestruturação do sistema de relações sociais no campo, cujo sistema era de característica feudal, gerou grande número de desempregados. Conjugaram-se nesta época as dificuldades de sobrevivência dos desempregados com as intenções de governos das Américas em povoar territórios vazios. Assim ofereceu-se a perspectiva de uma vida nova e liberdade, favorecendo as condições para vinda de imigrantes, inicialmente de alemães para o Vale do Itajaí. Após a formação do Estado Alemão, que não via com bons olhos a emigração, vieram imigrantes de outros países europeus.

A fundação da Colônia Blumenau dá-se em 1850 com assentamento para exploração agrícola. Esta colonização evoluiu para uma economia industrial como alternativa às limitadas possibilidades do território para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável. O conhecimento artesanal proveniente da era pré-industrial, associado às idéias do iluminismo, resultou no seu desenvolvimento econômico, transformando-se em centro financeiro regional e pólo de indústria têxtil. A cidade focada no desenvolvimento industrial constrói a rua XV de Novembro como centralidade do comércio. Para melhor entender a sua formação, pesquisou-se o núcleo urbano desta colônia, implantado às margens do Rio Itajaí-Açu, com um traçado que obedeceu à tradição e modelo utilizado pelos povoadores para construir cidades. O lugar

escolhido situa-se no limite da navegação tranqüila do rio, onde foi construído um porto fluvial. A apropriação deste lugar deu-se por um projeto urbanístico cujo traçado procurou acomodar-se às características morfológicas da paisagem local, com malha viária estruturada por uma avenida principal perpendicular ao rio e larga como um boulevard (atual alameda Rio Branco). Em paralelo a esta, uma outra rua (a atual rua das Palmeiras) foi implantada, como lugar do mercado e da administração, de frente para o porto – de acordo com o que indica o mapa de 1864, conforme Fig. 2.5.

A rua principal implantada não se consolidou conforme planejado, ocorrendo o deslocamento do comércio para um eixo de direção ortogonal a esta. O resultado desta variação consolida este eixo ortogonal como a rua principal da cidade, a atual rua 15 de Novembro. Com dinâmica espacial definida por um traçado sinuoso, esta rua proporciona diversidade de ambiências gerada pelas alternâncias de direção. Analisar o resultado da sua conformação é elemento motivador desta pesquisa, partindo de aspectos de construção deste lugar como arquitetura.

Estudar e pensar a cidade trata-se sempre de um exercício de reflexão multidisciplinar, onde os fatores socioeconômicos são determinantes, bem como os culturais que costuram as relações de sua formação e consolidação. Procurou-se dentro do arcabouço legal da administração municipal desta cidade, as leis que tratam do seu espaço urbano, que influíram no resultado da paisagem da rua 15 de Novembro.

Na cidade de Blumenau, o rio Itajaí-Açú é o elemento organizador desta paisagem conformada por montes e vales, características que marcam a geografia do Vale do Itajaí, remeteu olhar desta pesquisa para a morfologia urbana, termo este que segundo Vicente Del Rio (1990) originou-se do entendimento de que, diferentes fases socioeconômicas produzem distintas formas materiais no espaço e, para o conhecimento do meio urbano, as colocações de Lamas (2004), que considera importante a relação objeto-observador e o uso de instrumentos de leitura que permitam organizar e estruturar os elementos apreendidos, orientam esta pesquisa como referência para investigar a respeito de conformação do espaço da rua 15 de Novembro como arquitetura.

As intenções do traçado expresso no mapa do Stadtplatz de 1864 e o resultado espacial do setor central, ainda expõem a marca do antigo traçado, que, se de um lado desenhou-se coerente em relação à morfologia do lugar, pelo outro, enfrentou dificuldades de fenômenos recorrentes da natureza, que se tornariam determinantes no redirecionamento espacial do comércio do centro. O resultado desta conformação resulta em um conjunto arquitetônico diverso.

Este trabalho trata da análise de um setor específico da área central cidade de Blumenau, da paisagem da rua 15 de Novembro como um recorte do seu centro urbano.

O trabalho se desenvolve por método de pesquisa que a caracteriza como qualitativa que de acordo com Serra (2006, p. 185): *“quando a pesquisa é qualitativa pressupõe uma descrição dos eventos; não de todas as características, mas sim daquelas relevantes para atingir o objetivo. Essas descrições podem levar a classificações dos eventos”*. Goldenberg (2000, p. 53) coloca que:

“Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los”,

O resultado pretende revelar o espaço da rua como arquitetura, aqui entendida como indissociabilidade entre o os edifícios e o ambiente construindo ambiências que caracterizam sua paisagem, por meio de análises do olhar do sujeito e referenciando autores que discorrem a respeito de questões de interpretar e descrever as características e qualidades dos lugares, a partir de como se pode perceber.

O trabalho de leitura da percepção da paisagem da rua 15 de Novembro será composto por uma descrição narrativa do deslocamento do observador em seu trajeto, apoiando-se em levantamento fotográfico, em seqüência de visão serial do caminhamento do espaço da rua. Refere o entorno imediato em pontos indicados, com fotografias mostrando o conjunto edificado a partir de pontos de visada.

A leitura procura ampliar o entendimento do espaço utilizando-se de dois mapas: o primeiro, MAPA DE VISULIZAÇÃO DE CHEIAS NIVEL 11.0 METROS - indica a área de alagamento do tecido urbano central por enchente de onze metros; o segundo, MAPA INDICATIVO DA ARQUITETURA DO ENTORNO RUA XV DE NOVEMBRO, mostra o sentido do caminhamento em planta, com os pontos de visada e os pontos topográficos, ilustrando também o posicionamento dos edifícios antigos tombados e os demais edifícios considerados importantes para o trabalho, mostrando os cheios e vazios do lotes.

Para o desenvolvimento do trabalho, os temas foram desenvolvidos em três capítulos. O primeiro capítulo denominado Lugar, Identidade e Percepção do Ambiente que tratam dos conceitos da formação dos lugares, das questões identitárias que dali decorrem, e da

conformação e qualidade da paisagem. Da constituição dos lugares, estudos que tratam da constituição e conformação dos lugares, por autores que tratam da sua construção e dos significados que dali decorrem para os seus indivíduos. Ainda, referenciado em estudos sociais de autores que tratam do evento da globalização, o entendimento de sua interferência nas culturas locais, com reflexos nos seus indivíduos.

No segundo capítulo será apresentada a cidade de Blumenau, ilustrando aspectos sua formação histórica, que influíram na construção do seu espaço, e, em especial, a rua 15 de Novembro. Pelo estudo da sua legislação, selecionou-se deste arcabouço, os itens da legislação urbana, determinantes para a paisagem desta rua.

No terceiro capítulo será praticada a leitura da paisagem da rua 15 de Novembro, por deslocamento linear do observador a partir do centro histórico, que é o seu início, até o seu final na Praça Victor Konder. Referenciada em autores que analisam a paisagem ambiental, a partir de leitura visual, procurou compreender a sua conformação, resultado espacial e ambiência.

A rua 15 de Novembro tem seu conjunto edificado caracterizado por linearidade, conformada por perfil edificado diverso, apresenta trechos de bordas cerradas e trechos de bordas descontínuas ao longo dela, evidencia particularidades resultantes de diferentes períodos da história deste lugar.

1. LUGAR, IDENTIDADE, PERCEPÇÃO DO AMBIENTE

Para estudos que tratam da configuração e sentido de determinado sítio habitado pelo homem, considera-se necessário abordar desde seus aspectos históricos fundantes, bem como conhecer os condicionantes físicos que determinaram sua morfologia, sua evolução político-econômica e seu desenvolvimento sócio-cultural, determinantes para o resultado da conformação espacial do lugar.

Para tal, necessária se faz a aquisição e o entendimento de conteúdos teóricos que dizem respeito à configuração de espaços que constituem a conformação dos lugares e da construção de suas identidades. Ao pesquisador, como ao etnólogo, entende-se caber a busca dos elementos de dados do “lugar” como um “ambiente”, que possam fornecer os conteúdos necessários para o estudo da reconstituição do processo formador. A respeito desses aspectos de gênese de lugar, optou-se por conceitos estudados pela antropologia, e analisados/pesquisados também pela via da fenomenologia.

LUGAR

A palavra lugar, de acordo o dicionário Aurélio, provém do antigo *logar* < do latim *locale*, local, espaço ocupado.

Em “Fenômeno do Lugar”, o teórico Norberg-Schulz (2006, p. 444) refere que “*Na linguagem comum diz-se que atos e acontecimentos têm lugar*”. Pelo seu entendimento, o lugar faz parte da existência e quando nos referimos a este termo, pensamos em algo mais do que uma abstração. Quando pensado como uma totalidade construída de coisas concretas, as suas características de constituição como a forma, cor e textura, definem uma qualidade ambiental como uma essência do lugar, e que, um caráter peculiar pode conferir uma atmosfera singular ao lugar. De maneira geral, cada lugar tem suas particularidades, e essas características são promovidas pelos aspectos da natureza do lugar, ou por especificidades das culturas locais.

Quanto à dimensão ou extensão de um lugar, pensar sua escala torna-se uma abstração quando não o conhecemos. Ela pode ser variável e pode referir-se a um pequeno lugar, como a um pequeno quintal, uma casa, uma cidade ou à extensão territorial de determinada região. Depende do que conhecemos, de como nos relacionamos com ele, e do que significa. Quem

viaja normalmente se refere ao lugar ou lugares onde vai ficar ou passar. Ir a algum lugar faz parte do dia a dia, como ir para a escola, ir para o trabalho. Pode inicialmente parecer uma ação, porém estabelecida por uma condição futura de ir praticar algo em algum lugar.

Por habitar um lugar pode-se entender como parte de uma totalidade de fatos e situações criadas, que por sua vez evoluem modificando-se e configurando um novo ambiente cada vez mais diferente do original que envolve todos os elementos concretos deste ambiente intervindo ou não pelo homem. O mesmo autor desenvolve pensamento procurando abranger a totalidade de um ambiente, considerando que, além de seus elementos constituintes, tem importância a questão de como se relacionam entre si, (id., p. 448):

Os elementos do ambiente criados pelo homem são, em primeiro lugar, todos os “assentamentos” de diferentes escalas, das casas às fazendas, das aldeias às cidades, e em segundo lugar, os “caminhos” que os conectam, além dos diversos elementos que transformam a “natureza em paisagem cultural”. Quando os assentamentos estão organicamente integrados no seu ambiente, supõe-se que são *pontos focais* onde a qualidade do ambiente se condensa e “explica”. Heidegger afirma que: “as casas particulares, as aldeias, as cidades são construções que reúnem dentro delas e em torno delas esse entre multiforme. As construções trazem a terra, como paisagem habitada, para perto do homem e, ao mesmo tempo, situam a intimidade da vizinhança sob a vastidão do céu.”

Em se falando de lugar concreto, além da localização, pressupõem-se limites. Uma ocupação indica uma extensão que tem determinado alcance, (id., p. 448):

[...], a propriedade básica dos lugares criados pelo homem é a concentração e cercamento. Os lugares são literalmente “interiores”, o que significa dizer que “reúnem” o que é conhecido “, e que,” [...] os ambientes criados pelo homem incluem artefatos ou “coisas” que servem de focos internos e sublinham a função de reunião do assentamento.

Norberg-Schulz busca conceitos da filosofia de Heidegger para falar da distinção das categorias entre terra-céu (horizontal-vertical) e fora-dentro, que têm implicações espaciais como conceito mais existencial, pois Heidegger chama de mundo o que fica entre a terra e o céu, e que o mundo é a casa onde habitam os mortais. Ressalta que o mundo se torna um “interior”.

A estruturação de um lugar se dá pela conformação de distribuição dos elementos concretos da paisagem intervida ou não. A intervenção intencional promove a formatação de lugares que para além da finalidade de uso normalmente funcional, podem adquirir qualidades

de ambiência promovendo agradabilidade ou não. A configuração de um lugar determina uma resultante espacial para uso ou fruição. Para o mesmo autor, a estrutura de um lugar deveria ser classificada como “paisagem” e “assentamento”, e analisada pelas categorias de “espaço” e “caráter”. O “espaço”, pela organização tridimensional de seus elementos, *identifica o que é*; o “caráter”, pela atmosfera do ambiente, *identifica como ele é*.

Na realidade, estas noções são interdependentes na análise da qualidade de um lugar; a estrutura tridimensional analisada pelos elementos constituintes de um lugar (espaço) e pela atmosfera do ambiente (caráter), como um conceito mais amplo, como o de “espaço vivido”.

O estudo da construção de um lugar pode ser contado por registros do evento, que permanecem materializados. A etnologia/etnografia resgata os elementos constituintes de gênese, ou de próximos a ela, dependendo dos elementos possíveis e disponíveis para serem pesquisados. Em Augé (2005), encontramos em abordagens estudadas pela antropologia, a dimensão de estudo e busca, de que, (p. 44):

Os relatos de fundação são, raramente relatos de autoctonia, na maioria das vezes, ao contrário, relatos que integram os gênios do lugar e os primeiros habitantes à aventura comum do grupo em movimento. A marca social do solo é muito necessária porque nem sempre ela é original. O etnólogo por sua vez, reencontra essa marcação.

Rossi (2001, p. 147) discorre a respeito do lugar como “locus”, o que se pode estabelecer como *“relação singular mas universal que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele lugar”*. Ainda descreve que este conceito sempre esteve presente nos tratados clássicos. Reportando-se aos antigos, assere que praticavam a escolha dos lugares procurando orientar-se pelas características deles para intervir e adaptar-se às condicionantes naturais de determinado lugar escolhido.

Segundo Norberg-Schulz (2006, p. 454), os romanos tinham um conceito de que cada indivíduo possuía um “genius” como um espírito guardião. *“Esse espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento à morte, e determina seu caráter ou essência”*. Como “genius loci” denominavam-no espírito guardião do lugar, por isso procuravam interpretar, respeitar e adaptar-se às características do lugar, como ambiente a ser intervindo para habitá-lo de maneira a não criar conflitos com o lugar, para nele sobreviver e com ele conviver em boa relação. A intervenção estabelece uma conexão com o sagrado, que cria um “outro”, ou um oposto, com o qual a humanidade deve confrontar-se para habitar.

Os elementos que caracterizam conformação dos lugares, e as circunstâncias por meio das quais eles se organizam, bem como se constituem e permanecem, pode-se entendê-los como definidos pelas particularidades que contribuem para a sua formação, partilhados pelos indivíduos que atuam no processo.

Os indivíduos que se agregam na formação de um lugar e nele se incorporam, identificam-se na sua construção, o mesmo autor, afirma que o lugar significa mais do que uma localização.

Ainda que pela ótica de lugar seja visto como fato social, não pretende este estudo entrar no mérito da análise e da descrição de fatos sociais, observando-se, apenas, que pode também ser percebido como uma totalidade.

A respeito da possibilidade de percebermos a noção de totalidade como um fato social, Augé (2007) se reporta a Mauss e Lévi-Strauss, afirmando que para o primeiro, a totalidade do fato social se dá pela soma das instituições e do conjunto das diversas individualidades presentes e, para o segundo, o fato social total é antes de tudo o fato social totalmente percebido.

No presente estudo, a procura para conhecer motivos da conformação de um lugar leva-nos a respostas que apontam para o entendimento de que indivíduos se organizam por interesses comuns de convivência e de fixação no território, que passa a ser reconhecido como sendo o de *um lugar comum*, e que, para a concretização dessa intencionalidade, viabilize encontro para conjugação de intenção e movimento para a ação. O mesmo autor coloca que, (p. 48):

a organização do espaço e a constituição dos lugares, são no interior de um mesmo grupo social, uma das motivações e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais. As coletividades (ou aqueles que as dirigem), como os indivíduos que a elas se ligam, necessitam simultaneamente pensar a identidade e a relação, e, para fazerem isso, simbolizar os constituintes da identidade partilhada (pelo conjunto de um grupo), da identidade particular (de determinado grupo ou determinado indivíduo em relação aos outros) e da identidade singular (do indivíduo ou do grupo de indivíduos como não semelhantes a nenhum outro).

O mesmo autor (id., p. 51) diz que esta construção concreta e simbólica do espaço que se traduz como “*princípio de sentido para os que o habitam de princípio de inteligibilidade e para quem o observa*”, define o lugar como “lugar antropológico”. Ele tem escala variável e sua caracterização se determina a partir de que se pretendam como: *identitários, relacionais e históricos*.

Certeau (apud AUGÉ, 2005, p. 52), define o “lugar” como uma configuração instantânea de posições, acrescentando que num mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos e singulares, com suas identidades partilhadas em relações de coexistência que constituem o lugar, e que, especificamente para ser histórico, pode conjugar identidade e relação por uma estabilidade mínima. Esse lugar é povoado de história e signos, e seus marcos constituintes não precisam ser necessariamente materializados.

O lugar antropológico é geométrico e pode ser representado pela linha, pelo cruzamento de duas linhas e pelo ponto, que corresponderiam simultaneamente a itinerário, cruzamento e centro, estabelecidos pela circulação de pessoas, definindo as formas elementares do espaço social. Esses espaços podem constituir-se por dimensões variáveis, inclusive monumentais. Podem constituir-se como espaços de trocas, ou para a prática religiosa, política, etc., construídos pelos homens.

Os modos de apropriação dos espaços configurados são definidos pelos usuários e podem proporcionar multiplicidade de usos como por exemplo, quando configurado como espaço de uma praça central possibilitando diversidade de usos: como o religioso para a celebração de cerimônias, ritos e festas em calendários determinados, bem como em outros momentos, para acolher eventos, como o de uma feira livre, ou, ainda, para abrigar um monumento, assim definido por Augé (2005, p. 58): “*o monumento, como indica a etimologia latina da palavra, pretende ser a expressão tangível da permanência ou, pelo menos, da duração*”, e que sua inserção e representatividade no espaço de convívio cotidiano, se coloca como referência de continuidade, de permanência e referência, na noção de que (id., p. 58):

sem a ilusão monumental, aos olhos vivos, a história não passaria de uma abstração. O espaço social é repleto de monumentos não diretamente funcionais, imponentes construções em pedra ou modestos altares de terra, em relação aos quais cada indivíduo pode ter a sensação justificada de que, para a maioria, eles preexistiam a ele e a ele sobreviverão. Estranhamente, uma série de rupturas e descontinuidades no espaço é que representa a continuidade do tempo.

Olhando para um lugar configurado como uma cidade, onde nem tudo seja permanente, Rossi (2001, p. 52) lembra que a respeito da representatividade na cidade, “*As persistências são detectáveis através dos monumentos, dos sinais físicos do passado, mas também através da permanência do traçado e do plano*”, ressaltando ainda que, na continuidade do processo de construção da cidade, o plano pode até modificar-se, mas não se desloca.

Ampliando o foco do olhar de um lugar como contexto, Argan (1992) refere que Alberti¹ para entender o sentido profundo da *forma urbis*, a par de seus estudos dos monumentos de Roma, compreende a formação do sítio a partir dos fatores geográficos determinantes da paisagem natural (id., p.118) já que, “*É a partir desses fatores que se determina, antes mesmo que a forma arquitetônica dos monumentos, a configuração do espaço urbano*”, e que, (id., p. 118):

A rigor, uma vez que o espaço se distingue da dimensionalidade indefinida por sua proporcionalidade geométrica, não há espaço que não seja geométrico, perspéctico, arquitetônico. Não se chega à idéia de cidade partindo da idéia de espaço; ao contrário, sem a idéia de cidade não pode haver idéia da cidade. A busca de categorias fundamentais das funções da vida associada é, portanto, o processo metódico que leva à definição de espaço e, conseqüentemente, da arquitetura.

Este autor afirma (id., p.116), ainda que, “*A construção geométrica da cidade está estritamente ligada à configuração espacial da regio²*”, e que, “*A geometria da cidade está arraigada na morfologia natural e nas necessidades fundamentais da convivência social*”.

Já Kohlsdorf (1996, p. 20) expõe que:

A natureza simultaneamente física e social do espaço arquitetônico e urbanístico faz com que se o caracterize como um, isso é, porção territorial onde se desenvolvem práticas sociais com um gama de possibilidade muito diversificadas, onde se incluem as contemplativas, de fruição estética ou incursões cognitivas.

Um lugar urbano se caracteriza, segundo Ferrara (1993), por elementos de imagem representados por ruas, avenidas, praças, galerias e por essas imagens onde estão as representações que moldam o cotidiano e marcam o cenário cultural da rotina urbana. Já Kohlsdorf, o coloca como espaço arquitetônico, que em relação a outros tipos de espaço, se realiza a partir de certas características espaciais – com diferentes combinações funcionais, admite “n” espaços arquitetônicos e urbanísticos, ou entidades arquitetônicas: o edifício, a praça, a rua, o conjunto de edifícios, a fração urbana, a cidade. Ferrara (1993, p. 201) pela ótica da imagem e uso, enfatiza que: “*nestas imagens estão as representações, a linguagem*

¹ Leon Battista Alberti.

² Régio, de acordo com Argan, arrola os elementos do território que a compõem: planície, montanha, cursos d’água, condições de clima etc.

urbana através da qual não apreendemos as explicações abstratas, mas aquelas constantes que atingem e modelam o nosso cotidiano”, onde se constroem as categorias de manifestação da linguagem urbana.

No que denomina como “máscaras da cidade”, conta a evolução da apropriação do espaço comum da cidade, descrevendo desde os aspectos históricos da transformação do uso do espaço da cidade a partir do espaço da praça medieval até a revolução industrial. Conta, também, como o uso do espaço público, rico como local de trocas e de manifestações de vários tipos onde o indivíduo se ampliava na multidão, expressando seus anseios, valores e crenças, evoluindo a seguir para o contexto da segunda metade do séc. XX, em que, pelo impacto na cultura por um sistema de comunicação e de informação, hoje a rua está vazia da multidão, alterando a imagem e a linguagem do espaço urbano, e modificando conseqüentemente, como se alteram os signos. No enfoque deste olhar crítico, a relativização da imagem urbana nestes tempos dominada pela intimidade, observa-se que é a aceitação pública que domina a vida privada, em que o reconhecimento de todos determina a segurança individual, (id., p. 224):

Daí a aparência, a fachada das habitações ou dos edifícios serem altamente reveladoras: as grades altas e pontiagudas lá não estão como segurança e proteção, mas são signos do poder econômico e, sobretudo, da propriedade, demarcam e exibem a divisão entre o público e o privado, para que se promova o ambicionado reconhecimento social: esta aceitação passa pela exibição dos bens particulares, grades e portões vedam para poder exibir e estão lado a lado com os acabamentos decorativos.

Na concepção desse autor, a imagem urbana é mediação para compreender o significado das relações socioculturais na cidade (id., p. 247): *“Afirmar que a cidade é um espaço de representação, supõe estudar o modo como se manifesta e o que passa a significar para seus habitantes”*.

Sob outro ponto de vista, Kohlsdorf (p. 208), ao falar da identidade local, assim se expressa: *“sabemos que a configuração dos espaços se compõe de um conjunto de predicados fundamentais que estruturam sua identidade, tanto no sentido de sua maneira única de ser, quanto de sua semelhança com outros lugares,”* e que, (id., p. 208) :

Quando nos referimos à identidade dos lugares, ela se relaciona à conservação de certas propriedades e características suas, sob transformação de outras, dispensáveis à formação de seus traços fisionômicos. Significa, por isso, a estabilização de constâncias. Observada como satisfação topoceptiva, a identidade de certo espaço mostra-se por intermédio da composição plástica de elementos morfológicos visíveis, responsável por seu caráter próprio e intransferível, a partir do qual se pode reconhecê-lo de descrevê-lo por meio de predicados, bem como diferenciá-lo de outros. Essas qualidades configurativas oferecem material para a construção de símbolos coletivos, pelo que Correa afirma que identidade é compartilhar códigos pela permanência das coisas no tempo: por isso, edifica a história do sujeito.

Entendendo ver a cidade como totalidade e referida como um lugar, é importante conhecer aspectos relevantes dos processos da construção da cidade da era industrial, que rompeu com a tradição da cidade antiga, tida como mais relacional e humana.

No trajeto de buscas de soluções para compatibilizar crescimento e humanização do viver urbano, vimos o século XIX marcado pela rápida e caótica densificação urbana, desenhar um trajeto marcado por utopias, procurando resgatar a qualidade urbana da cidade antiga, há pouco perdida.

Na contemporaneidade, a descaracterização do uso do espaço público foi movida pelos ventos da globalização que estabelece novas interconexões entre culturas e sistemas de produção diferentes e distantes, promovendo nas sociedades transformações com abrangência global, redimensionando relações de espaço tempo. Encontramos, nos estudos de Hall (2006), referências a respeito do processo que alterou e continua alterando as velhas identidades locais, descrevendo a construção e desconstrução dos sujeitos pelo movimento da modernidade, desde o fim da Idade Média à pós-modernidade, referindo as interações entre o sujeito e sociedade, que na atualidade (p. 9):

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Neste aspecto, este autor desenvolve um olhar que ilustra aspectos de desconstrução/construção da identidade dos sujeitos no percurso da modernidade. Na abordagem, o aparecimento e transformação do sujeito moderno a partir do que considera uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade, o “sujeito soberano”, assim o

denomina, nascido entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, que representou uma ruptura com o passado. A partir das mudanças pelo final da Idade Média, expõe que (id., p.26):

A Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem (*sic*) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.

Pela evolução para a sociedade industrial, pode-se entender por um viés da formação das diferentes posições do sujeito, como o pensamento e o meio podem atuar no modo de vida, construindo uma identidade. Introduce em primeiro lugar, a idéia do sujeito do Iluminismo – centrado na razão, com um núcleo interior na noção de que permaneceria essencialmente o mesmo ao longo de sua existência.

Em segundo lugar, a do sujeito sociológico – que no crescente e complexo mundo moderno, não seria auto-suficiente, e de que iria se alterando pela sua interatividade no processo social, no diálogo com os diversos mundos culturais, na visão sociológica de equilíbrio entre interior e exterior, ou entre mundo pessoal e mundo público, que pressupõe uma situação estável do sujeito, este mesmo autor descreve, (id. p.11):

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Mudanças estruturais e institucionais, impulsionadas pelas mudanças promovidas pela evolução e flexibilização do capital, rompem com as estabilidades, fraturando o sujeito, provocando seu descentramento e deslocamento do sujeito, denominando-o de sujeito pós-moderno, que o próprio autor explicita (id., p.12):

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1982). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

As três concepções do sujeito acima citadas são em alguma medida, simplificações de algo bem mais complexo. O impacto do processo de mudança conhecido como globalização sobre a identidade cultural na modernidade tardia, afirma o mesmo autor:

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos...Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (MARX e ENGELS, apud HALL, 2006, p. 14)

O processo de globalização promove interconexões entre culturas e sistemas de produção diferentes que provocam ondas de transformação social de maneira global nas sociedades modernas, promovendo transformações no tempo e no espaço por novas inter-relações de espaço/tempo:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas das do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano de extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1990, apud HALL, 2006, p. 16).

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença e atravessadas por divisões e antagonismos que refletem a fragmentação do sujeito.

Argumentos de teóricos identificam processos de afrouxamento de fortes laços

internos de culturas nacionais e reforçamento de outros laços e lealdades culturais acima e abaixo do estado-nação (id., p. 73):

a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase do efêmero, no fluuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural descrita por Kenneth Thompson (1992), mas agora numa escala global – o que poderíamos chamar de pós-moderno global.

Pelas observações do mesmo autor, a exposição das culturas nacionais às influências externas dificulta mantê-las intactas frente à infiltração cultural.

Identifica na modernidade um pressuposto de globalização, onde o processo ao mesmo tempo que rompe e atravessa identidades fixas, promove culturas híbridas, fermentando a construção de novas identidades e alterando o sujeito. O sujeito estaria sempre sendo moldado pelas circunstâncias do meio cultural em que está inserido. As reações locais à alterações de identidades estariam associadas à idéia de pertencimento e resgate da identidade local, na tentativa de reconstrução do imaginário cultural, embora agora alteradas em seu sentido original.

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela diferença, atravessadas por divisões e antagonismos que refletem a fragmentação do sujeito, produzindo novas posições do sujeito ou novas identidades para os indivíduos. O mesmo autor ainda refere, que, na modernidade tardia, além da desagregação do sujeito moderno, ocorre o seu deslocamento e descentramento.

Nas sociedades latino-americanas, os cruzamentos culturais podem ser entendidos pelos estudos de Canclini (1997), que analisa o papel da comunicação e dos atores sociais na sociedade, através de abordagens com enfoque das noções do popular, em que, a construção de diversidades em meios aparentemente homogeneizados se traduz em culturas híbridas, poderes oblíquos, memória e conflitos urbanos, descolecionamento de bens simbólicos e desterritorialização, que apontam para apreensão e percepção de questões em aberto a respeito do percurso da modernidade nas sociedades latino-americanas, e os seus conflitos e sincronismos nas relações sociais associadas ao multiculturalismo. Nestas regiões, os fenômenos de transformações produzidas pela modernidade interferem em todos os campos. Seu discurso evidencia também a identificação das construções políticas pelo populismo, e de como este faz uso da cultura para a construção do poder, principalmente nos momentos

estatizantes, em que os valores tradicionais são assumidos pelo Estado e objetivam estabelecer legitimação da ordem, mesclas de participação e simulacros, como interlocutor das reivindicações populares entre este e outros agentes hegemônicos. Para este autor, o populismo, (p. 264):

seleciona do capital cultural arcaico o que pode compatibilizar com o desenvolvimento contemporâneo, [...] os valores tradicionais do povo, assumidos e representados pelo Estado, ou por um líder carismático, [...] e dão aos setores populares a confiança de que participam de um sistema que os inclui e os reconhece.

Quando ocorre a desconstrução deste tipo de relação pela reorganização neoliberal dos estados, ocorre o achatamento do jogo simbólico e a dramatização das esperanças. Os populismos em geral, de esquerda ou de direita, praticam tática de sedução, aproximando-se das classes subalternas, procurando identificar-se com a essência popular.

Com o progresso da globalização, ocorre na América Latina, o desmonte do Estado e a ascensão do neoliberalismo combinado com recessão econômica e redução do uso da cidade para teatralização política, onde (id., p. 288):

a mobilização social, do mesmo modo que a estrutura a cidade, fragmenta-se em processos cada vez mais difíceis de totalizar. A eficácia desses movimentos depende, por sua vez, da reorganização do espaço público, [...] e, as identidades coletivas encontram cada vez menos na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco constitutivo.

A flexibilização do capital e a globalização reescrevem o cotidiano das pessoas, alterando a certeza pela incerteza, consumindo o tempo de interação pelo lazer, permutado pela necessidade da sobrevivência do dia-a-dia, promovendo o isolamento dos indivíduos, proporcionando aos agentes midiáticos sua presença como mediadores da identidade, relocando o sentido de espaço público, simulando agregar o imaginário desagregado, colaborando para superar essa fragmentação enquanto trata dos aspectos sociais do cotidiano coletivo. Ademais, também coordenam as múltiplas temporalidades quando relacionam patrimônios históricos, étnicos e regionais diversos, comunicando-se com expectadores diversos. (id., p. 290) “*A cultura urbana é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas*”. Em relação ao espaço da cidade, (id., p. 303), acrescenta:

Também no espaço urbano o conjunto de obras e mensagens que estruturava a cultura visual e davam gramática de leitura da cidade diminuíram sua eficácia. Não há um sistema arquitetônico homogêneo e vão-se perdendo os perfis diferenciais dos bairros.

Na realidade, o mesmo autor coloca que, o que se presencia hoje, é a produção sufocante da publicidade que satura a informação, dissolve a memória e cria expectativa para novidades.

Na fermentação do processo de desenvolvimento das sociedades atuais, com a velocidade das mudanças, alterações das posições dos sujeitos e sociedades, fragmentados e deslocados pelo turbilhão de mudanças nos caminhos de desenvolvimento do capital que se expande de maneira fluída para as sendas da hegemonia, expressa sua concentração em grandes conglomerados industriais, comerciais e financeiros, ocasionando nos meios urbanos e arredores, o aparecimento de certas estruturas espaciais que recebem grande fluxo de pessoas e mercadorias, configurando o que Augé (2005, p. 87) denomina como “não-lugares” da supermodernidade. Define que *“por não-lugar designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transportes, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços”*, e complementando, que como espaço social, (id., p. 87) *“os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam uma tensão solitária”* Os não-lugares se caracterizam por trânsito de pessoas e mercadorias e não fixam identidade.

Os lugares podem ser estudados e apreendidos por meio de diversos olhares. Relativo à interpretação e leitura do lugar, encontramos referências em Kohlsdorf (1996), por seus estudos, que a partir da visão de diversos autores, dirige foco do olhar sobre a cidade como arquitetura, a partir do que, define como (p. 17): *“certa maneira de olhar a cidade, segundo a qual atribuímos qualidades arquitetônicas a seus lugares”*, considerando que a forma dos lugares responde bem ou mal a anseios dos indivíduos, e que, sendo ou não considerada nos projetos, ela existe sempre e apresenta comportamentos em relação a expectativas sociais, ressaltando a autora, que (id., p. 23) *“a abordagem da cidade como arquitetura é uma experiência muito antiga”*, pois, (id., p. 26):

os lugares possuem, com qualquer fenômeno real, capacidade de transmitir mensagens que serão interpretadas como revelação de certos sinais codificados. A arquitetura urbana comunica-nos informações de várias naturezas, expressando suas diversas características por meio de signos captáveis por nosso sistema de sentidos,

e, (id., p. 22):

a configuração dos espaços possui desempenhos diferenciados relativos a expectativas sociais de diversas naturezas: possibilitar ou não a acessibilidade entre locais de habitação e trabalho; provocar emoções de beleza ou de insatisfação estética; garantir ou não sombreamento em regiões de insolação excessiva; permitir ou restringir aglomerações etc.

Ainda, pela mesma autora, as três vertentes tradicionais de abordagem do desempenho morfológico tem pontos em comum que contribuem por se referirem a processos de apreensão do espaço: seja de natureza *estética, emocional* ou *informativa*, em que, (id., p. 38) “*o aprendizado dos lugares por meio de suas estruturas plásticas é uma possibilidade simultânea dos processos sociais e dos mecanismos mentais*” e que, (id., p. 220) “*são leis de organização das formas que examinam a natureza e as relações entre seus componentes, a partir do princípio de que toda configuração é uma totalidade produzida pela articulação de elementos morfológicos entre si*”.

Trata da apreensão do espaço arquitetônico quanto aos efeitos topológicos e pelo espaço perspectivo; do nível de formação da imagem mental pelas qualidades ou características do espaço urbano da cidade como um conjunto abrangente de normas pelo que denomina como “Leis de Composição Plástica”, e também referências aos estudos de Lynch (1997), que tratam de caminhos, pontos focais, marcos visuais, limites e bairros.

Cullen (1983) propõe uma análise de percepção da paisagem do ambiente pelo caminhar na paisagem urbana revelada pelo que define como visão serial, onde o espaço arquitetônico da cidade pode ser percebido por meio da análise visual local, e de conteúdo da diversidade da paisagem.

Os elementos físicos que estruturam o ambiente intervindo pelo homem podem construir complexidades, atratividades e sentidos, onde estudos de Rapoport (1978, p. 26) que aprofunda o olhar para os ambientes pesquisando particularidades inerentes, descrevendo que - “*el medio ambiente construido tiene por supuesto, otras propiedades. Por ejemplo, es también, y de un modo esencial, una organización de significados y, como consecuencia, los materiales, las formas y los detalles se convierten en elementos importantes*”. Diz também, que o espaço configurado é sempre permeado por algo mais do que sugerem os elementos constituintes de sua realidade física e tridimensional, explicitando (id., p. 29): “*Dado que el medio ambiente urbano es la organización del espacio, tiempo, significado y comunicación,*

nos conciernen más las relaciones entre elementos y las reglas subyacentes a estas relaciones que los elementos por ellos mismos (Rapoport 196)”.

Os sentidos e significados constroem-se pelas relações que ocorrem nas respectivas culturas, pelo compartilhamento de crenças, valores, pontos de vista a respeito do mundo. Sob este ponto de vista o mesmo autor considera que o importante no espaço urbano são as questões relacionais que se constroem entre espaço público e espaço privado. Ainda, a respeito de configurações espaciais, tem atenção voltada para questões de particularidades que os ambientes podem apresentar, das respectivas variabilidades que podem caracterizá-los e diferenciá-los por meio de sua complexidade ambiental, nos quais a percepção de ambigüidades pode ser constatada nas palavras que seguem, (id., p. 196):

3-existem dos modos de conseguir la complejidad: a través de la ambigüedad, entendida como multiplicación de significados, no como incertidumbre, y usando el diseño alusivo y abierto; o través de medio ambientes ricos e invisibles desde um único punto de vista, poseyendo cierto misterio y cierta sorpresa.

Esta afirmação coloca-se como alternativa possível frente à insatisfação gerada nos ambientes de projetos urbanos modernos, destinados preferentemente, à simplificação e controle total do meio.

De modo geral, para o estudo dos ambientes e da sua percepção, encontram-se em diferentes autores, pesquisas que tratam da *visibilidade, legibilidade e funcionalidade*, as quais promovem apreender maneiras que possam promover, além da praticidade do espaço, a agradabilidade e emotividade, conseguidas de acordo com os graus de variabilidade das configurações espaciais de seus ambientes.

As leituras das paisagens podem orientar-se interpretando os elementos constituintes por meio de agrupamentos de elementos que conformam lugares ou trechos de um caminho, por intermédio de avaliação pelo 3º. Grupo de Leis de Composição Plástica, que possibilitam examinar a natureza e as relações entre seus componentes baseadas na teoria da Gestalt, como as sugeridas pelas figuras de Kholstorf (1996), enumeradas a seguir:

a) Formação de totalidades (p. 222):

Toda forma física é uma totalidade que obedece a uma lei dinâmica, mas que processa o equilíbrio pela anulação de forças. Nesse sentido, os contrastes favorecem a realização de totalidades na percepção, enquanto as figuras polivalentes, inquietas, reversíveis e ambíguas dificilmente as configuram.

b) Relação de figura x fundo (id., p. 223):

Esta lei é pressuposto da percepção das totalidades na teoria da Gestalt e estabelece relações de complementaridade entre figuras planas. A dinâmica do contraste o vínculo, enquanto as ambigüidades o tornam reversível. São condições complementares: o tamanho relativo das duas partes, onde a figura é, geralmente, a menor; as relações topológicas, onde a figura fica incluída e cercada pelas demais; o tipo de contorno que, na figura, a delimita de maneira preferencialmente convexa; a orientação, que estabelece a figura como zonas cujos eixos coincidem com a direção principal da composição. As condições acessórias à percepção do vínculo entre figura e fundo são sua textura (quanto mais compacta melhor) e sua cor (onde a intensidade e o brilho favorecem a apreensão do fenômeno).

c) Experiência passada, sob a forma de memória (id., p. 223):

“Constrói a noção de familiaridade na percepção das formas, fazendo com que haja preferência por objetos como os quais já tivemos experiência de registros perceptivos”.

d) Segregação e unificação (id., p. 223):

“A igualdade de estimulação ótica favorece a unificação – ou seja, coesão – de elementos morfológicos, enquanto a desigualdade de estímulo estabelece a segregação dos mesmos”.

e) Proximidade (id., p. 223):

“Elementos morfológicos próximos tendem a constituir totalidades, prioritariamente àqueles que se encontram afastados entres si”.

f) Semelhança (id., p. 223):

“Elementos morfológicos com algum tipo de semelhança tendem a se agrupar, formando totalidades. Esta lei pode ser vista como um deslocamento de elementos morfológicos parecidos em direção ao mesmo destino”.

g) Fechamento (id., p. 224):

“As totalidades morfológicas tendem a ser unidades fechadas segregando uma superfície do resto do campo”.

h) Continuidade e direção (id., p. 225)

Toda configuração linear tende a se prolongar, mantendo-se totalidade, na mesma direção e com o mesmo movimento. Na formação de totalidades, em geral, a direcionalidade é fator importante, pois organiza os elementos morfológicos segundo um sentido geral de orientação principal da composição (horizontal, vertical, inclinada)

Os conceitos aqui apresentados forneceram conhecimentos necessários como suporte teórico para o desenvolvimento do presente trabalho. Permitiram o entendimento das questões relativas à conformação de lugares para habitar e sua inserção nos ambientes.

Nesse sentido, os conceitos estudados de Norberg-Schulz (2006), permitiram a compreensão do conhecimento da natureza dos ambientes, para inserção dos assentamentos para habitar. Sua contribuição analítica é chamar atenção para a convivência harmônica com o ambiente.

Já, para compreender a dimensão cultural, recorreu-se à antropologia, e principalmente as investigações de Augé (2005). Mais precisamente do processo de construção de lugares, da motivação e as relações que dali recorrem.

Dos estudos de Augé, importantes conhecimentos desenvolvidos pela antropologia, que trata da construção dos lugares, da motivação e as relações que dali decorrem, e construção de sentido para os indivíduos envolvidos.

Para entender a importância das imagens e representação no espaço urbano, pelos estudos de Ferrara (1993), a importância das relações e significados.

Para analisar os fatos sociais da sociedade contemporânea, da evolução da tecnologia da informação e dos processos de produção, e o reflexo na identidade dos indivíduos, apoiamo-nos em conhecimentos de Hall (2006), que trata da crise de identidade dos sujeitos, e dos estudos sociais de Canclini (1997), a respeito dos atravessamentos nas culturas locais, pelo caminho da modernidade em países subdesenvolvidos. Com este panorama, pretendeu-se contextualizar aspectos da contemporaneidade em relação ao objeto de estudo.

Para a especificidade dos aspectos da paisagem do lugar, o estudo baseou-se em autores que tratam de percepção ambiental, como por exemplo, de Kohlsdorf (1996) referenciou-se aspectos panorâmicos da conformação da arquitetura, para uma abordagem que possibilitaram apreensão e descrição, segundo parâmetros estéticos, de segmentos que configuraram determinados agrupamentos edificados, procurando interpretá-los como partes que fazem parte de um conjunto maior que é o lugar da rua como arquitetura.

Os ambientes, de acordo como se configuram e de como evoluem social e economicamente, refletem e se traduzem nas suas peculiaridades. Embora a atividade de construir remeta práticas comuns dentro das culturas, o conhecimento de estudos de Ferrara (1993), foram importantes para compreensão das relações que ocorrem pelo uso do espaço público. Complementou-se, pelos estudos de autores como Cullen (1983), Lynch (1990), Rapoport (1978), para abordagem de especificidades de elementos da paisagem urbana apoiando e referenciando seus estudos e conceitos para melhor descrever a paisagem da rua.

2. A CIDADE DE BLUMENAU

O começo da cidade se dá pelo início de ocupação do território do Vale do Itajaí a partir de 1850, com a fundação da Colônia Blumenau.

O Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, incentivado pelas intenções do Império em povoar as extensas áreas vazias no sul do Brasil, escolhe a região do Vale do Itajaí para empreender assentamentos humanos e funda a colônia juntamente com um sócio, Fernando Hackradt. Promoveu inicialmente a vinda de imigrantes alemães que ocuparam os primeiros lotes para desenvolvimento de agricultura.

A povoação estabelece seu núcleo inicial no limite de navegação tranqüila do Rio Itajaí-Açú, na foz do Ribeirão Garcia. A ocupação se dá fixando sua sede na margem direita da foz do ribeirão, onde se configura o centro administrativo da colônia.

Este centro implantou-se como local de trocas comerciais e centro da administração da colônia. Limitado pelo ribeirão Garcia, pelo rio Itajaí-Açú e pelo Morro do Aipim, nele se localizou o antigo porto fluvial ligando com o porto de Itajaí, até a década de 1950, passando a ser feita pela Estrada de Ferro.



Fig. 2.1 – Ilustração da sede da colônia
Fonte: Peluso



Fig. 2.2 – Vista da sede da colônia, 1850-1900
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.3 – Centro administrativo da colônia, 1850-1900
Fonte :Arquivo Histórico de Blumenau

Silva (1972, p.63) apresenta-nos assim a colônia:

Segundo se verifica do mapa publicado, juntamente como o livrinho do Dr. Blumenau, vindo à luz na Alemanha, em 1858, a Colônia de Blumenau estava dividida em seis zonas, medidas, demarcadas e já habitadas. A primeira, denominada Stadtplatz (lugar do povoado), era a sede da Colônia e compreendia 56 lotes urbanos, de superfície variada, que se estendiam desde um pouco acima da foz do ribeirão Bom Retiro, pelas margens do Ribeirão Garcia acima, até as extremidades da atual rua Progresso, e, pela margem direita do Itajaí Açú, até as proximidades da atual rua Namy Deeke. A segunda zona era constituída de 22 lotes coloniais (de 150 a 200.000 m² cada um) com frente para a margem direita do Ribeirão Garcia. A 3ª, de 19 lotes, de diferentes áreas, à margem esquerda do mesmo Ribeirão. A 4ª, de 22 lotes coloniais, começava no morro da Boa Vista e ia pela margem direita do Itajaí Açú até pouco abaixo do Salto. A 5ª, de 24 lotes, pela margem esquerda do Itajaí, da foz do ribeirão Itoupava para baixo, ou seja, o atual bairro de Itoupava Norte. Finalmente, a 6ª de apenas 7 lotes, à margem esquerda do Itajaí, da divisa de Ponta Aguda para baixo.



Fig. 2.4 – Mapa da Colônia Blumenau, 1858
 Fonte: Ferdinand Schröder, edição P. Mattedi



Fig. 2.5 – Mapa do Stadtplatz, 1864

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau, edição P. Mattedi

Segundo Peluso (1991), a característica de implantação do Stadtplatz assemelha-se a esquema de traçado oriundo da tradição de implantação de cidades alemãs da região de origem dos imigrantes, que provinham da região setentrional e oriental da Alemanha, como a cidade de Lübeck³, que não sofreu influência do tipo de traçado de cidades intervindas ou oriundas da ocupação romana.

O elemento principal da articulação do espaço destes núcleos urbanos foi o comércio, não se observando neles a presença de igrejas.

De acordo com o mesmo autor, o caso de Lübeck, cujo povoamento inicial é de 1143 e se localizou no setor sul, como ilustra a Fig. 5, com o castelo ao norte. Cita esta cidade como um dos exemplos da história urbana do leste e norte da Alemanha, depois da fundação da Liga das Cidades Hanseáticas. Nela, em 1158, um novo povoamento acontece no centro da península, quando 24 comerciantes encarregados do traçado e da organização deste núcleo, se instalaram nos lotes defronte ao espaço retangular do mercado, posicionado entre duas ruas norte-sul.

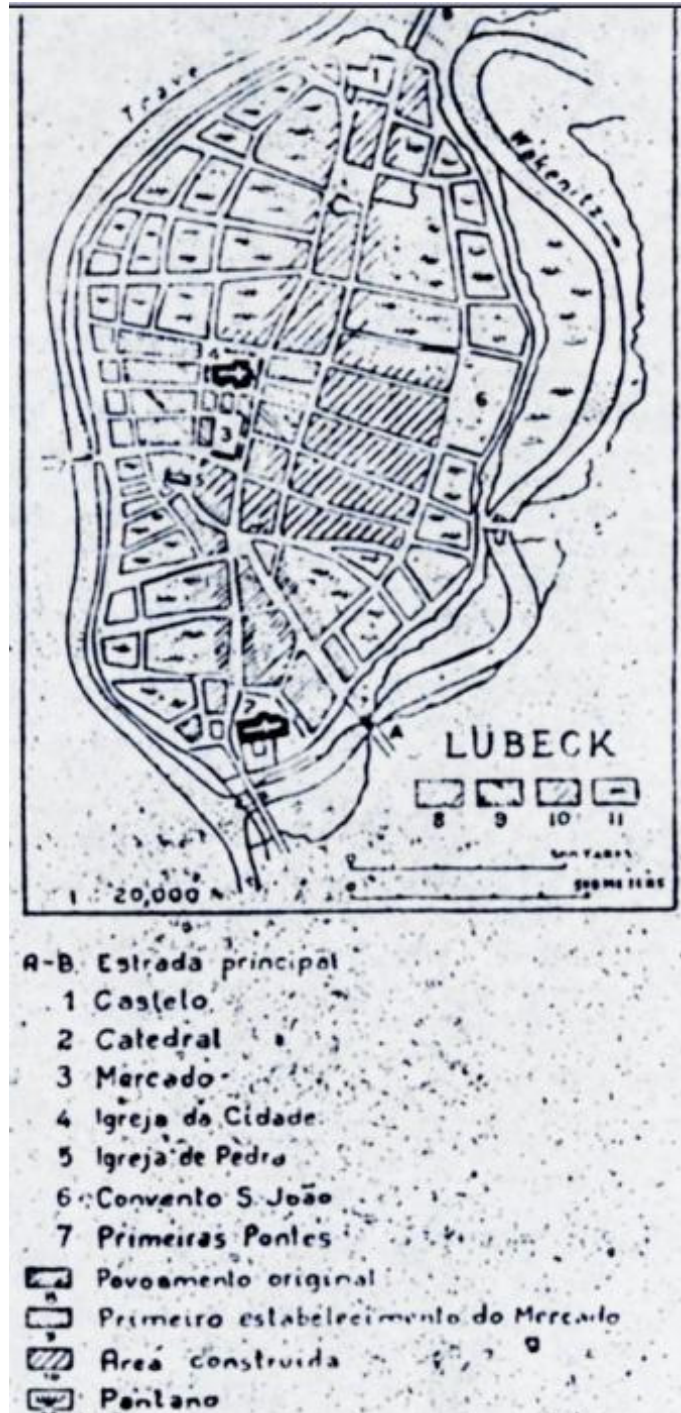


Fig. 2.6 - Plano de Lübeck
Fonte: Peluso

³ Cfe. Peluso (1991, p.394) “a planta de Blumenau mostra como o núcleo primitivo da cidade obedeceu à tradição de Lübeck”.

Este lugar quando cresceu a partir deste traçado, procurou acomodar-se às condições do terreno, que tinha áreas de pântanos. Mais tarde, a catedral é edificada ao sul, lugar do núcleo inicial. De maneira geral, o modo pelo qual se implantavam povoadamentos, o mesmo autor elucida que:

O plano das cidades a que deu nascimento a colonização alemã do Leste é assim descrito pelo urbanista Bernoulli: “ A cidade deve estar segura sobre o dorso da montanha ou protegida por um rio; deve ter um mercado, uma rua principal comprida e larga que chega a um amplo quadrado no centro. Seu sistema de ruas deve ser compreensível à primeira vista...A igreja com seu cemitério deve ficar apartada do tráfico, mas de maneira que a nave maior e o campanário, emergindo do alto das casas, dominem a praça principal”. [...] O plano de Lübeck foi imposto a muitas fundações , mesmo quando o sítio não o indicava (65). Formou-se, assim, a tradição na Alemanha do Norte e do Leste. Para os homens dessas regiões, a cidade deve agrupar-se em torno do lugar do comércio, onde chegam as estradas que ligam à zona rural. Fora dessa praça está a igreja. A subordinação do plano é assim, feita ao comércio. Peluso (1991, p. 392)



Fig. 2.7 – Vista aérea do centro antigo da cidade de Lübeck, Alemanha
 Fonte: Google, www.isp.uni-luebeck.de/if104/LI/index.htm

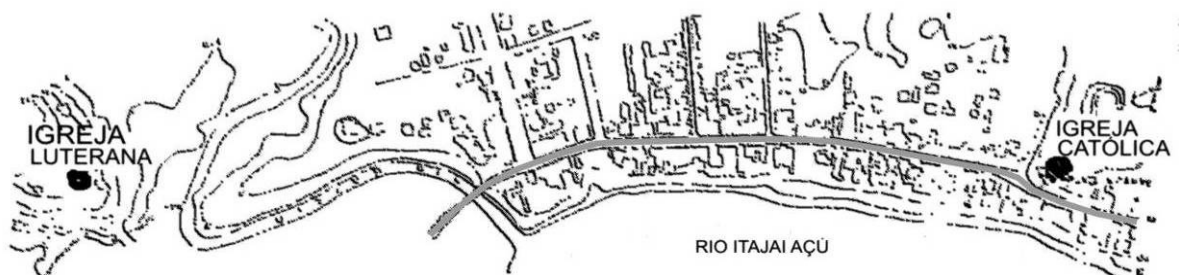


Fig. 2.8 – Templos católico e protestante em Blumenau
 Fonte: Peluso, edição P. Mattedi



Fig. 2.9 – Mapa do Stadtplatz sobreposto à foto do centro da cidade

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau e Prefeitura Municipal /foto aérea – 2003, edição P. Mattedi

A característica de implantação das edificações na área central é de afastamento entre elas. Günter Weimer (1983), em “Arquitetura da Imigração Alemã”, descreve algumas tipologias da maneira germânica de constituir aldeamentos, onde as casas não são geminadas, e sim independentes ao longo de uma rua onde se desenvolve o comércio, bem como demais serviços e atividades coletivas, citando a formação da *Strassendorf*.

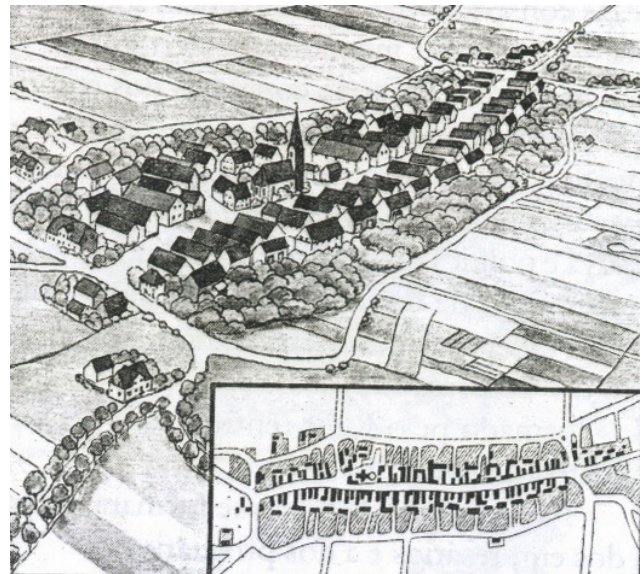


Fig. 2.10 - Strassendorf

Fonte: Günter Weimer

No plano do Stadtplatz, as vias correspondentes à alameda Duque de Caxias (rua das Palmeiras) e à alameda Rio Branco, constituíram-se em estruturantes do núcleo urbano inicial da cidade. Neste traçado, a rua 15 de Novembro está representada como um caminho de muitas voltas desde o traçado da rua Floriano Peixoto e contornando acidentes naturais até o

Ribeirão da Velha, recebeu na época o apelido de “Bratwurststrasse” – rua da linguiça. Com o desenvolvimento da colônia o comércio expandiu-se para esta direção, tornando-a conhecida também como a Rua do Comércio, sendo que em 1890 recebeu o nome de Rua 15 de Novembro constituindo-se na rua principal da cidade, hoje palco de desfiles, comemorações e atração turística.

Uma curiosidade do tempo do desenho da rua 7 de Setembro de acordo com o parecer para o relatório de tombamento N° 009-T-2008 da casa de n° 225 desta rua, da Sra. Sueli Petri, diretora do Arquivo Histórico de Blumenau, cita uma intervenção do fundador da colônia dizendo que “de linhas retas e monótonas a Europa está cheia”. Segundo a diretora, este traço foi feito em curva e em vermelho sobre o desenho de projeto de então.

A colônia, como um empreendimento privado não se sustentou e, em 1858, foi incorporada à estrutura administrativa e judiciária da Província de Santa Catarina. As construções iniciais de ranchos de madeira foram substituídas, disseminando-se o uso da técnica do enxaimel⁴, conhecido na Alemanha como *fachwerk*.

O mapa de 1864 mostra o desenho de distribuição dos lotes. O assentamento colonial estruturou-se demarcando os lotes coloniais ao longo do rio e dos ribeirões, perpendiculares a estes, com caminhos de interligação abertos próximos das margens, acompanhando as curvas de nível. Os lotes estreitos e longos, equivalentes a uma colônia (entre 242.000 e 300.000 m²) determinam a estrutura fundiária do município, marcam a morfologia urbana atual. Este modelo de parcelamento é difundido para toda a colônia, onde formaram pequenos centros como sedes de futuros municípios.



Fig. 2.11 – Mapa da Colônia Blumenau, 1864
 Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau, edição P. Mattedi

⁴ Enxaimel – De acordo com o Dicionário Aurélio, 2ª. ed.,= [De provável origem árabe.]. “Cada uma das estacas ou grossos caibros que, juntamente com as varas, constituem o engradado das paredes de taipa, destinado a receber e manter o barro amassado”.

Em 1873, pela Lei Provincial 694, a colônia é elevada à categoria de freguesia passando a ser denominada como São Paulo Apóstolo de Blumenau, subordinada ao Município do Santíssimo Sacramento de Itajaí.

Em 1874 tem início a construção do edifício da Casa de Câmara e Cadeia⁵, que posteriormente receberia também a sede da Prefeitura. No mesmo ano tem início a obra de ligação por estrada com o interior na direção do Alto Vale e para o planalto catarinense, pela margem do rio Itajaí-Açú. Em 1878 ocorre a fundação da Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajhay-Blumenau e no ano seguinte, inicia suas operações de transporte para o litoral.

No ano de 1880, a Colônia foi desmembrada de Itajaí, passando à categoria de vila. Neste ano uma enchente atingiu 15,30 metros ocasionando severos transtornos e prejuízos. A Câmara Municipal foi constituída em 1882, porém como município funcionou efetivamente no ano de 1883. Neste ano, no dia 30 de abril, a Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina entrega o Código de Posturas de Blumenau.

Esta primeira legislação, embora para um pequeno núcleo urbano, incorpora preceitos do pensamento higienista de cunho sanitaria do século XIX, com normativas para qualidade, condutas para ordem, sociabilidade e limpeza no espaço público. Do Capítulo I ao V, trata dos aspectos para garantia da segurança no espaço público, dos aspectos sanitaria de comercialização de alimentos e das drenagens, da tranquilidade no espaço público e de manutenção do sistema viário de ruas, estradas e caminhos.

No Capítulo VI, trata das construções em seus aspectos técnicos e construtivos de qualidade das edificações e de sua imagem na paisagem urbana, em cujo Art. 46º requer o uso de materiais resistentes para coberturas: *“Todas as cazas que d’aqui em diante forem feitas, dentro dos limites da vila e povoações e suas visinhanças, serão cobertas com telhas”*, embora não especifique de que tipo.

As diretrizes também impõem um parâmetro mínimo para as edificações, estabelecendo, no Art 48º, que: *“Nenhum prédio será edificado sem ter pelo menos 4 metros do frechal”*, dentro da vila, excluindo edificações fora das povoações.

Volta-se a seguir, à estética das fachadas dos edifícios, exigindo dimensões padronizadas de aberturas das portas, janelas, e ornamentos para fachadas, explicitando, no mesmo artigo:

⁵ A evolução urbana de Blumenau: o (des)controle urbanístico e a exclusão socio-espacial. Siebert (1999, p. 87)

[...] Todos os prédios terão cimbalhas e as portas e janellas terão as dimensões constantes dos modelos existentes na Secretaria da camara, onde poderão ser examinados pelos interessados. Todo aquele que infringir as disposições deste artigo, será multado em [...] e obrigado a demolir a obra.

Preocupada com a imagem dos edifícios na paisagem, dispõe sobre a composição dos seus telhados, objetivando certa ordem para suas figuras no ambiente, exigindo, pelo artigo 50º:

“Fica proibida a edificação da chamada meia água, na villa, povoações e suas vizinhanças”.

A cidade como centro da colônia, vê o seu movimento urbano crescer em número de pessoas e de transporte por carroças que chegam da região, exigindo melhorias de caminhabilidade nas ruas, legislando sobre a separação do tráfego dos pedestres, segundo expressa no Artigo 49º:

“Os proprietários que edificarem serão obrigados a calçar suas testadas com 1,8 metros de largura, seguindo o nivelamento da rua. [...]”.

O período de 1850 a 1880 caracterizou-se pela abertura de caminhos ao longo do Vale do Itajaí para demarcação dos lotes coloniais, desbravando florestas para o assentando famílias de colonos, que por sua vez praticaram uma economia baseada na agricultura de subsistência, em que:



Fig. 2.12 – Vista da rua 15 de Novembro, 1897 - entre as ruas Caetano Deeke e Pe. Jacobs
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.13 – Vista da rua 15 de Novembro, 1850-1900 - entre as ruas Caetano Deeke e Pe. Jacobs
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.14 – Vista da rua 15 de Novembro, 1850-1900 - entre as ruas Floriano Peixoto e Pe. Jacobs
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

“nesta fase, os camponeses colocavam no mercado o excedente de suas pequenas propriedades através do” vendeiro “comerciante que funcionava como um banco primário (acumulando mercadorias e exportando-as para fora da colônia), numa relação não monetária. O crescimento populacional, pela imigração, e o incremento da produção agrícola permitiram a ampliação da divisão do trabalho, com alguns colonos voltando a seus antigos ofícios, resultando no desenvolvimento do comércio e de algumas manufaturas artesanais de produtos primários”. (TOMIO, 2000, p.69 apud SINGER, 1968:94-111; HERING, 1987:24-76).

Este autor coloca ainda que os estudos de Singer (1986) apontam para o fato de que o decréscimo de vinda de novos colonos, a partir de 1880, restringe o mercado consumidor para a competição entre os que estão estabelecidos. A falta de um bom produto para exportação, somada à limitação de meios de transporte para acessar mercados externos à colônia, estimula a saída para “*uma divisão do trabalho não mais baseada na equação: economia de subsistência-artesanato, mas na equação: economia de mercado-indústria*” (TOMIO, 2000, p. 69, apud SINGER, 1968:111). E mais (id., p. 69):

A transposição histórica do padrão de desenvolvimento agrícola deu origem à segunda fase econômica de Blumenau (1880-1914): *a da pequena indústria*. Concorrem para isto, alguns atores fundamentais: 1) a acumulação de capital pelos comerciantes (“vendedores”) e seu investimento em atividades de transformação industrial; 2) a existência de um mercado interno formado pelas colônias que garantiam a colocação inicial das mercadorias; e 3) a experiência profissional e o conhecimento técnico dos imigrantes fundadores das primeiras indústrias.

Por este tempo, nascem pequenas empresas de atividade têxtil como a Hering, em 1880, na rua 15 de Novembro, a Karsten, em 1882, no caminho de Pomerode, e a Garcia, em 1884, no Garcia. Tomio refere que o conhecimento técnico trazido por imigrantes, como no caso dos irmãos Bruno e Hermann Hering, oriundos da região da Saxônia e de longa tradição familiar no ramo têxtil, remonta à sua participação como mestres e tecelões em corporações medievais. Esta atividade secundária da economia, pelo final do século XIX, dá origem à futura indústria têxtil que se tornaria o motor da economia local.

Em termos de conexões rodoviárias no território do Vale do Itajaí, em 1900 conclui-se a ligação rodoviária com o interior na direção do Alto Vale, chegando até Rio do Sul. Para a direção de Joinville, a ligação foi concluída em 1897, feita via Guaramirim.

A ligação fixa entre as margens esquerda e direita do rio deu-se pela Ponte Lauro Müller no Bairro Salto do Norte, construída em 1913, e conhecida como Ponte do Salto, localizada no lado norte da cidade. Em 1912, na direção de Itajaí, uma picada é transformada para trânsito de carroças. Investimentos ocorrem em outras atividades, diversificando a



Fig. 2.15 – Ponte do Salto antiga, e atual

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau e

Google http://picasaweb.google.com/lh/photo/x9vxUjqifWF_EhpC15kUsw

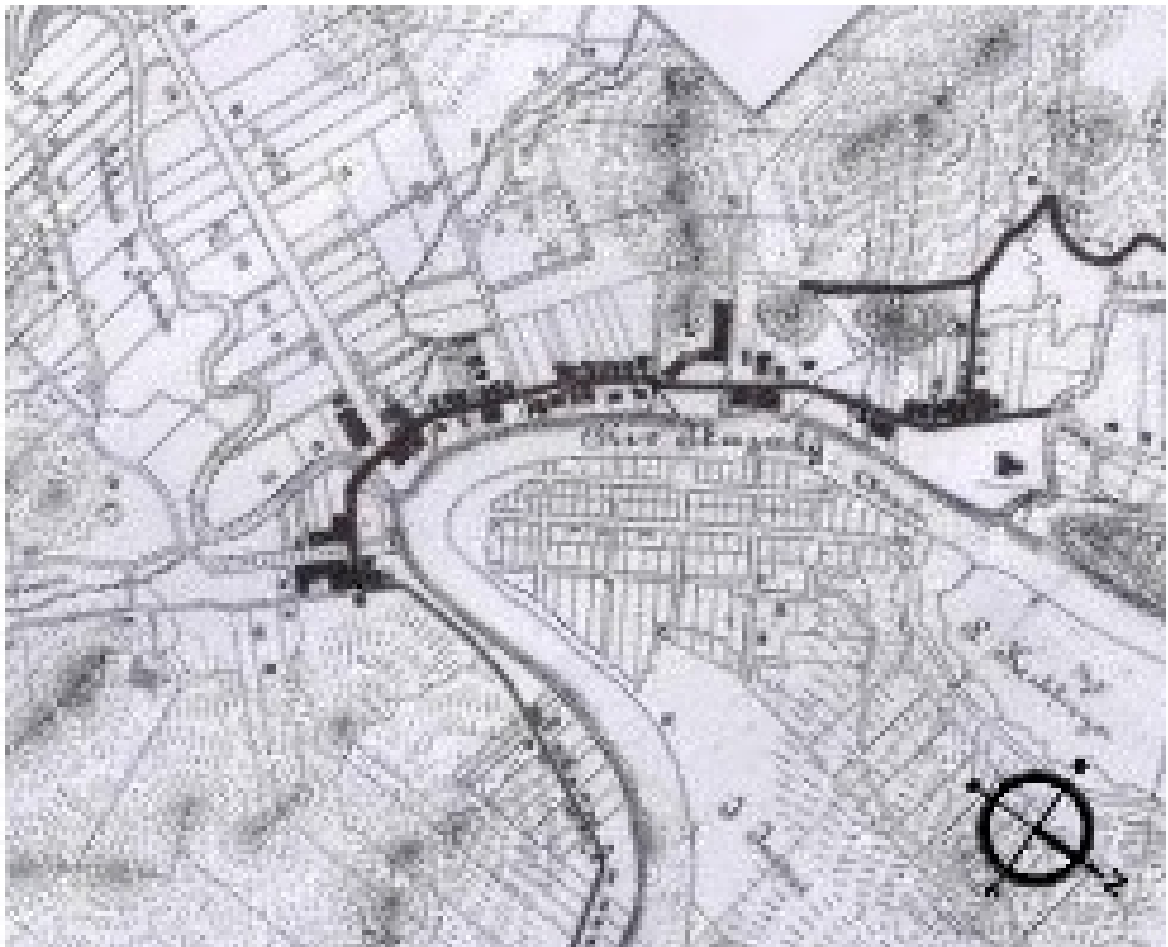


Fig. 2.16 - Mapa de Blumenau, 1900

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau, edição P. Mattedi



Fig. 2.17 – Vistas da rua 15 de Novembro, 1900-1910 - entre as ruas Floriano Peixoto e Nereu Ramos
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

atividade produtiva, como o Curtume Otte em 1880, a Tipografia Baumgarten em 1880, e a Fundação Auerbach em 1886, que no futuro se transformaria na Electro-Aço Altona.

No início do século XX, a introdução de novos empreendimentos como a construção da ferrovia idealizada em 1870 pelo Dr. Blumenau e pelo engenheiro Emil Odebrecht, inicia-se em 1905 pela Sociedade Colonizadora Hanseática com o nome Santa Catharina Eisenbahn Gesellschaft S. A., cuja sede era em Berlim, e que mais tarde, em 1919, viria se tornar a Estrada de Ferro Santa Catarina, fazendo a ligação de Blumenau para o interior, na direção do Alto Vale do Itajaí.

Outros fatores como:

a crescente monetarização da economia camponesa devido ao crescimento urbano, alargando o mercado de consumo; a criação de uma “caixa econômica” (Caixa Agrícola), em 1907, viabilizando o fornecimento de empréstimos às indústrias pela captação de concentração da poupança interna de Blumenau; a construção de usinas hidrelétricas, em 1909 (Gaspar Alto) e 1915 (Salto), com capital privado, permitindo o desenvolvimento da maquinaria; e a instalação de fiações próprias (1913-14) nas indústrias locais, verticalizando a produção e garantindo maior independência de fatores externos no fornecimento de matérias-primas à indústria têxtil. (TOMIO, 2000, p. 73 apud SINGER, 1968:118-9).

Em 1905 é publicada a Lei N°. 26, de 17 de maio, que trata do novo Código de Posturas de Blumenau. Repete-se sintetizando os itens do código anterior. Do Capítulo I ao Capítulo IX, enfoca medidas sanitaristas; da ordem e segurança no espaço público; da moralidade pública; da conservação das vias de circulação; dos locais públicos para sociabilidade e lazer como as praças.

No Capítulo X - “Das infracções que prejudicam á boa ordem na edificação das ruas, seu aformosamento, conservação dos lugares e mais objectos de gozo público”,

reforça preocupação com aspectos de qualidade da imagem urbana no que se refere às edificações e a aspectos que contribuem para a estética das suas fachadas voltadas para o espaço público, zelando pelos acabamentos externos delas, e exigindo no Art. 113 cuidados de manutenção das edificações:

“Deixar a frente de seus prédios sem rebocar ou tomar os interstícios dos tijolos com cal ou cimento, portas ou janellas sem pinturas ou vidraças, varandas sem pinturas, beirões de telhado sem bica e frente de suas casas sem passeio e de seus terrenos sem cerca regular, [...]”, multa de [...].

Já o Art. 115 objetiva organizar as aberturas das fachadas a partir de dimensões mínimas: “Dar às janellas dimensões inferiores a 1m 90 de altura e 1 metro de largura e às portas 2m 80 de altura e 1m, e 25 de largura, multa de [...]”.



Fig. 2.18 – Vistas da rua 15 de Novembro, 1910-1920 – à esquerda, entre e as ruas Paul Hering e Caetano Deeke e, à direita, entre as ruas Caetano Deeke e Pe. Jacobs
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

No ano de 1912, no N. 71 do jornal *Der Urwaldsbote*, do dia 2 de março, na primeira página, o artigo **SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE NOSSA CIDADE NO COMEÇO DO SÉCULO**⁶, aponta a necessidade de uma nova forma de construção de casas. Cita que o Superintendente, Sr. Schrader, incumbiu o arquiteto, senhor Gelbert, de elaborar um estudo para construção. Este, expõe a necessidade de começar imediatamente uma profunda revisão do Plano Diretor⁷ e de uma definitiva norma de construção. Comenta erros na fundação e instalação de Blumenau criticando a paisagem referindo-se à construção arbitrária que se observa. Sugere aterrar os lugares inundáveis para se fazer uma cidade saudável e também

⁶ Blumenau em Cadernos, março de 1994, n° 3, tomo 35, p. 83 – tradução de Edith Sophia Eimer

⁷ O termo Plano Diretor não é encontrado na legislação da época.

bonita. Refere-se à paisagem criticando a imagem para quem chega à cidade por vapor, quando se vêem as margens do rio com latrinas quase caindo, currais e, chegando à cidade, a construção arbitrária pelos terrenos.

Entende que a evolução da cidade é administrada com medidas tímidas, havendo a necessidade de ações mais objetivas, pois quanto mais e melhor o lugar crescer, mais dependerá do abastecimento da colônia e, então, pode-se desenvolver um verdadeiro mercado, que ainda falta. Para sair da condição em que se encontra para uma verdadeira cidade jardim, sugere residências até dois andares, ruas amplas e largas, com certo número de lugares públicos e árvores plantadas, bem como algumas comunicações com o rio, que considera de grande importância.

Julga que no caso de edificações antigas não se dava autorizar reforma e ampliações, mas apenas reparos nos casos de risco de ruína. Vê a necessidade de mais calçadas com delineamento das ruas para que não haja tantas reentrâncias. Conclui, por fim, colocando que, tudo deveria ser pensado, unindo-se o prático ao bonito.

No período entre a primeira Guerra Mundial e a segunda, ocorre expansão principalmente da produção têxtil, por integração ao mercado nacional, pela política de substituição de importações do governo Vargas e também por alguma exportação. Nesta segunda fase da industrialização de Blumenau, aparecem novas empresas diversificando a atividade industrial, com novas indústrias, como: Conservas Hemmer, em 1915, Fecularia Lorenz, em 1916, Chocolates Saturno, em 1923, Fábrica de Gaitas Hering, em 1923, e Eletro-Aço Altona, em 1936. No setor têxtil surgem: Acolchoados Altemburg, em 1922, Bordados e Cadarços Haco, em 1924, Teka-Tecelagem Kuehnrich, em 1926, Malhas Thiemann, em 1927, Mafisa-Malharia Blumenau, em 1929, Cremer-Gazes Medicinais, em 1935, Artex em 1936.



Fig. 2.19 – Vista do antigo porto fluvial
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.20 – Vista antiga do rio, a partir da rua Itajaí
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

Das empresas que se estabelecem no território da cidade, as têxteis tem a preferência por áreas fora do centro e próximas aos cursos d'água. Aproveitam parte da mão-de-obra que trabalha na agricultura de subsistência, sendo esta mão de obra disciplinada. Próximas ao centro da cidade, encontram-se, a Hering e a Sulfabril, no bairro Garcia a Artex, no Itoupava Norte a Teka, no Itoupava Seca a Cremer etc. A Cia Hering iniciou na rua 15 de Novembro, no lugar onde hoje está o Edifício Hering.

Para melhorar o escoamento da produção, inicia-se em 1929, a construção da Ponte de Ferro⁸ da ferrovia sobre o rio Itajaí-Açú para fazer a ligação com o porto de Itajaí, localizada junto à foz do ribeirão da Velha e constitui-se numa importante obra pela ação humana para o ambiente construído, de uma imagem significativa da paisagem urbana do centro da cidade.

Em 1923, o novo Código de Posturas do Município de Blumenau mantém itens dos códigos anteriores, aprofunda medidas da questão higienista preventiva e da salubridade pública, tratando também da coleta e do destino dos esgotos. Cita o termo *perímetro urbano*, e mecanismos de controle para construções novas no Capítulo VIII, que trata “*Das edificações na cidade, freguesias e povoações*”, sua



Fig. 2.21 – Ponte de Ferro

Fonte: Google

<http://adalbertoday.blogspot.com>

inserção no espaço urbano, exigindo elaboração de projetos, estabelecendo a necessidade da obtenção de licença da prefeitura para construir, e novos limites na relação das edificações com as vias públicas, para melhorar a mobilidade urbana, tal como se vê no Art. 141: “*Fica expressamente proibido que muros, jardins, varandas ou escadas passem além do alinhamento da rua, não se podendo permitir exceção em caso algum*”.

No Art. 143, estabelece que as fachadas das edificações devem ser paralelas à via até o afastamento de 10,0 metros, sendo que para além deste, “*poderá ser indiferente a collocação da casa, contanto que não prejudique o aspecto geral, mas, a juízo da Municipalidade*”.

No Art. 173, tratando da execução das calçadas, mantém a exigência do código anterior, elencando opções para acabamento do piso com pedras naturais ou cascalho duro cimentado, sem degraus diante das portas das casas no alinhamento e, nos desníveis, a

⁸ A linha férrea foi desativada em 1973, sendo a Ponte de Ferro restaurada na década de 1990, incorporada ao sistema viário da cidade. Conecta o Centro e o Bairro Victor Konder com o Bairro Ponta Aguda, utilizando parte do antigo leito da ferrovia.

recomendação para que as inclinações não ultrapassem de 12%.

Para a rua 15 de Novembro uma excepcionalidade foi prevista no Art. 146, que rompe com prática anterior quanto aos afastamentos laterais: *“No perímetro da cidade, excepto na rua 15 de Novembro, não serão permitidas construções que não estejam afastadas dos limites do terreno em que são edificadas pelo menos 2,50 metros”*.

No Art. 147, tratando de relações nos lotes, exclui a possibilidade de total ocupação deles com construções, exigindo um espaço como um quintal, com no mínimo 30 metros quadrados, e pelo 148 determina que nas fachadas alinhadas da rua, nenhum elemento das aberturas ultrapasse o alinhamento.

O Art. 149 exige uma altura mínima de 3,50 metros acima do passeio de elementos como *“mirantes, balcões ou galerias, architraves ou outras peças architectonicas”*, e que não devem exceder o balanço em 1,0 metros sobre ele mesmo.

Pelo Art. 150, trata da altura das edificações alinhadas com a rua, não devendo, elas, exceder a largura da rua. Esta altura é a distância do nível da rua até a cimalha, e pode aumentar de acordo com a respectiva distância em relação à ela.

No Art. 152 reserva o direito à Municipalidade de exigir quebra da esquina de uma construção quando esta estiver com mais de uma face alinhada com as ruas. Os artigos seguintes são recomendações técnicas para edificações, relativamente à sua salubridade, por meio de drenagens dos porões e isolamento das fundações. Legisla também sobre a qualidade dos espaços



Fig. 2.22 – Vista da rua 15 de Novembro, 1920-1930 - entre as ruas Pe. Jacobs e Caetano Deeke
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.23 – Vista da rua 15 de Novembro, 1920-1930 - entre as ruas Namy Deeke e Amadeu da Luz
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

internos, exigindo dimensões mínimas de aberturas para iluminação e ventilação.

O Art. 158, assim dispõe: “*O pé direito no rez-do-chão será no mínimo de 3,50 metros, podendo diminuir para 3 metros nos andares superiores*”.

No Art. 161 impõe que as casas construídas no alinhamento das ruas tenham uma fachada com altura mínima



Fig. 2.24 – Vista da rua 15 de Novembro, 1920-1930 entre as ruas Paul Hering e Caetano Deeke
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.25 – Vistas da rua 15 de Novembro, 1930-1940 – à esquerda, entre as ruas Floriano Peixoto e Nereu Ramos e, à direita, entre as ruas Santo Antônio e Pe. Jacobs
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

de 6 metros e, mais adiante, exige também que elas sejam imediatamente providas de escoamento de águas e esgotos por baixo das calçadas, quando não o for para os fundos do lote.

No Art. 164 reforça exigências quanto a aspectos de acabamento de fachadas, explicitando que:

Todos os muros e paredes de edifícios visíveis da rua serão mezes depois de acabada a construção e de conformidade com o caráter desta, rebocados e caiados ou serão tomadas as juntas com cal e cimento. Nas fachadas, o exaimel não se pode apresentar senão sob aspecto artístico. Do contrário a fachada será rebocada

À época desta legislação, o perfil da arquitetura da rua se dá por predominância de construções de alvenaria comum e ecletismo das suas fachadas, tem à medida que evolui a

tecnologia do concreto armado, figuras indefinidas no seu estilo, consideradas protomodernas, da transição para a arquitetura moderna, aparece também, exemplos art déco.

Em 1939, a publicação do Código de Construções, estabelece ordenamento hierarquizando o espaço do território do município por setorizações estabelecendo:

- 1) zona urbana,
- 2) zona suburbana,
- 3) zona rural.

Por zona suburbana entende “*todas as ruas, praças e estradas fóra da zona urbana, onde seja lançado o imposto predial, quer em torno desta zona, quer em povoados isolados no Município*”.

Volta a dar ênfase à questão do sanitarismo, tratando do destino de esgotos humanos e também cuidados com dejetos animais. No Artº. 155 trata dos serviços de Profilaxia da Febre Amarela no Brasil, de acordo com o Decreto 21.434 de 23 de maio de 1932.

No Capítulo II, estabelece claramente parâmetros para edificações no município pela determinação de recuos mínimos em relação ao espaço público e exigindo o cercamento dos lotes em relação à rua, estabelecendo, no Artº. 7º:

Os terrenos, sem edificações, na zona urbana, nos centros comerciais, serão fechados com muro de um metro e oitenta centímetros de altura mínima, rebocados, caiados e com cimalthas; devendo os proprietários reedifica-los sempre que caírem, conservando-os em todo caso em bom estado de asseio e segurança.

§ 1º. – Em terrenos ajardinados ou onde a edificação estiver recuada do alinhamento, quer nos centros comerciais, quer nas ruas residenciais, a respectiva frente será fechada em toda a sua extensão por balaustrada ou por gradil, sobre embasamento de alvenaria de bôa qualidade.

Recuo mínimo frontal de 4 metros para edifícios residenciais e ajardinamento deste recuo no Artº. 10º, e no Artº. 11 estabelece recuo mínimo lateral para residências de ruas, avenidas e praças consideradas de primeira classe, exigindo distância lateral mínima de três metros entre os edifícios. O setor de primeira classe compreendia o perímetro:

“*Alameda Rio Branco, da esquina da Rua 7 de Setembro até o fim; rua Bruno Hering, Rua Hermann Hering; Rua Lauro Mueller; Rua Paulo Zimmermann [...]*”.

Na Secção IV, *Serviços nas vias públicas*, Artº. 23º, estabelece a obrigatoriedade de execução e manutenção dos passeios, da largura, e da padronização e uniformização do piso.

No Capítulo III, Artº. 34 - *Das Licenças para construir e edificar*, trata da responsabilidade técnica para projeto e execução de obra e observa a questão de direitos

autorais, citando “plagiato de projeto”. No Capítulo VI - *Condições particulares do projeto*, além de padronizar a apresentação de projetos de aprovação para obter alvará de construção, exige dimensões e áreas mínimas dos espaços funcionais internos, bem como da higienização por meio de aberturas com dimensões mínimas, para garantir uma boa iluminação e ventilação, restringindo, porém, o uso de clarabóias como meio de iluminação.

No Capítulo V, Artº. 77 - *Das condições gerais do projeto*, traz as exigências de uma condição mínima para inserção de tipologias que marcam a conformação espacial da rua, exigindo que a borda edificada contemple altura mínima: “*Os edifícios construídos no alinhamento das vias públicas: 15 de Novembro, S. Paulo, rio Branco, Minas Gerais, Paulo Zimmermann, 7 de Setembro e Bom Retiro terão no mínimo 2 pavimentos*”, e no Capítulo IX, Artº. 214, diz que “*Nenhum prédio poderá ser construído, reconstruído ou reformado, sem ter, no mínimo, dois pavimentos nas ruas de que trata o artigo 77*”.

No Capítulo VII, *Das condições particulares das construções*, Artº. 192, proíbe o uso de chapas galvanizadas de zinco ou de qualquer material análogo para coberturas de habitações, e no Artº. 208º. define que construções de madeira são permitidas apenas fora da zona central. De importância para o ambiente urbano, trata o Capítulo XIII - *Arborização de vias e praças*, que serão mantidas pelo poder público, estabelecendo critérios para a derrubada de árvores para construções e para abrir quintais, bem como da derrubada de matas próximas às nascentes dentro da área urbana.

Em 1948 um novo Código de Posturas estabelece a divisão administrativa em quatro zonas: Central; Urbana; Suburbana; Rural, sendo que a área urbana compreende a zona central e os bairros. Mantém itens construtivos do Código de Construções de 1939, e inova tratando do parcelamento do solo urbano, estabelecendo lotes com áreas variando de um mínimo de 300 m² a um máximo de 675 m², e frente mínima de 10 metros. Exige reserva de 25% da área a parcelar para ruas, praças e jardins. Estabelece também que os cruzamentos das vias públicas tenham curvas de concordância por raios de círculo com 12 metros.

No Capítulo III - *Das condições gerais do projeto*, na seção II, trata *Da arquitetura das fachadas*, referindo cuidados com estética da cidade, dispondo, no Art. 120, que “*O estilo arquitetônico e decorativo é livre, dentro dos limites do decoro público e das regras de arte, a juízo da Prefeitura, ficando, para tal fim, instituída a censura estética dos edifícios*”, de acordo com o que define em seu § 1º, que diz: “*A comissão de estética será de três membros, da exclusiva escolha do Prefeito e recairá em profissionais sempre que possível, ou em pessoas de cultura que a exercerão pro honoré*”.

Ainda neste capítulo proíbe fachadas cegas alinhadas com a rua, e de aberturas fora das dimensões regulamentadas.

Por preocupação com as bordas edificadas das ruas, explicita no Art. 122: “As fachadas que se caracterizarem por um único motivo arquitetônico não poderão receber pintura de cores diferentes, que desfaçam a harmonia do conjunto”.

A seguir, amplia o olhar para idéia de conjunto, observando cuidados com os contornos das edificações, de acordo com o Art. 123: “As fachadas secundárias, visíveis das vias públicas, os gradis, etc, terão tratamento arquitetônico análogo ao da fachada principal”, complementando com o Art. 124, que diz:



Fig. 2.26 – Vista da rua 15 de Novembro, 1930-1940 - entre as ruas Caetano Deeke e Pe. Jacobs
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

O proprietário que construir com recuo do alinhamento, pondo a descoberta as paredes laterais dos edifícios vizinhos, deverá revesti-los em harmonia com as respectivas fachadas, ou com o ambiente criado pela obra construída, conservando-as em toda a extensão visível da via pública.



Fig. 2.27 – Vistas da rua 15 de Novembro, 1930-1940 – à esquerda, entre as ruas Pe. Jacobs e Caetano Deeke e, à direita, entre as ruas Namy Deeke e Travessa Flores Filho
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

A preocupação com fachadas, aparece, no Art. 125:

As linhas mestras arquitetônicas, construídas por cornijas, etc., serão estabelecidas de modo tal que: a) formem o mesmo motivo arquitetônico entre dois prédios contíguos; b) quando não for possível a coincidência exigida na alénea anterior, os motivos arquitetônicos terão, no limite dos prédios, remate conveniente, de modo que se evite o mau efeito de diferenças bruscas de nível, exigindo-se também o torneamento das saliências (molduras, beiras, etc.) para que não se dê a terminação das mesmas em plano vertical normal à fachada.



Fig. 2.28 – Vista da Rua 15 de Novembro, 1930-1940 – entre as ruas Floriano Peixoto e Ângelo Dias
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

Nos parágrafos complementares deste artigo, expressa atenção para o controle da comunicação visual no espaço público por meio de letreiros que interferem na estética urbana, das respectivas dimensões e posicionamentos deles nas fachadas, do reflexo da iluminação dos edifícios, e do ofuscamento aos pedestres e condutores de veículos.



Fig. 2.29 – Vista da rua 15 de Novembro, 1930-1940 – em primeiro plano, mostra a esquina da rua Namy Deeke com a rua 15 de Novembro
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.30 – Pátio em frente à Sociedade Dramático Musical Frohsinn, atual Teatro Carlos Gomes, 1930-1940
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.31 – Vistas da rua 15 de Novembro, 1940-1950 – à esquerda, entre as ruas Pe. Jacobs e Caetano Deeke e, à direita, entre as ruas Ângelo Dias e Floriano Peixoto
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

No Capítulo IX, trata *Da proteção das florestas e espécimes vegetais raros*, e de respeito às funções previstas no Código Florestal de 1934.

O período que vai do pós-segunda-guerra até o início da década de 1960, quando surge a necessidade de abastecimento dos mercados, caracteriza-se por carência de oferta de energia, porém, mesmo assim, impulsiona o que seria a terceira fase da industrialização de Blumenau, dentro da conjuntura do modelo progressista do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira na década de 1950, incrementado pelo processo de diversificação industrial do país pelo estímulo da entrada de capital externo.

Nesta época, o aumento da população cresce à média de 3,3% ao ano na década de 50. A este tempo na cidade, no que se refere a controles urbanísticos, a legislação vigente resume-se ao que determinava o código de posturas de 1948 (Lei 37/48), que tratava do parcelamento da terra, regulando o tamanho dos lotes para desmembramento, reservando 25% da área loteada para áreas públicas para arruamento, incluída a reserva para o município.

Na rua 15 de Novembro, até o início da década de 1950, a espacialidade da rua conforma-se por edifícios com altura de dois a três pavimentos, definindo perfil horizontal do conjunto edificado, com dominância de arquitetura eclética e art déco.

No novo ciclo econômico, a demanda por produtos manufaturados dinamiza a indústria local, requerendo novos espaços de trabalho, negócios e habitação. O processo de expansão e acumulação do capital oriundo desse crescimento foca, na cidade, a Rua 15 de Novembro e seu entorno imediato, construindo edifícios novos pela via da verticalização. A gestão pública consente adensamento de uso do solo no setor central da cidade, onde ocorrem construções para hotelaria, prestação de serviços e habitação. Edifícios antigos começam a ser substituídos por outros novos e mais altos pelos avanços da técnica do concreto armado e sistemas mecânicos de circulação vertical. Entre 1951 e 1954, finaliza-se o restante do trecho da estrada de ferro ligando a cidade ao porto de Itajaí, facilitando a circulação de mercadorias e o escoamento da produção. No ano de 1953 é concluída a ponte Irineu Bornhausen no bairro Itoupava Norte, distando aproximadamente 4 km da ponte Governador Adolfo Konder, que está no centro da cidade.

No centro, a ligação com o bairro Ponta Aguda era realizada por balsa localizada na Prainha, ou pela ponte de concreto Engenheiro Antonio Vitorino Ávila, conhecida como Ponte dos Arcos construída pela estrada de ferro, que tem, além da passagem do trem, mais duas pistas laterais para trânsito de veículos, localizada no Bairro Vorstadt e próxima à Sulfabril e ao Hospital Santo Antônio, na rua Itajaí.

Em 1957, a rua República Argentina liga-se com a 15 de Novembro com a conclusão da ponte Governador Adolfo Konder.

O mapa de 1955 mostra no sistema viário central, a previsão de duas avenidas marginais ao rio Itajaí-Açú, sendo que apenas uma delas é concretizada, a Avenida Presidente Castelo Branco. A via marginal ao rio projetada na margem oposta, no Bairro Ponta Aguda, não foi executada.

Este mapa demonstra que a rua 7 de Setembro não estabelece conexão para o setor sul da cidade, onde estão os bairros Garcia e Progresso, sendo que a ligação destes bairros com o centro, faz-se, no sentido bairro-centro, passando necessariamente pelo Centro Histórico. Eventuais ligações pelo final da Alameda Rio Branco para os mesmos bairros pela margem esquerda do Ribeirão Garcia, não



Fig. 2.32 – Vista da rua 15 de Novembro, 1950-1960 - entre a rua Namy Deeke e a Travessa Flores Filho, mostra à direita o edifício Regina
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

estavam estruturados para comportar o tráfego. A ligação para o Bairro da Velha realizava-se pela rua São José, continuação da rua Amadeu da Luz e que corre rente aos morros.

CENTRO DE BLUMENAU - 1955

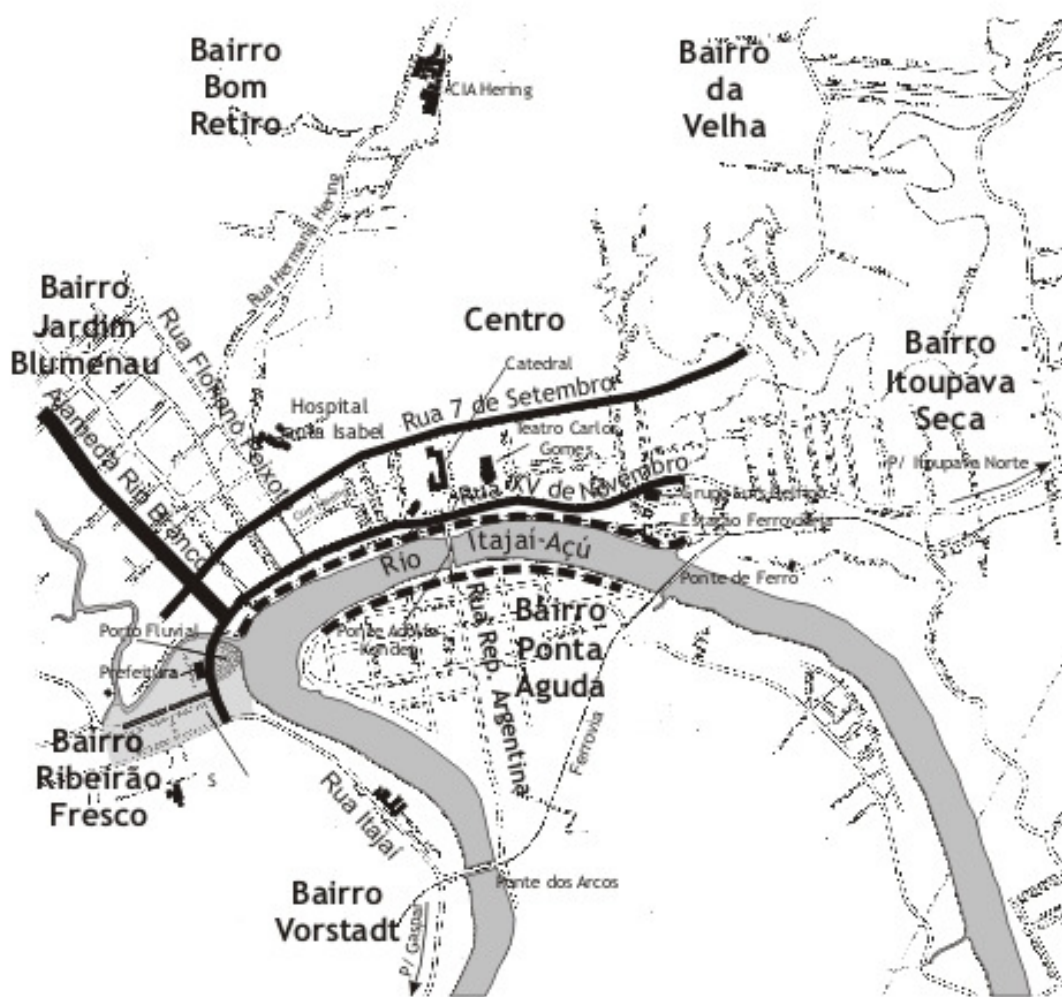


Fig. 2.33 - Mapa de Blumenau, 1955

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau, edição P. Mattedi

No centro, a igreja matriz de São Paulo Apóstolo contrata o arquiteto alemão Gottfried Böhm⁹, da cidade de Colônia na Alemanha, que vem a Blumenau no ano de 1953 e finaliza o projeto da igreja. O arquiteto retornou à obra duas vezes em 1956 para inspecionar os trabalhos de construção, e 1958, para a solenidade de consagração da nova igreja.

Em arquitetura moderna, foi concluída em 1958, tem a torre destacada do corpo do edifício da igreja que foi finalizada em 1963 e se posiciona na borda do terreno junto à esquina da rua 15 de Novembro com a Rua Pe. Jacobs. O projeto inicial da torre previa cinco sinos, sendo que, devido aos custos, foram reduzidos para os três da igreja antiga.

O conjunto religioso tornou-se marco referencial no espaço urbano do centro da cidade.

A igreja edificada em estrutura de concreto armado tem fechamento com blocos de granito.

Destaca-se também pelos grandes vitrais de motivos religiosos, em vidro importado, cuja execução esteve a cargo de Lorenz Heilmar, de Porto Alegre, com participação nos trabalhos, da artista plástica blumenauense Elke Hering Bell, obedecendo aos planos traçados pelo arquiteto.

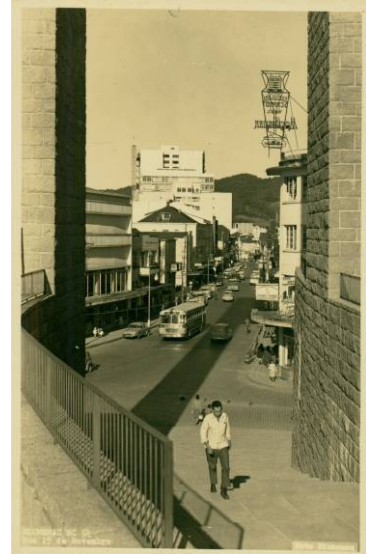


Fig. 2.34 – Vista da rua 15 de Novembro, 1950-1960 - a partir da escadaria da catedral
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

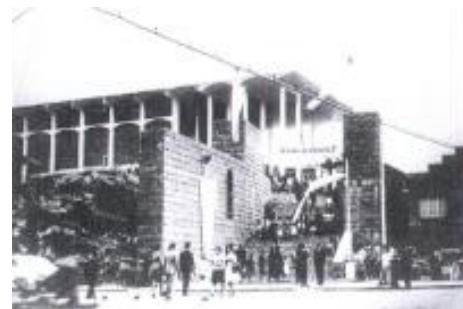


Fig. 2.35 – Vista da construção da catedral
Fonte: Jornal de Santa Catarina

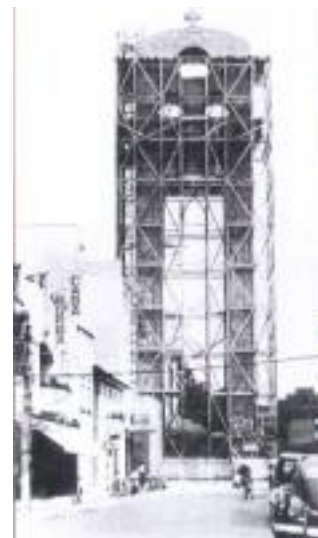


Fig. 2.36 – Construção da torre da catedral, concluída em 1963
Fonte: Jornal de Santa Catarina

⁹ O arquiteto Gottfried Böhm recebeu o Prêmio Pritzker de arquitetura de 1986

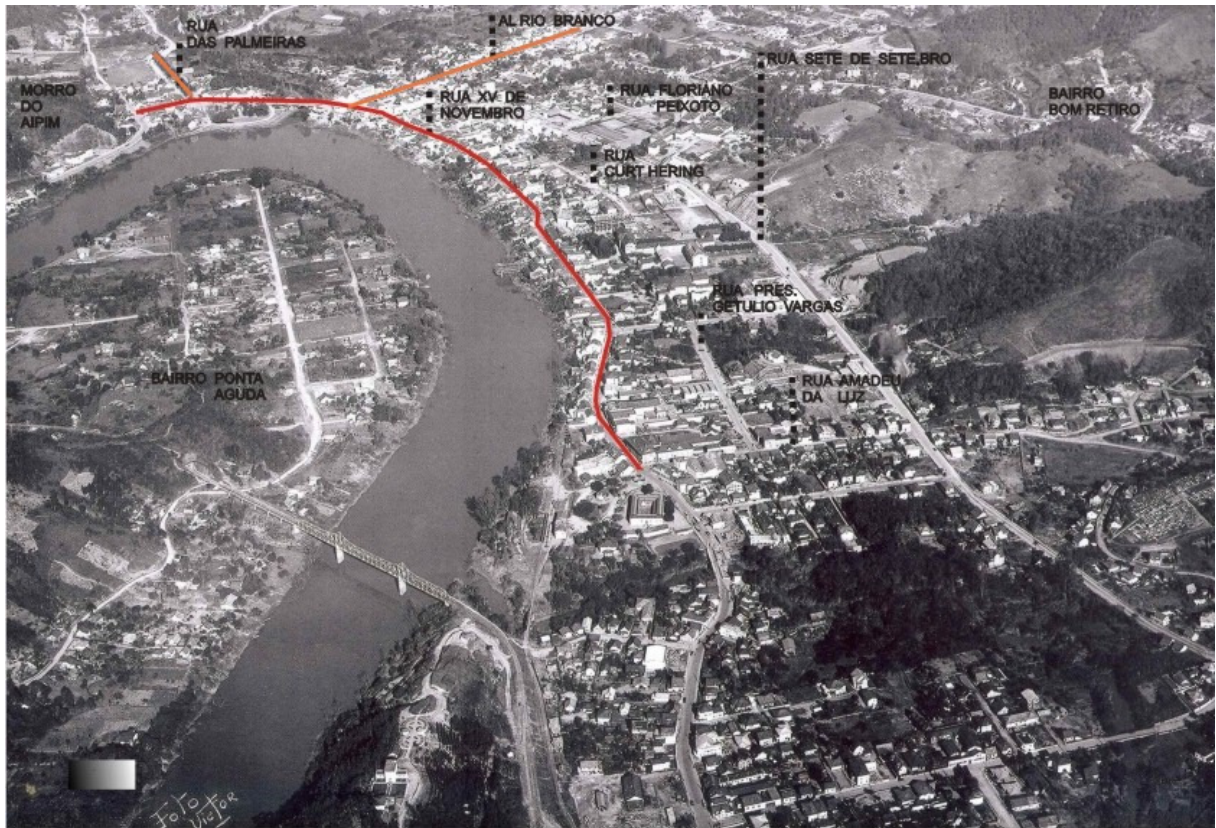


Fig. 2.37 – Vista área do centro de Blumenau, 1950-1960
Fonte: Foto Victor, edição P. Mattedi

Na Rua 15 de Novembro surgem edifícios novos e altos para habitações, serviços e hotelaria, promovendo o adensamento da área central da cidade, e representativos de uma nova linguagem, a da arquitetura moderna, que vai alterando o perfil do conjunto eclético da rua por uma mudança radical de escala em altura.

O evento da construção do novo templo católico juntamente com os novos edifícios, trazem para a cidade novos ventos para seu crescimento.

A vinda em 1953 do arquiteto europeu Hans Broos¹⁰ a Blumenau, contribui com projetos desta nova linguagem para a cidade, pela inserção de obras arquitetônicas cujo desenho destaca-se com sua imagem, na paisagem do centro.



Fig. 2.38 - Vista da rua 15 de Novembro, 1960-1970 - mostra à esquerda o edifício Visconde de Mauá e, ao fundo, o Grande Hotel Blumenau
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

¹⁰ Hans Broos (Gross-Lomnitz, Eslováquia, 1921-). Daufenbach (2006, p. 15)



Fig. 2.39 – Vistas da rua 15 de Novembro, 1960-1970 – à esquerda, mostra o edifício da Casa Peiter do lado direito da rua e, ao fundo, o Grande Hotel Blumenau; à direita, vista para o edifício Hering, a partir do mirante de cathedral

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.40– Vista aérea do centro de Blumenau, 1960-1970

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

Broos elabora os projetos dos edifícios da Casa Comercial Peiter, Edifício Hering, Grande Hotel Blumenau e o Visconde de Mauá, citando os mais expressivos na área central da cidade e localizados na rua 15 de Novembro. Mesmo não permanecendo na cidade, sempre manteve vínculo de trabalho com a região, elaborando uma série de projetos de vários usos, destacando-se em projetos de arquitetura industrial na cidade e em outras regiões do país.



Fig. 2.41 - Grande Hotel Blumenau, 1960-1970 -
vista da fachada leste
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau



Fig. 2.42 - Grande Hotel Blumenau, 1960-1970 -
vista da fachada oeste
Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau

O prolongamento da rua 7 de Setembro para o bairro Garcia, deu-se com a construção da ponte Engenheiro Udo Deeke ligando com a rua Amazonas, aliviando o tráfego que passava pelo Centro Histórico e, também para direção oposta, na direção dos bairros Victor Konder e Vila Nova. Essas obras foram executadas durante as décadas de 1960 e 1970.

Em 1968 conclui-se o primeiro trecho da Avenida Presidente Castelo Branco, conhecida como Avenida Beira Rio, do trecho que vai da foz do ribeirão Garcia até a Ponte Governador Adolfo Konder ligando, com o Bairro Ponta Aguda. No mesmo ano ocorre a construção do restaurante Frohsinn no Morro do Aipim, voltado para o centro e edificado imitando o enxaimel. Este edifício marca o pensamento da época voltada para promover novas atividades econômicas para a cidade, focando o turismo como alternativa, iniciando pela área central com o Restaurante Moinho do Vale, em terreno da prefeitura localizado na Prainha. Neste lugar foi edificado, ao lado do restaurante, outro pequeno edifício imitando um moinho holandês como parte deste conjunto. O caso do Restaurante Frohsinn, imediatamente posterior, também edificado em terreno da prefeitura e localizado no Morro do Aipim, com vista para a cidade, do lado do Centro Histórico, optou também por edificação como restaurante típico, de acordo com o que consta no Livro de Atas da Comissão de Turismo da Prefeitura Municipal, do dia 14 de maio de 1968.

Nesta década, também ocorre na cidade a construção de um centro para eventos esportivos e exposições, administrado pela COEB, e conhecido como FAMOSC. Em 1969, a

criação da PROEB passa a ocupar este local que contava com dois pavilhões. Em 1984 é realizada uma festa de chopp no espaço da PROEB com o objetivo de reanimar a comunidade local, abalada pelo trauma sofrido pelas grandes cheias de 1983 e 1984. A festa cresce projetando-se nacional e internacionalmente, sendo que esta área de eventos passa a ser denominada Centro de Exposições Parque da Vila Germânica.

Com um crescimento de 4,1% ao ano nesta década, de acordo com o IBGE, a população chega a 100.275 habitantes em 1970. Para fazer frente à necessidade de novos empregos e aumento de arrecadação municipal, a prefeitura promove a cidade no país e no exterior para a vinda de novas indústrias, quando se instalam, a partir de então no município, algumas empresas, como a Albany (feltros), Johnson & Johnson (produtos hospitalares), Rigesa (papel). A injeção de capital nas empresas nacionais como incentivo pelo governo federal para mudar o modelo importador, dinamiza o setor têxtil local, e empresas como a Hering, Teka, Artex, Karsten, Cremer e Sul Fabril crescem rapidamente no mercado interno, caracterizando o que se considera como a quarta fase de industrialização de Blumenau.

A partir da década de 1950, a atratividade de novos empregos nas cidades incentivados pela política progressista do governo de Juscelino Kubistchek de Oliveira e pelo desenvolvimentismo industrial do regime militar, somado à racionalização da produção no campo por meio da mecanização para a agricultura extensiva, é um fator importante para promoção do movimento de migração do campo para a cidade. Para a região do vale, de acordo com THEIS (2000, p. 177), “*o desenvolvimento do Vale do Itajaí, após 1964, foi condicionado fortemente pela política econômica do regime militar (8).*” Em Blumenau a população cresce à média de 4,6% ao ano na década de 1970, chegando a 157.258 habitantes (dados-IBGE) em 1980.

Em 1972, na administração do prefeito Evilásio Vieira, dá-se a procura de alternativas econômicas para a cidade para promover o turismo, através da promulgação da Lei nº. 1909, de 22 de setembro de 1972, com fins de incentivar o seu desenvolvimento pela via da isenção de emolumentos de obras para a construção de edificações típicas dentro do perímetro urbano, e que determina, em seu Art. 1º, que “*Fica o Executivo Municipal autorizado a dispensar do pagamento de emolumentos de obras todos os que, dentro do perímetro urbano de Blumenau, vierem a edificar casas típicas blumenauenses, para residências*”. Os projetos encaminhados ao Poder Público seriam submetidos previamente a uma análise pela Comissão Municipal de Turismo, que alcançariam, de acordo com o Art. 2º, um benefício de isenção do Imposto sobre a Propriedade Urbana durante 10 anos a partir da concessão do habite-se.

A tendência de verticalização do centro e a expansão dos bairros mobilizam a municipalidade a promover uma revisão da legislação vigente, e em 1974 a Lei N°. 2.047,



Fig. 2.43 – Mapa de Blumenau, 1974

Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau, edição P. Mattedi

institui um novo Código de Posturas de Blumenau. No Capítulo I, já descreve uma postura incisiva de ação fiscalizadora pelo poder público, explicitando que o Código:

contém medidas de polícia administrativa a cargo do Município em matéria de higiene, e segurança, ordem e costumes públicos, institui normas disciplinadoras do funcionamento dos estabelecimentos industriais, comerciais e prestadores de serviços,[...], visando a disciplinar o uso e o gozo dos direitos individuais e do bem estar geral.

No Capítulo V, inova para fazer frente aos problemas causados ao meio ambiente pelo avanço da industrialização e da urbanização, tratando *Do Controle da Poluição Ambiental*, como um início de conscientização. Também expressa no Capítulo III, o zelo com a arborização do espaço público e do espaço privado, se as espécies escolhidas forem de originalidade, idade, localização, beleza, interesse histórico ou condição de porta-mentes, observadas as disposições do Código Florestal.

Preocupa-se ainda com mobiliário urbano e usos do espaço público com colocação de mesas e cadeiras nos passeios das vias, com o ordenamento da comunicação visual no espaço público e, no Capítulo IV, *Da Preservação da Estética dos Edifícios*, por tratar da colocação de toldos para sombreamento nos passeios por estabelecimentos comerciais, e da instalação de mastros nas fachadas dos edifícios.

A opção da política nacional pela implantação de rede de transporte rodoviário reduz investimentos no setor de ferrovias e, em 1971, é desativada a Estrada de Ferro Santa Catarina

No governo do prefeito Félix Theiss, frente à necessidade de ordenar o crescimento urbano da cidade, são dados os primeiros passos para elaboração do primeiro Plano Diretor da cidade pelo arquiteto Harry Cole em consórcio com o sanitarista Saturnino Brito, elaborado de acordo com parâmetros da metodologia do SERPHAU-Serviço Federal de Habitação e Urbanismo. Aprovado em 5 de maio de 1977, traduzido nas leis: n°. 2.235-Plano Diretor; n°. 2.242-Código de Zoneamento e do Uso do Solo; n°. 2.263-Código de Parcelamento da Terra; e n°. 2.264-Código de Edificações. O Plano contempla, em seus objetivos e diretrizes básicas, o conceito de assegurar uma estrutura urbana adequada ao crescimento urbano previsto, e as funções regionais de Blumenau, destacando aspectos relevantes em relação à paisagem do lugar, estabelecendo na Lei 2.235 em linhas gerais, Capítulos II e VIII (ver Anexo-1), reestruturar o sistema viário urbano principal e a área central, propondo cuidados para com a paisagem local, preservação de margens do rio e ribeirões, e estímulos ao turismo,

procurando consolidar a cidade como um centro de serviços.

Em relação ao centro da cidade, a Lei de Zoneamento e de Uso do Solo, a criação de uma Zona Central como ZC-1, foi prevista compreendendo o setor delimitado pela Avenida Beira Rio, rua 15 de Novembro e a rua 7 de Setembro, e suas transversais, prevendo uso do solo com taxa de ocupação de 70% e índice de aproveitamento 4. Também uma zona de expansão do centro como ZC-2 dar-se-ia na direção do setor da Alameda Rio Branco e para a direção norte, dos vazios urbanos compreendidos entre a rua São Paulo e rua 7 de Setembro, no setor do Bairro Victor Konder, prevendo uma taxa de ocupação de 60% e índice de aproveitamento 3. As duas zonas contemplam os maiores índices construtivos do plano. Como alguns bairros são distantes do centro e por uma distribuição de conformação radial, nos intervalos entre o centro e núcleos de bairros são incentivadas diversas atividades urbanas. Os denominados como Corredores de Serviço objetivam a fixação de comércio, serviços e moradias ao longo destas linearidades. Algumas aberturas e conexões novas de ligações viárias são propostas, bem como sistemas binários para tráfego, objetivando melhorar o sistema viário, dividindo o sistema em dois anéis viários, norte e sul. O anel norte faria ligação pela margem esquerda do rio desde a rodovia Jorge Lacerda que vem da cidade de Gaspar entrando no bairro Ponta Aguda pela rua República Argentina. Esta rua também liga o bairro Ponta Aguda com o bairro Itoupava Norte, levando para a Br-470 que passa pelo lado norte da cidade. O anel sul, pelo lado direito do rio, faria a conexão do adensado Bairro Garcia onde se localizava a antiga Artex, hoje Coteminas, com o Bairro da Velha. Este anel, cuja execução envolveria custos altos pela necessidade de atravessar topografia acidentada do bairro Bom Retiro e até hoje não implantado, representaria grande alívio para a circulação central da cidade.

Nos capítulos, II e III, a Lei nº 2.242-Código de Zoneamento e do Uso do Solo, (ver Anexo-1) trata da finalidade e dos parâmetros das várias zonas, destacando para a zona central a concentração de comércio e serviços para otimizar a infraestrutura existente. Propõe implantação de *“vias para trânsito de pedestres, e estimula a criação de galerias comerciais térreas para aumentar a conexão entre a rua 15 de Novembro com a avenida Presidente Castelo Branco”*.

Na Rua 15 de Novembro, três edifícios em altura concretizam ligação por meio de galeria comercial no pavimento térreo, como no Edifício Eduardo Schadrack, Edifício Edelweiss e Edifício Brasília, melhorando a conexão desta rua com a avenida Beira Rio.

O novo plano ignora itens do código de posturas anterior que zelavam pelas questões de estética para os projetos de edificações, propondo zoneamento funcional com regulamentos

específicos através de quatro leis complementares, como os exemplos do Código de Edificações e do Zoneamento e Uso do Solo entre as quatro leis complementares do Plano Diretor, consideradas suficientes para um bom desenvolvimento urbano. Embora citando a paisagem do lugar, não considerou aspectos da formação do traçado inicial, como o do lugar do Centro Histórico, que passou a denominar-se como Centro Cívico, por conter a Prefeitura Municipal e Câmara de Vereadores.

Nesse tempo, as edificações da cidade caracterizavam-se pela disseminação da arquitetura racionalista e considerada impessoal, tornando a cara da cidade igual a qualquer outra contemporânea sua. A administração pública da cidade de Blumenau, seu olhar na direção de algum diferencial na cidade para promoção turística que tem movimento acentuado na década de 1980 pelo turismo de compras pelo comércio do vestuário de malhas.

No mesmo ano de instituição do plano diretor, através da promulgação da Lei Ordinária N° 2262, de 30 de junho de 1977, favorece a construção do que denomina como estilos arquitetônicos típicos, conhecidos como “Enxaimel” e “Casa dos Alpes” (ver Anexo-1)

O Art. 3º. desta lei refere-se a uma Comissão Técnica composta por um arquiteto representando a Assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal, um engenheiro civil representando a Secretaria de Obras e serviços urbanos da Prefeitura Municipal, e o Chefe de Gabinete do Vice-Prefeito Municipal, enquanto o Art. 4º, incumbe a Assessoria de Planejamento para relacionar os elementos arquitetônicos das fachadas, definidos pelo Decreto N° 2.361, de 19 de novembro de 1984, para o enxaimel e casa dos alpes, onde podem ser destacados alguns itens:

- Telhado com inclinação acentuada, coberto de telha chata de barro;
- Travejamento de madeira na fachada;
- Esquadrias das janelas em madeira, com ou sem venezianas;
- Floreiras sob as janelas;
- Paredes de tijolo aparente ou rebocadas pintadas de branco, creme ou similar;
- Pavimento térreo diferenciado dos demais pelo revestimento com pedras ou tijolos sendo as aberturas em arco;



Fig. 2.44– Fachadas com os elementos considerados típicos
Fonte: do autor

Em 1978, a Comercial Moellmann acrescenta ao seu conjunto edificado na rua 15 de Novembro na borda do terreno junto à entrada da ponte da ponte Governador Adolfo Konder, um novo edifício comercial edificado na linguagem do enxaimel, inspirado na imagem do edifício da prefeitura da cidade alemã de Michelstadt, do período medieval. Foi explorada com ênfase na mídia em geral, como símbolo da cidade, representando uma cara germânica desta região do estado, para um roteiro turístico do Vale do Itajaí, divulgado como “Vale Europeu”.



Fig. 2.45 - Prefeitura de Michelstadt, Alemanha, 1484
Fonte: Karl Klöckner

O porte industrial alcançado por algumas indústrias têxteis locais, e a economia regional de então tornaram a cidade em um município procurado por empresas do sistema financeiro para sediar suas agências, ocupando-se, muitas delas, com o atendimento bancário de varejo, e outras apenas com a simples captação e investimentos. Algumas de atendimento de varejo, instalam-se ao longo da rua 15 de Novembro, reformam ou reconstróem suas agências.

O poder público, assim que se dá conta das transformações – demolições, construções nessa tradicional rua – alterando seu uso, atua impondo uma nova legislação, estabelecendo condições específicas que, materializadas, produzem um cenário imaginado que pretende-se como um retorno às origens da imigração.

Edifícios antigos, que abrigavam atividades de comércio, e moradias são substituídos por edifícios monofuncionais destas instituições, cuja prática de trabalho ocorre em horário restrito de funcionamento ao público durante o dia.

A municipalidade publica novas exigências através da Lei Ordinária nº 2.384, de 11 de julho de 1978 (ver Anexo-1), que proíbe a instalação de estabelecimentos de crédito e empresas de investimentos e similares na rua 15 de Novembro e avenida Castelo Branco.

Diante disto, uma onda transformista das fachadas dos edifícios toma conta da rua, porque seus proprietários optam por reformá-las para obter os benefícios fiscais oferecidos. A

rua 15 de Novembro exerce seu papel de atração. A rápida evolução dos sistemas de comunicação e de automação produz mudanças profundas nos processos de produção e de comercialização. Empresas comerciais antigas, que não se modernizaram ou não ampliaram suas frentes de atuação mercadológica, terminaram por encontrar dificuldades para sobreviver. Concomitantemente, nesse afã, incrementa-se na cidade, o surgimento de lojas de grandes redes do comércio de linha branca a partir da década de 1980. O crescimento dos núcleos dos bairros também contribui para diversificar os pontos de consumo.

No ano de 1980, a rodoviária transfere-se do centro da cidade para a nova sede localizada no bairro da Itoupava Norte, à margem da via projetada, a Via Expressa, como acesso principal para a Br-470. Em 1982 a prefeitura sai do Centro Histórico transferindo-se para a Praça Victor Konder, no final da Rua 15 de Novembro e da avenida Beira Rio, posicionada na foz do ribeirão da Velha, local da antiga estação ferroviária.

Em 1981, o poder público, preocupado com descaracterização de edificações do início da imigração, procura despertar interesse para a manutenção dos exemplares históricos, promulgando a Lei Ordinária nº 2.762, de 18 de dezembro 1981, que *“Concede isenção fiscal às edificações em enxaimel existentes dentro do perímetro urbano de Blumenau”*.

No ano de 1984, o município desperta sua atenção para a questão do patrimônio arquitetônico existente no município, ampliando incentivos para a manutenção de edifícios por meio da Lei Ordinária nº 3.142 de 10 de dezembro, resolvendo estender benefício fiscal que *“Concede isenção fiscal a edificações de valor histórico e arquitetônico no município de Blumenau”*, revogando a Lei nº 2.762.

O evento das enchentes de 1983 e 1984, que atingiram cota superior a 15,0 metros, remeteu à revisão do Plano Diretor que estabelecia as cotas para edificações entre 10,0 e 25,0 metros na área urbana, em função da topografia, destinou para os lugares mais elevados e inclinados, as Zonas Especiais para Residências.

Frente à momentânea desvalorização e trauma pela dimensão da tragédia, a opção pela verticalização em setores inundáveis, como o da Alameda Rio Branco, muda a preferência de habitações unifamiliares por apartamentos nos setores próximos a região central da cidade.

A revisão do Plano Diretor pela Câmara Municipal alonga-se durante o resto da gestão municipal do prefeito Dalto dos Reis, terminando por não ser aprovada. Ocorre que, nesta gestão, as cheias demandaram a inversão imobiliária para verticalização, pressionando o poder público para as alterações do plano, que terminou por liberar consultas de viabilidade e alvarás de construção com base em índices construtivos novos que pretendia aprovar. A não aprovação do plano ocasiona transtornos para a gestão seguinte, que promove uma rápida

reformulação do plano, alterou índices construtivos para acomodar a situação anterior, cujas edificações enquadravam-se então como irregulares.

Desde a implantação do plano de 1977, as gestões praticaram alterações no plano viário em pontos da malha urbana considerados hoje importantes para a circulação viária. Uma visão redutiva da abrangência e alcance do plano viário, por alterações praticadas atendendo a apelos imediatistas, terminou por conceder alterações que se sobrepuseram às planejadas, reduzindo larguras de artérias e passeios de vias importantes. Um exemplo vem do bairro Ponta Aguda, que teve a previsão de um binário importante entre a rua República Argentina e a rua Bolívia alterado, beneficiando interesses imobiliários, ilustrando, destarte, a falta de fiscalização por parte da comunidade pela sua representação política frente a estas situações. A consequência revela-se na redução da capacidade de tráfego local, ocasionando atualmente congestionamentos, comprometendo a qualidade de crescimento deste lugar central. Na década de 1980 é construída a ponte Gerhart Neufert, ligando a avenida Beira Rio com a rua Martin Luther, sendo esta, trecho do antigo leito da estrada de ferro.

Em 1989, a revisão do plano é aprovada, propondo seu alcance para 5 anos com recomendação de revisões periódicas que se fizerem necessárias. Traça estratégias para contenção de crescimento para o setor sul da cidade, local de topografia inadequada e tipo de solo instável para expandir a urbanização, e também proteger os fundos de vales que abrigam áreas de preservação ambiental e mananciais. Neste setor estão os bairros Garcia e Progresso, onde se localiza antiga Artex. Propõe para o lado oposto, setor que vai do centro para o norte da cidade para a direção do bairro Itoupava Norte como área de consolidação, tentando direcionar o crescimento da cidade a longo prazo para a região norte, para o setor da BR-470, por conter, esta região melhores condições topográficas e geológicas para adensamento urbano. Expande a rede de corredores de serviços, dispersando a localização de serviços e comércio.

O limite máximo para as edificações, contrariamente ao plano original, que condicionava sua altura às dimensões do lotes, passa a ser pelo seu Art. 26, de quinze pavimentos, com maiores índices de aproveitamento, e para manter a percepção dos montes circundantes. A Zona Central-1 tem sua altura máxima reduzida para nove pavimentos, e cria as ZPHs - Zonas de Preservação Histórica, com limite de 4 pavimentos. São criadas duas ZPHs, sendo uma no bairro Bom Retiro, local de antigas residências aristocráticas, e a outra a do Centro Histórico. Obriga recuos laterais para as torres dos edifícios a partir do 4º. pavimento, desde que o embasamento contemple comércio e garagens. Na cidade, os ventos dominantes são de direção nordeste, sendo a velocidade do ar com média anual de 1,0 m/s.

Esse novo plano evolui em relação às legislações anteriores que permitiam empenas cegas nas divisas para os edifícios em altura.

O plano também previu um sistema integrado de transportes, que implantado, trouxe significativos benefícios à população, por um sistema que contempla dois terminais urbanos no entorno do centro da cidade, conectando-os aos centros de bairro, sendo um localizado na rua Amazonas no início do bairro Garcia, e o outro na rua 7 de Setembro, próximo à Vila Germânica.

Na década de 1990, mudanças econômicas iniciadas no panorama nacional que a partir do governo Collor, fez com que o setor têxtil local, que antes havia crescido até o início desta década, favorecido pelo mercado nacional que restringia importações e pouco investiu na modernização da sua estrutura de produção, seja surpreendido face ao sucateamento de seu parque fabril pela abertura da economia ao mercado internacional. O setor têxtil da cidade entra em crise na década de 1990, comprimindo significativamente a economia da cidade, ocasionando desemprego.

No ano de 1994, o governo municipal, através da Lei Complementar nº 79 de 22 de dezembro, “*Institui o programa de proteção e valorização do patrimônio histórico arquitetônico do município, revoga as Leis nº 2.262/77 e 3.148/84*”, tratando de coordenar ações municipais visando à conservação dos imóveis de valor cultural, histórico e arquitetônico do Município, criando o Conselho do Patrimônio Histórico Municipal como órgão deliberativo, instituindo um fundo para aplicar em conservação nas obras de interesse. No Capítulo V institui o incentivo construtivo pelo aumento dos índices para a conservação de imóveis de interesse de patrimônio histórico e, no VI, concede incentivo tributário para mantê-los em suas características originais. O Capítulo VII trata do serviço de Cadastro do Patrimônio Histórico Arquitetônico.

Por outro lado, também visando à qualidade da paisagem urbana e disciplinar o uso do espaço aberto na cidade pela comunicação de propaganda comercial, promulga a Lei Complementar Nº 81, de 6 de abril de 1995, revogando a Seção 8ª. do Capítulo III, título IV da Lei nº. 2.047, de 25 de novembro de 1974, tratando no Art. 2º dos *letreiros* colocados no próprio local onde a atividade é exercida, e dos *anúncios publicitários* por meio de placas, painéis, outdoors ou similares, colocados em locais estranhos se a atividade é exercida no próprio local. Define algumas condições técnicas para estes elementos e parâmetros para sua colocação. No artigo 7º, item VII, estabelece altura livre de 2,50 metros em relação ao nível do passeio para os perpendiculares às fachadas e não ultrapassando de 1,20 metros, e altura mínima de 2,20 metros para os paralelos à elas e permitidos exclusivamente no pavimento

térreo.

Procura também, nesta lei, proteger a visibilidade para as esquinas das ruas para que os painéis e similares não encubram elementos construtivos que compõem o desenho das fachadas; nem podiam ser serem pintados nas fachadas frontais ou confeccionados em acrílicos, neon, chapas de madeira, vidro ou metal e iluminados, permitidos apenas quando elaborados no máximo com três cores e uso de iluminação.

O Art. 8º veda a publicidade que interfira na sinalização informativa e na mobilidade urbana, e se reporta a aspectos que protejam perspectivas de edifícios ou paisagem, de vias ou logradouros públicos, e importantes para qualidade de imagem no ambiente urbano:

I – *em áreas de proteção de recursos naturais e de preservação permanente e em zonas de preservação ambiental;*

IV – *obstruir a visão de imóvel localizado na zona de Preservação Histórica.*

Através do Art. 12, restringe na cidade a instalação de anúncios publicitários nas vias ou visíveis a elas em algumas ruas e lugares da cidade, e aqui destacam-se as que se relacionam total ou em parte à paisagem do entorno da rua 15 de Novembro: avenida Presidente Castelo Branco e suas transversais, rua 15 de Novembro e rua 7 de Setembro, bem como suas transversais, alameda Rio Branco, alameda Duque de Caxias, avenida Martin Luther, as ruas Alwin Schrader, Hermann Hering, Marechal Floriano Peixoto, São Paulo, República Argentina, Itajaí, e as margens do Rio Itajaí-Açú e ribeirões da Velha e Garcia.

Em 1996, o IPPUB-Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Blumenau, novo órgão da prefeitura, faz a segunda revisão do Plano Diretor, que resultou em mais restrições para adensamento do setor central, contemplando com os melhores índices construtivos os setores localizados no entorno da região de expansão do centro, objetivando potencializar a infraestrutura existente. No plano, segundo Siebert (1999, p. 116), a “*excessiva segregação de funções, com a definição de muitas áreas residenciais, em período de desemprego e crise econômica, leva a algumas alterações pela administração, do Código de Zoneamento*”, pela via de decretos leis, viabilizando alvarás de funcionamento comercial em zonas residenciais.

A rua 15 de Novembro e seu entorno imediato, como tradicional local de comércio varejista especializado da cidade, perde o foco de interesse de comércio varejista com a construção do Shopping Neumarkt em 1993, no lado ímpar da rua 7 de Setembro em setor aos fundos do Teatro Carlos Gomes. Como novo espaço, climatizado em uma cidade de clima quente e úmido, inovou pelas atrações de comércio e lazer com conforto ambiental térmico, atraindo as classes de maior poder aquisitivo. Sua localização privilegiada no centro da cidade reforça, a partir daquele momento, o declínio do comércio da rua 15 de Novembro. Algumas

lojas tradicionais da rua fecham, reciclam ou fracionam seus espaços para locação pela criação de pequenas galerias comerciais. Como exemplo deste tipo de intervenção, a tradicional Lojas Hering, com três andares e situada em lugar privilegiado da rua, termina por reduzir suas atividades, transformando o seu espaço interno em uma galeria de lojas, conhecida como Shopping H. A antiga intenção de reurbanização da rua, que vinha sendo estudada desde o advento dos calçadões em áreas centrais de cidades na década de 1970 em várias cidades brasileiras, das quais Curitiba é um dos exemplos mais conhecidos, é pressionada pelo comércio e chegou a ser estudada e orçada uma reurbanização na segunda gestão do prefeito Renato Viana (1993-1996), porém abandonada, por seus altos custos. A idéia foi colocada em prática na gestão seguinte, do prefeito Décio Lima, por uma parceria entre prefeitura e proprietários dos imóveis da rua, pela Lei Municipal de Mutirão, e com a participação das concessionárias de energia e telefonia, que readequaram a fiação aérea.

Um concurso nacional de anteprojetos de arquitetura¹¹ promovido pela prefeitura, tem adaptação final do projeto executivo e execução da obra supervisionada pelo antigo IPPUB¹². Iniciada em 6 de julho de 1999, com término em 2002, a obra propôs a valorização do pedestre, adequando os passeios para um mínimo de 3,0 metros, reduzindo estacionamentos na rua e controlando a velocidade dos veículos. Adotou mobiliário urbano inspirado na arquitetura art déco, com vários exemplares.

Alguns exemplares considerados representativos da arquitetura antiga têm a figura da fachada frontal representada no piso da rua, de gesto semelhante ao trabalho do arquiteto Miguel Angel Roca, para a cidade de Córdoba, na Argentina, entre os anos de 1979 e 1981.

A reurbanização promoveu também a humanização com arborização paisagística, promovendo algum sombreamento.

A pavimentação da rua adotou piso de blocos de concreto conhecido como paver, sendo alguns pigmentados, diferenciando a composição da pista de rolamento e dos



Fig. 2.46 – Peatonal Obispo Trejo-Córdoba, Argentina
 Fonte: Google
<http://www.miguelangelroca.com/html/obras/argentina/cordoba/cordobaobrashtml/obisopotrejo.html#>

¹¹ - Concurso Nacional de anteprojetos de arquitetura vencido pelos arquitetos curitibanos Armando Ito e Roberto Sabatella.

¹² - IPPUB – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Blumenau. Atualmente incorporado à Secretaria Municipal de Planejamento Urbano.

passaios. A substituição das pedras de granito por blocos de concreto permitem trânsito com menor ruído pelo rolamento dos veículos.

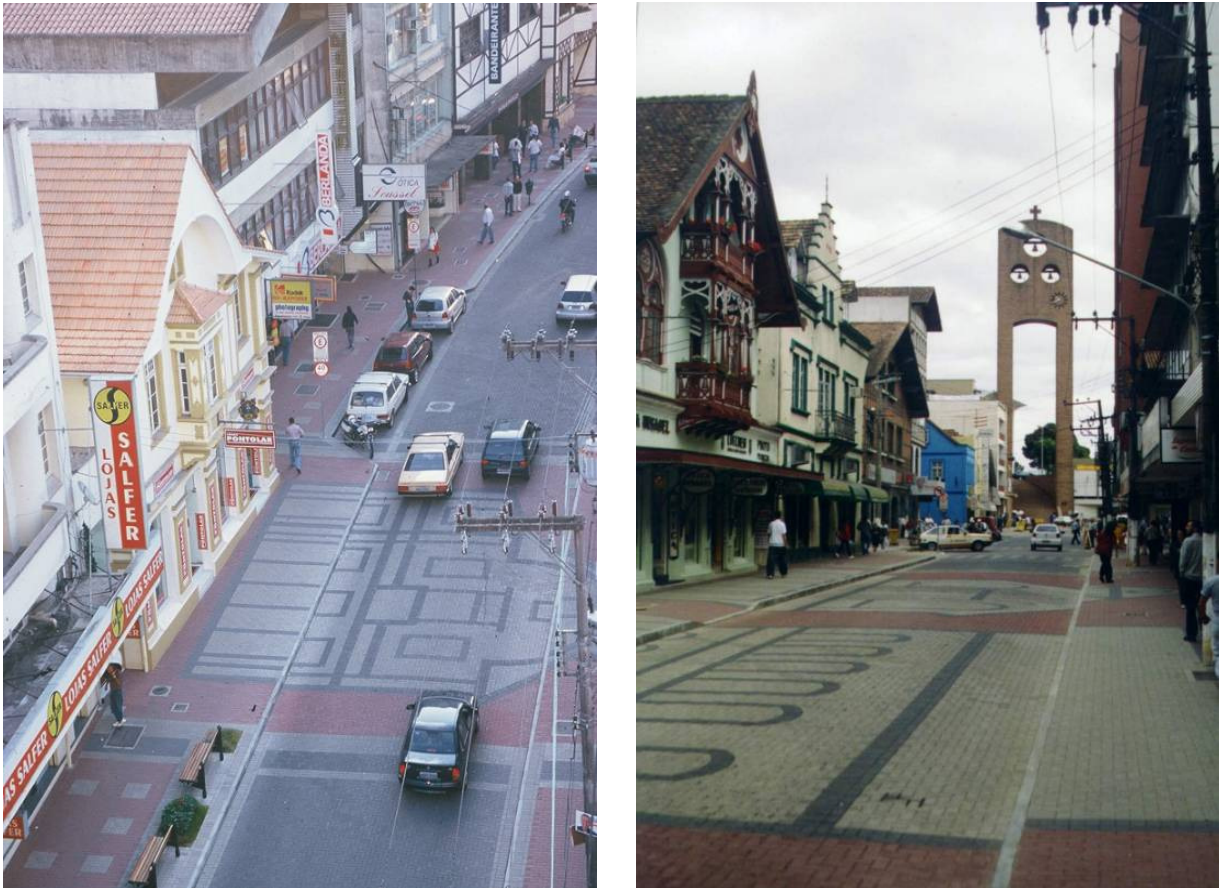


Fig. 2.47 – Vistas da rua 15 de Novembro, com fachadas rebatidas no piso
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau

Pelo início da década de 2000, retoma-se, no município, um lento processo de recuperação econômica por meio de atividades de produção diversificadas de pequenas e médias empresas. As grandes têxteis, já combalidas, sofrem para retomar competitividade em um período de oscilações na economia internacional e pela concorrência de produtos importados, oriundos principalmente de países do sudoeste asiático.

A rua 15 de Novembro começou a respirar novos ares pela retomada do seu comércio, pois, com reformas em seus imóveis, adquiriu uma nova ambiência, promovendo conforto aos pedestres.

Com a reurbanização, a apropriação do espaço público da rua é incrementada com estímulo da municipalidade para um evento pitoresco da cultura de tradição germânica



Fig. 2.48 - Vista da rua 15 de Novembro, após a reforma
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau



Fig. 2.49 – Vistas de evento do *Stammtich* na rua 15 de Novembro, década de 2000

Fonte: Google: <http://novablumenau.blogspot.com/2009/03/encontrado-no-arquivo-historico-o.html>

- o *Stammtisch*¹³, na rua 15 de Novembro. Com esta prática levada para o lugar após a reurbanização, a rua tomada para esta confraternização durante dois sábados ao ano, um a cada semestre, distribuindo-se pelo espaço da rua com grupos que se organizam por afinidade, constituindo-se em importante evento cultural e de incremento da urbanidade.

O crescimento da economia brasileira na década de 2000 movida pela evolução das exportações, oxigena a economia nacional, refletindo-se na recuperação da economia local,

¹³ - O termo *stammtisch* é formado da junção das palavras *stamm* que significa tronco, e *tisch* que significa mesa, ou seja, numa tradução fiel "mesa de tronco". - O dicionário Michaelis (alemão/ português), acrescenta dois outros aspectos que procuram explicar o significado do termo: "*Stammtisch*, mesa cativa de grupo de freqüentadores". Desta forma, define um local pré-determinado (mesa cativa) e incorpora, a este local, a presença de um grupo de freqüentadores habituais.

com a retomada e valorização dos espaços comerciais da rua 15 de Novembro. Reformas adaptam novas lojas e a reforma de edifícios antigos ressaltam suas figuras por contraste de pinturas de fachadas, principalmente em edifícios tombados.

A municipalidade, que já havia deixado de lado estímulos às construções que considerou como típicas, focou seu olhar para a preservação cultural, com forte atuação na década de 1990, cuidando de seu cadastramento, e levaram ao tombamento de edificações pelo IPHAN e principalmente pela FCC, de acordo com o Decreto nº. 1.070 de 31 de março de 2000 para a manutenção de exemplares e conjuntos considerados de interesse do patrimônio arquitetônico, histórico e cultural, com intuito de preservar rastros da história e a identidade do lugar, refletindo inspiração por princípios da Carta de Veneza¹⁴.

No ano de 2005, resolve ampliar o que entende como preservação e evolui para uma idéia contextual de patrimônio cultural, através da Lei Complementar nº 558, de 23 de dezembro de 2005, que *“Dispõe sobre o programa de proteção e valorização dos bens do patrimônio histórico, arquitetônico, paisagístico e cultural do município, revoga a Lei Complementar nº. 79 de 22 de dezembro de 1994”*, que trata, no Capítulo I, dos objetivos e da coordenação do programa, explicitando, em seu Art 1º, que:

O programa de Proteção e Valorização dos Bens do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paisagístico e Cultural do Município, instituído pela Lei Complementar n.79, de 22 de dezembro de 1994, tem por finalidade a coordenação de ações para a conservação dos imóveis cadastrados ou tombados e é regulado por esta Lei Complementar.

No seu Capítulo II, Art. 3º, trata da criação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paisagístico e Cultural do Município, da criação de um fundo municipal de conservação, do serviço de cadastro para levantamentos e registros, e do Serviço de Tombamento do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paisagístico e Cultural do Município.

No ano de 2006, premido pela necessidade de adequação dos planos diretores ao Estatuto das Cidades, o município elabora por meio de Lei Complementar, a revisão do Plano Diretor, aplicando a metodologia estabelecida pela Lei Federal 10.257, de 10 de julho de 2001 - Estatuto das Cidades, e anunciando na sua introdução os objetivos como:

¹⁴ -Carta de Veneza – Carta Internacional Sobre Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios, de 1964.

sendo o resultado do Processo de Revisão do Plano Diretor que foi elaborado com vistas ao desenvolvimento da cidade, de forma sustentável, através da preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, da promoção da qualidade de vida da população, tendo em vista sua participação direta no processo de revisão.

A evolução das tecnologias e da arte aplicada à área de comunicação visual para utilização do espaço aberto, promoveu a disseminação de painéis de anúncios no espaço público da cidade, com uma presença progressivamente agressiva, atendendo a apelos mercadológicos, ocupando o espaço da cidade, burlando a legislação vigente, colocando-se nas superfícies externas de edifícios e nos vazios urbanos, marcando e alterando significativamente a paisagem urbana. Com espaço saturado por estes elementos, configurou-se uma situação de poluição destas imagens na paisagem. Fazendo frente a esta situação, a municipalidade intervém, ao reformular a legislação anterior promulgando a Lei Complementar nº 657, de 13 de novembro de 2007, revogando as leis complementares nºs. 81, de 1995, e suas alterações, a 97, de 1995, a 5.377, de 1999, e a 5.833, de 2002, estabelecendo, assim, normas gerais e critérios básicos para a publicidade exposta em logradouros públicos de Blumenau, dentro de uma ótica que propõe preservar a integridade da paisagem urbana, definindo no Art. 1º, item II, o que entende como paisagem urbana:

II – *“paisagem urbana: a configuração visual da cidade e de seus componentes resultantes da interação entre os elementos naturais, edificados, históricos e culturais na busca da preservação da qualidade e identidade urbanas”*.

No § 3º do Art. 4º, dispõe que os letreiros dos imóveis cadastrados ou tombados pelo Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paisagístico e Cultural do Município, do Estado e da União, tenham área máxima de 0,50 metros quadrados.

De modo geral, define que os letreiros serão colocados de maneira paralela ou perpendicular à fachada. No Art. 7º, que terão a face inferior distando 2,30 metros do piso do passeio, com máximo de 1,20 de avanço sobre o passeio, dependendo de sua largura, para os letreiros de topo, assim considerados os de edifícios com mais de 5 (cinco) pavimentos, com área máxima de 5% (cinco por cento) da área da fachada para a qual estiver voltado. Pelo Art. 8º, permite a instalação de letreiro de forma paralela nas fachadas e acima dos 7,00 metros de altura, desde que restrito aos 5% da fachada onde está, mantendo no mínimo 9,00 metros de distância do letreiro ao pavimento térreo

Para o cartaz publicitário, veda sua colocação em vazios urbanos, em terrenos com menos de 15 metros de testada para a via pública e, no Art. 12, descreve as características

possíveis de cartaz, que podem ser: cinético; eletrônico; pintado; outdoor, que pode ser simples, back ligh, front ligh e misto destes tipos, e permitidos em empena cega de edifícios a partir do quinto pavimento, ou no topo deles desde que não ultrapasse a fachada do edifício e não tenha quadros sobrepostos. A colocação não é permitida em edifícios estritamente residenciais.

Esta lei ainda trata de controlar outras atividades de comunicação no espaço aberto como: faixas e flâmula ou bandeirolas; panfleto ao públicos; inflável; publicidade em veículos automotores de propulsão humana e de tração animal; aparelhos de áudio e vídeo; ferramentas de comunicação no mobiliário urbano e espaços públicos.

A atual legislação de zoneamento e uso do solo traz na Lei Complementar nº. 491/2004 – Código de Zoneamento e Uso do Solo, Seção VI, o estabelecimento de Zonas Especiais no território do município, definindo-as na Seção VI, como Zonas Especiais e definidas no Art. 11: *“As zonas especiais são aquelas destinadas a assegurar a qualidade de vida urbana do ponto de vista ambiental, de lazer, de preservação das áreas de interesse histórico e cultural, além de proteger áreas consideradas de extrema importância para o desenvolvimento da cidade”*.

Classifica essas Zonas Especiais em: I – Zona de Localização Especial (ZLE), II – Zona de Proteção Ambiental (ZPA), Área de Preservação Permanente (APP), e Áreas Não Edificáveis e não Aterráveis (ANEA), III – Zona Recreacional Urbana (ZRU), IV – Zona Agrícola (ZAG), V – Zona de Influência do Aeródromo (ZIA), VI – Zona Hospitalar Fechada (ZHF), VII – Zona Educacional Fechada (ZEF), e VIII – Área Rural (ARU).

As ZLEs definem-se como:

As Zonas de Localização Especial (ZLE) são constituídas por áreas urbanas e rurais consolidadas e áreas em torno de bens imóveis existentes no território do Município, que por sua vinculação a fatos memoráveis e/ou significativos, ou por seu valor sociocultural, ambiental, arqueológico, histórico, científico, artístico, estético, paisagístico ou turístico, sejam de interesse público proteger, preservar e conservar.

A Fig. 2.50, ilustra o zoneamento do centro da cidade. É a área onde se concentram os edifícios tombados no centro da cidade e em especial a rua 15 de Novembro, e tem, de acordo com o Art. 12, seu entorno definido como ZLE-4 (Zona de Localização Especial-4), (ver Anexo-1).

O setor central define-se pelo bairro Centro com zoneamento ZLE4 - ZC2 - ZC3 –

ZEF - ZHF, e tem, no seu entorno imediato, os bairros com índices: Ponta Aguda, ZR4 - ZR5, Victor Konder, ZC3, Bom Retiro com ZR2 - ZR3 - ZLE1, Vila Formosa com ZR5, Garcia com ZC2, e Vorstadt, ZR4 – ZLE1 e ZPA.



- ZR-4 ZONA RESIDENCIAL 4
- ZR-5 ZONA RESIDENCIAL 5
- ZC-2 ZONA COMERCIAL 2
- ZC-3 ZONA COMERCIAL 3
- ZLE-4 ZONA DE LOCALIZAÇÃO ESPECIAL 4
- ZEF ZONA EDUCACIONAL FECHADA
- CS3 CORREDOR DE SERVIÇO 3
- CS4 CORREDOR DE SERVIÇO 4
- CS5 CORREDOR DE SERVIÇO 5

Fig. 2.50 – Mapa de Zoneamento da área central de Blumenau, 2009
 Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

HISTÓRICO DE ENCHENTES DA CIDADE DE BLUMENAU

Relação dos picos de enchentes registradas em Blumenau, desde sua fundação:

ANO	DATA	COTA	ANO	DATA	COTA	ANO	DATA	COTA
1852	29/10	16.30	1935	24/09	11.65	1973	03/07	09.00
1855	20/11	13.30	1936	06/08	10.40	1973	22/07	09.30
1862	00/11	09.00	1939	27/11	11.45	1973	28/07	09.35
1864	17/09	10.00	1943	03/08	10.50	1973	29/08	12.35
1868	27/11	13.30	1946	02/02	09.45	1975	04/10	12.63
1869	21/10	11.00	1948	17/05	11.85	1975	13/12	08.50
1870	11/10	10.00	1950	17/10	09.45	1976	15/05	08.30
1880	23/09	17.10	1953	01/11	09.65	1976	29/05	10.85
1888	00/01	12.80	1954	08/05	09.56	1977	18/08	09.15
1891	18/06	13.80	1954	22/11	12.53	1978	26/12	11.50
1898	01/05	12.80	1955	20/05	10.61	1979	10/05	09.45
1898	25/12	11.30	1957	20/07	09.28	1979	09/10	10.45
1900	02/10	12.80	1957	02/08	10.60	1980	31/07	08.40
1911	02/10	16.90	1957	18/08	13.07	1980	22/12	13.27
1911	29/10	09.86	1957	16/09	09.44	1982	15/11	08.65
1923	20/06	09.00	1961	12/09	10.35	1983	04/03	10.60
1925	14/05	10.30	1961	30/09	09.63	1983	20/05	12.52
1926	14/01	09.50	1961	01/11	12.49	1983	09/07	15.34
1927	09/10	12.30	1962	09/09	08.94	1983	24/09	11.75
1928	31/05	08.20	1962	21/09	09.29	1984	07/08	15.46
1928	18/06	11.76	1963	29/09	09.67	1990	21/07	08.82
1928	15/08	10.82	1966	13/02	10.07	1992	29/05	12.80
1928	17/09	10.30	1967	18/02	10.50	1992	01/07	10.62
1931	02/05	11.05	1969	06/04	10.14	1997	01/02	09.44
1931	14/09	11.25	1971	09/06	10.35	1998	28/04	08.24
1931	18/09	11.53	1972	17/08	10.70	1999	03/07	08.26
1932	25/05	09.75	1972	29/08	11.35	2001	01/10	11.02
1933	04/10	11.85	1973	25/06	11.30	2008	24/11	11.52

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau

<http://www.blumenau.sc.gov.br/novo/site/conteudo/index.php?IDSECAO=7393&IDPAI=2290>

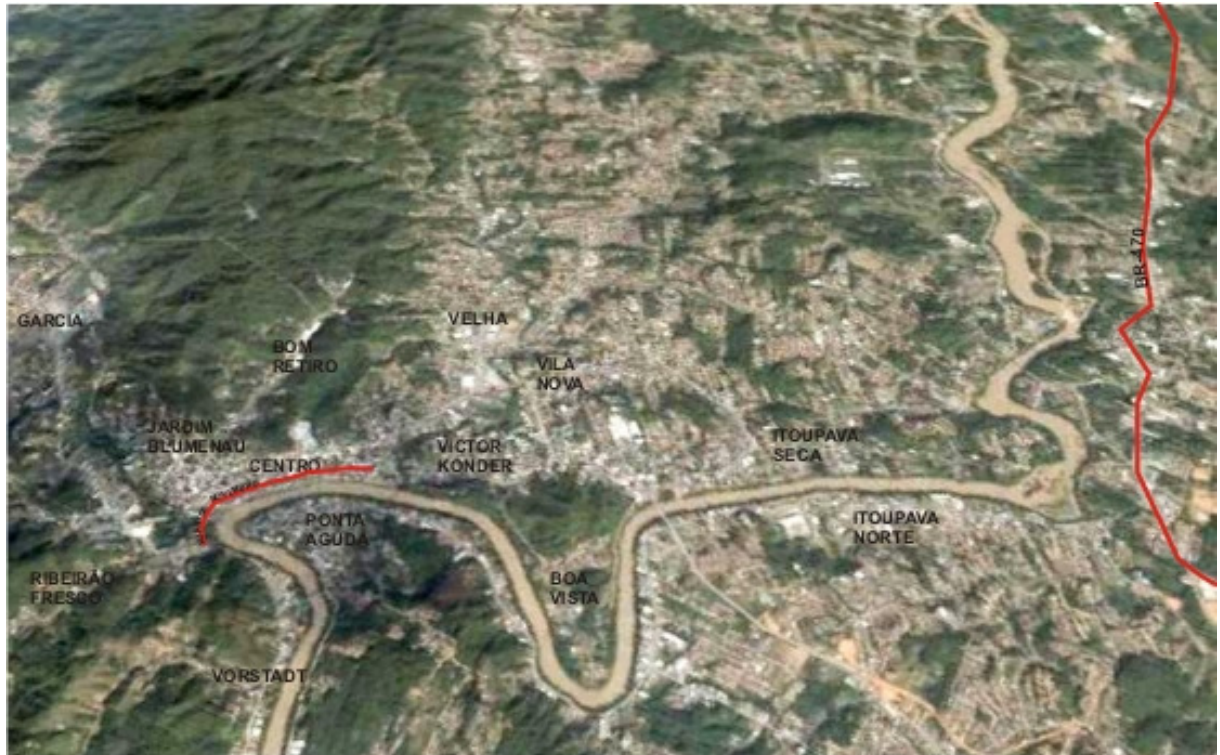


Fig. 2.51 – Vista aérea da área central da cidade, 2009
 Fonte: Google Earth, edição P. Mattedi



Fig. 2.52 – Mapa da área central da cidade de Blumenau
 Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

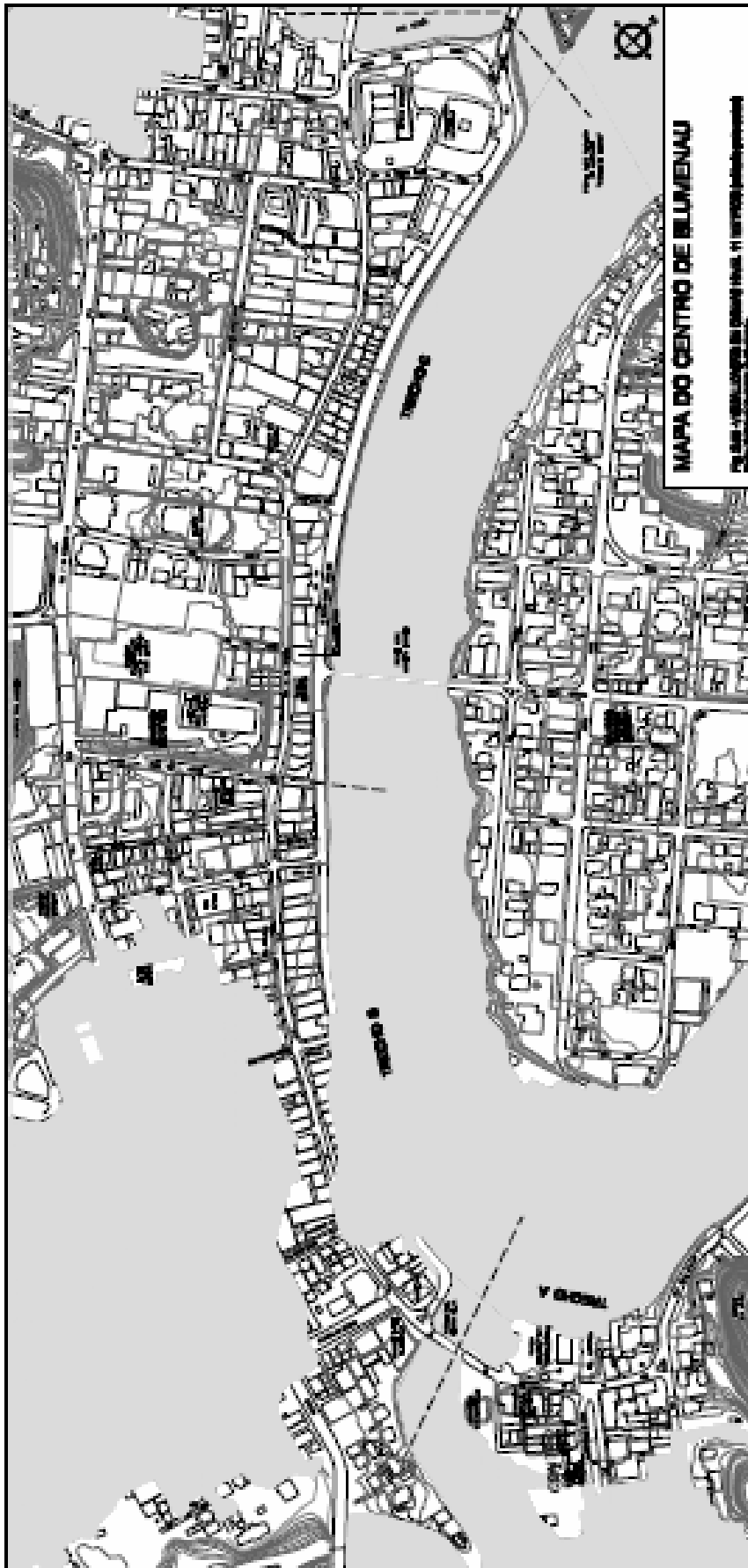


Fig. 2.53 – Mapa de visualização de cheias nível 11.0 metros
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

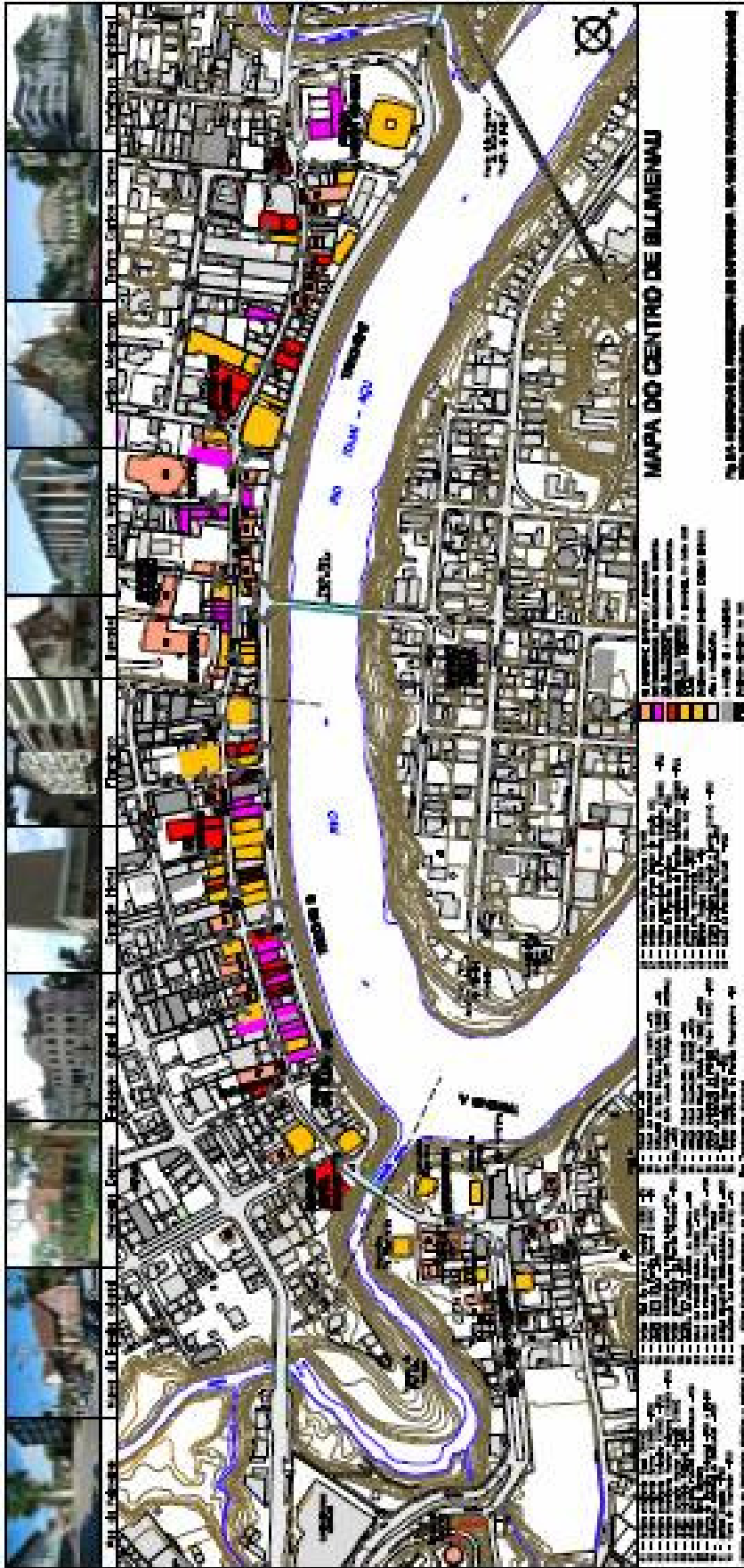


Fig. 3.1 – Mapa indicativo de arquitetura do entorno da rua 15 de Novembro
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

3. A PAISAGEM DA RUA 15 DE NOVEMBRO

A rua 15 de Novembro tem seu traçado sinuoso acompanhando a forma da calha do rio Itajaí-Açu que se constitui na linha de força do lugar (CULLEN, 1983). O acesso pode ser realizado diretamente de duas maneiras: pela rua Itajaí (antigo acesso) e pela rua República Argentina (bairro Ponta Aguda). A melhor percepção do contexto central da cidade acontece à chegada da ponte Gov. Adolfo Konder (conhecida como ponte da Ponta Aguda), no entorno da catedral, que permite a visualização da paisagem urbana moldada pela calha do rio Itajaí-Açu.

Definida por uma espacialidade que se revela peculiar possui legibilidade com uma ambiência de pregnância, de acordo com Kohlsdorf (1996). O rio, segundo Lynch (1990), constitui-se como um dos limites do Bairro Centro. A margem direita do rio neste setor é definida pela construção e tratamento paisagístico do talude de proteção, por onde corre a avenida Castelo Branco, conhecida como avenida Beira Rio. A marcação se reforça pela presença arbórea no talude e pelos morros que finalizam o campo de visão.

Em paralelo à linha do rio, serpenteia o traçado da rua 15 de Novembro.



Fig. 3.2 – Vista da rua 15 de Novembro

Fonte: Do autor

Para melhor expor a leitura do lugar, propõe-se dividir o trecho da rua em três setores sequenciais, a saber: o primeiro, denominado **trecho “A”**, começa na perpendicular ao encontro das ruas Itajaí e Alwin Schrader, até encontrar o ribeirão Garcia e equivale ao **Centro Histórico**; o segundo, denominado **trecho “B”**, estende-se desde o ribeirão Garcia até a Catedral de São Paulo Apóstolo; e o terceiro, denominado **trecho “C”**, vai desde a catedral até o final da rua 15 de Novembro, quando se encontra com a praça Victor Konder onde se localiza a nova prefeitura municipal.

Dividir a leitura por trechos considera-se de importância para melhor expor e interpretar suas particularidades, no que diz respeito aos aspectos morfológicos que determinaram à conformação espacial da rua. As relações espaciais do seu entorno são definidas a partir do limite físico do rio Itajaí-Açu, sendo que o **trecho B** se situa dentro da área de maior extensão plana do Centro, inicia na margem direita do rio, indo até o final da alameda Rio Branco, com largura compreendida entre o ribeirão Garcia e a rua Floriano Peixoto, estreitando-se radicalmente próximo aos fundos do lugar da catedral.

A última parte, o **trecho C**, caracteriza-se como área de topografia acidentada, entre as ruas 15 de Novembro e 7 de Setembro, onde a malha viária é contida pelo Morro dos Padres até a rua Amadeu da Luz. A partir deste lugar, a área plana volta a alargar-se para a direção do bairro Victor Konder.

Até a década de 1950, a rua foi importante lugar de passagem do Vale do Itajaí para o litoral.

A leitura far-se-á no sentido do trecho **A** para o trecho **C**, finalizando quando encontra a Praça Victor Konder, lugar da nova prefeitura. Esta direção coincide com o sentido do tráfego de veículos da rua 15 de Novembro e avenida Beira Rio, sendo que o sentido oposto do tráfego é realizado pela rua 7 de Setembro.

A rua, com 1.555 metros aproximadamente, tem pista de rolamento com largura de 6.60 metros nos trechos **B** e **C**, sendo variável apenas no trecho **A**. Já as calçadas são mais estreitas no início do trecho **A**, alargando-se dentro do próprio trecho, a partir da Alameda Duque de Caxias (rua das Palmeiras). Nos trechos **B** e **C**, a reurbanização da rua procurou obedecer a uma largura mínima de três metros para as calçadas.

Seu traçado sinuoso é acompanhado por irregularidade planimétrica. Começa com a cota topográfica de 14.6 metros, cai para 10.9 metros na esquina da praça Dr. Blumenau, sobe novamente para 14.9 metros em frente à torre da catedral, torna a cair para 12.7 na esquina da rua Namy Deeke, subindo para 15.3 no final do trajeto.

O setor que vai da esquina da alameda Rio Branco até a rua Caetano Deeke, como ilustra a Fig. 2.53, é o primeiro a ser alagado pelas subidas das águas do rio Itajaí-Açu, interrompendo o trânsito que atravessa o centro da cidade.

No presente trabalho, indicam-se cotas topográficas para relacionar ruas com níveis das enchentes, as quais, de acordo com o CEOPS, coincidem, praticamente, no centro da cidade de Blumenau, com as cotas topográficas, sendo que o fenômeno faz parte da história desta comunidade, marcando significativamente a sua vida.

A estrutura viária principal do centro da cidade é formada pelas ruas 7 de Setembro, 15 de Novembro e Avenida Beira Rio, que atravessam o centro da cidade e são quase que paralelas ao rio.

A rua 7 de Setembro segue para a região sul da cidade, para o bairro Garcia, conectando-se com a rua Amazonas pela margem direita do ribeirão de mesmo nome, enquanto a alameda Rio Branco faz esta ligação para o sul, conectando-se com a rua Hermann Huscher pela margem esquerda. Neste bairro localiza-se a antiga indústria têxtil Artex (atual Coteminas).

A rua 15 de Novembro inicia com tráfego ingressando pelas ruas Itajaí e Alwin Schrader, seguindo até seu final onde se bifurca para a avenida Beira Rio e a rua 7 de Setembro. Já a avenida Beira Rio, inicia na foz do ribeirão Garcia, segue paralela ao rio até encontrar com a rua Martin Luther, que continua o tráfego para o setor norte da cidade.

As ruas transversais à rua 15 de Novembro, de importância para o tráfego, são a rua das Palmeiras, alameda Rio Branco, e ruas Nereu Ramos e Floriano Peixoto, sendo que esta conduz ao bairro Bom Retiro (lugar da indústria têxtil Hering e onde ocorre uma ligação com o bairro da Velha), e a rua Amadeu da Luz.

Pela margem esquerda, onde se situa o bairro Ponta Aguda, chega-se ao centro pela rua República Argentina, encontrando com a avenida Beira Rio, como uma das alternativas para entrada e saída do centro, dirigindo-se, o tráfego, tanto para a Br-470, quanto para a rodovia Jorge Lacerda, que conduz para Gaspar.

Ao norte do município estão os bairros Itoupava Norte, Salto do Norte, Fidélis e Itoupava Central, para cuja direção a cidade projeta seu crescimento futuro, por ser mais alto, e de geologia adequada para adensamento urbano.

A rua 15 de Novembro tem, nos trechos **B** e **C**, o seu maior percurso, de orientação sudeste/noroeste.

3.1 Breve consideração acerca de habitações e urbanidade no centro da cidade

O centro da cidade de Blumenau, a exemplo de tantos, outros apresenta redução de habitações substituídas por atividades do setor terciário, refletindo na diminuição dos tempos de permanência e alterando a urbanidade fora do horário comercial.

Por este fato, o centro da cidade, e em especial a rua 15 de Novembro, caracteriza-se por um movimento diurno intenso, diminuindo sensivelmente após o horário comercial. Esta redução tem oportunizado os desvios da criminalidade, demandando necessidade de monitoramento eletrônico do seu espaço público. Fora do horário comercial, a circulação de pedestres no centro da cidade dá-se preferencialmente para o Shopping Neumarkt, localizado na rua 7 de Setembro, à procura de lazer e entretenimento. Contribuem para este movimento, escolas de nível médio e superior noturno, no setor urbano localizado depois da rua 7 de Setembro. Locais de lazer noturno como a cervejaria que do Biergarten e poucos restaurantes tradicionais, atraem algum movimento ao centro durante a semana. No centro também estão a Fundação Cultural de Blumenau e o Teatro Carlos Gomes, que têm público restrito. Grande movimento na centralidade ocorre durante as festas de outubro, e também pela ocasião do Stammtisch, praticado uma vez a cada semestre na rua 15 de Novembro. Raros eventos anuais ocorrem nesta rua, como pequenas feiras populares promovidas pela municipalidade nos finais de semana.

Para o esvaziamento do Centro, concorre o crescimento de alternativas de lazer noturno que se expandem para os setores dos bairros Vila Nova e Victor Konder, onde está o Campus I da FURB.

3.2 Da mobilidade no centro da cidade

O transporte público no setor central conta com dois terminais urbanos de um sistema integrado de transporte coletivo, um localizado na rua 7 de Setembro, conhecido como Terminal Urbano da Proeb, e o outro na rua Amazonas, conhecido como Terminal Urbano da Fonte, cujo circuito passa pela avenida Beira Rio e pela rua 7 de Setembro, sendo que a rua 15 de Novembro está no intervalo entre as duas ruas. Seis pontos de ônibus distribuem-se ao

longo da Avenida Beira longo da Avenida Beira Rio, ao passo que na rua 7 de Setembro, no trecho correspondente, há apenas dois deles, sendo um em frente ao Shopping Neumarkt e o outro próximo à rua Floriano Peixoto.

A rua 15 de Novembro tem o seu trajeto sinuoso cujas inflexões para a direita e para a esquerda interrompem a visibilidade da sua continuidade espacial, com a legibilidade alterada por árvores que truncam a percepção da continuidade das fachadas dos edifícios.

3.3 Trecho A

Situado no setor urbano conhecido como Centro Histórico¹⁵, é parte do bairro Centro, mantém a configuração do traçado do plano urbano inicial do lugar, de acordo com o mapa do antigo Stadtplatz (lugar do povoado), como ilustra a Fig. 2.5. Conformam este lugar, o Rio Itajaí Açu, o Ribeirão Garcia e o Morro do Aipim.

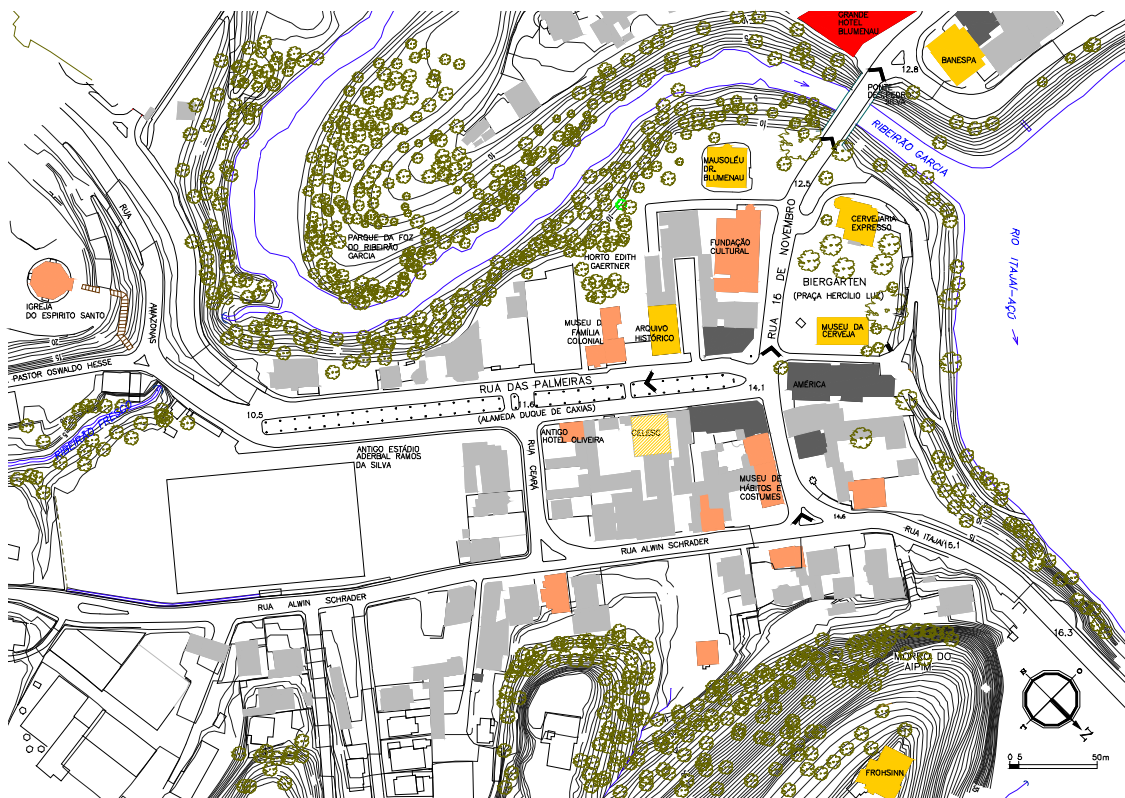


Fig. 3.3 – Trecho A – Mapa do Centro Histórico

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

 DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS	 FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS	 EDIFÍCIOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
 ATÉ 4 PAVIMENTOS	 ACIMA DE 4 PAVIMENTOS	

¹⁵ Centro Histórico – designação utilizada como roteiro de visitação turística

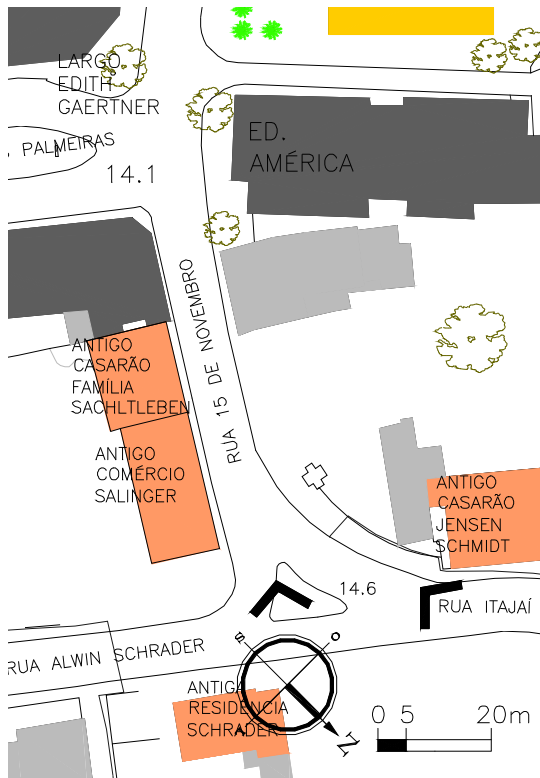


Fig. 3.4 – Trecho A - Mapa do início da rua 15 de Novembro
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- ATÉ 4 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS



Fig. 3.5 – Vista do início da rua 15 de Novembro, a partir da rua Itajaí
Fonte: Do autor



Fig. 3.6 – Vista do início da rua 15 de Novembro
Fonte: Do autor

Mantido como lugar histórico, tem uso do solo urbano definido pela legislação como ZLE-4¹⁶, e caracteriza-se pelos espaços da alameda Duque de Caxias, conhecida como rua das Palmeiras, e pela Praça Hercílio Luz, tombada pela FCC e conhecida como Biergarten.

A rua 15 de Novembro inicia conformando-se com dois casarões históricos no lado esquerdo, sendo, o primeiro dos quais é o antigo Comércio Salinger, seguido da antiga residência da Família Sachtlebe, ecléticos, são tombados pela FCC. Edificados pelo final do século XIX, suas fachadas conservam detalhes exigidos pelo Código de Posturas de 1883, funcionaram como comércio no pavimento térreo e uso residencial no pavimento superior e sótão, posicionados como ponto de referência do centro da cidade para quem chega pela rua Itajaí. O primeiro deles abrigará o futuro Museu de Hábitos e Costumes, e o segundo, colado

¹⁶ Art. 12 § I- “Zona de Localização Especial 4 – (ZLE-4) – áreas urbanas consolidadas e áreas de entorno de edificações de valor histórico, turístico, cultural, e de monumentos com características urbanas;” - da Lei Complementar N° 491/2004 – da legislação municipal.

ao primeiro, desocupado, compõem a borda esquerda da rua que tem os edifícios colados até a esquina da rua das Palmeiras. Exemplos significativos da arquitetura vernacular de alvenaria de tijolos, são parte do conjunto de edifícios que preservam a memória do lugar que abrigou atores da classe mercantil dos tempos de consolidação da colônia.

O espaço da rua tem discreta presença propaganda nas fachadas, fruto da aplicação da legislação reguladora. O mobiliário urbano, de inspiração art déco foi inserido pela reforma da rua. Para as calçadas e a pista de rolamento, recorreu ao paver, promovendo ainda a arborização para as calçadas.

3.3.1 A rua das Palmeiras

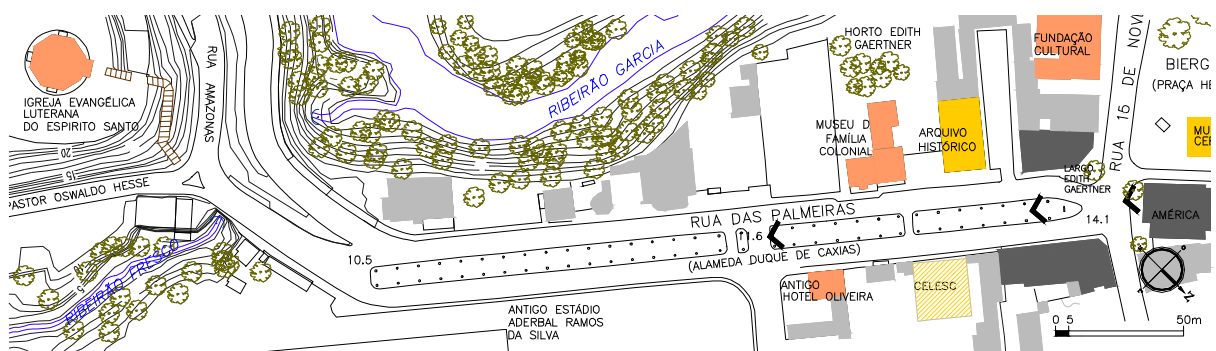


Fig. 3.7 – Trecho A - Mapa rua das Palmeiras

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

	DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS		EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES		ATÉ 3 PAVIMENTOS
	REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS)		FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS		ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
	REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)				

A conformação deste espaço inicia enquadrando o visual das palmeiras em equilíbrio de altura com a dos prédios de esquina, cujos chanfros de canto promovem melhor concordância espacial com a rua 15 de Novembro.

O ritmo do alinhamento das árvores marca o eixo de uma espacialidade pensada que não se



Fig. 3.8 – Vista da rua das Palmeiras, mostra o antigo piso de pedra na esquina da rua 15 de Novembro. Após a esquina, à esquerda, o edifício da Celesc imita o enxaimel, está no lote do antigo Teatro Frohsinn
Fonte: Do autor



Fig. 3.9- Escultura na entrada do espaço das palmeiras
Fonte: Do autor



Fig. 3.10 – Vistas da rua das Palmeiras, mostra o piso dos passeios laterais
Fonte: Do autor



conformou totalmente, mantendo o desenho geométrico do traçado inicial destinado a construir-se como espaço do mercado e da administração do lugar.

Logo na entrada do espaço das árvores, a escultura esguia de tonalidade clara indica o marco histórico do lugar. Instalada na reforma desta calçada central em 2008, enfatiza a marcação do eixo longitudinal e se posiciona transmitindo a idéia de fechamento da entrada do pórtico verde. A reforma trocou o piso da calçada central e também instalou itens de mobiliário como bancos, lixeiras, enquanto sua iluminação foi embutida no piso. As calçadas laterais permaneceram com o piso antigo, de ladrilhos hidráulicos.

As bordas, que se iniciam cerradas na esquina, seguem conformando-se com edifícios separados entre si, lembrando a característica urbana da arquitetura da imigração. Descendo, na esquina da rua Ceará, à esquerda, em 11.5 metros, observa-se a presença de apenas duas



Fig. 3.11 – Vistas da rua das Palmeiras, à esquerda, entre as ruas 15 de Novembro e Ceará e, à direita, entre a rua Ceará e o seu final
Fonte: Do autor



Fig. 3.12 – Vistas da rua das Palmeiras, mostram o lado esquerdo e lado direito desta via
Fonte: Do autor

edificações antigas até esta esquina, sendo que no mesmo percurso, pela rua Alwin Schrader, ocorre situação idêntica, sugerindo a hipótese de que a sequência histórica de enchentes do rio Itajaí-Açu, até 11.0 metros, possa haver desestimulado habitar por estes baixios, que se estendem pelos vales dos ribeirões Fresco e Garcia. Descendo até o final, alcança 10.5 metros, mostra, à esquerda, o vazio gerado pela demolição do Estádio Aderbal Ramos da Silva, Fig. 3.11, e amplia o campo de visão para o fundo do vale do bairro Ribeirão Fresco, lugar de baixa densidade de ocupação.

Ao final do espaço das palmeiras, quando a rua deriva para direita, encontra áreas verdes das faixas de preservação ambiental das margens dos dois ribeirões que emolduram o espaço do Centro Histórico, promovendo a descontinuidade da malha urbana, constitui-se borda de transição entre o Centro Histórico e setores urbanos de seu entorno.

A rua das Palmeiras é o espaço da história do lugar, conformado por alguns edifícios antigos, sendo que os de maior significado da história deste lugar estão do lado direito, representados pelas duas casas coladas, e do legítimo enxaimel¹⁷ da imigração alemã, edificadas em 1864 e 1858, respectivamente, que abrigam o Museu da Família Colonial, e são tombadas pelo IPHAN e FCC. Antes destas, e do mesmo lado, um outro edifício, que abriga o Arquivo Histórico e a Biblioteca Municipal, tem as fachadas que imitam a casa dos alpes e também pertence à Fundação Cultural.

As palmeiras foram plantadas em 1876, denominadas Palmenalle e também Boulevard Wendenburg, sobrenome do vice-diretor da colônia da época.

Neste caminhar, observa-se ainda, do lado direito, ao fundo, acima dos telhados,



Fig. 3.13 – Arquivo Histórico de Blumenau
Fonte: Do autor



Fig. 3.14 - Museu da Família Colonial
Fonte: Do autor

3- Enxaimel – De acordo com o Dicionário Aurélio, 2ª. ed, [De provável or. ár.].“Cada uma das estacas ou grossos caibros que, juntamente com as varas, constituem o engradado das paredes de taipa, destinado a receber e manter o barro amassado”.



Fig. 3.15 – Vista da rua das Palmeiras, mostra a torre da igreja sobre os telhados
Fonte: Do autor

a silhueta da torre da igreja Evangélica Luterana do Espírito Santo, tombada pelo IPHAN e FCC.

Do lado esquerdo, destaca-se na esquina da rua Ceará, o antigo Hotel Oliveira, eclético, um dos primeiros hotéis da rua. Mantido como memória do lugar, é tombado pela FCC.

Na segunda metade desta rua, as edificações que estão do lado direito apresentam-se incaracterísticas, e como detalhe, junto da esquina direita com a rua 15 de Novembro, o Largo Edith Gaertner, que abriga uma pequena escultura abstrata de metal, da artista plástica Elke Hering Bell, posicionada em pedestal de granito, contribui para a qualificação do lugar.

No percurso de retorno para a direção da rua 15 de Novembro, visualiza-se o esqueleto de concreto do edifício América, cuja escala rompe a característica de horizontalidade do entorno construído do Centro Histórico, e, com sua imagem de abandono, reforça o aspecto decadente deste setor urbano da cidade.



Fig. 3.16 – Igreja Evangélica Luterana do Espírito Santo
Fonte: Do autor



Fig. 3.17 - Antigo hotel Oliveira
Fonte: Do autor



Fig. 3.18 - Escultura de Elke Hering Bell
Fonte: Do autor



Fig. 3.19 – Vista do edifício América, a partir da rua das Palmeiras
Fonte: Do autor



Fig. 3.20 – Vista do Horto Edith Gaertner, aos fundos, entre do museu e o Arquivo Histórico
Fonte: Do autor

3.3.2 O Biergarten

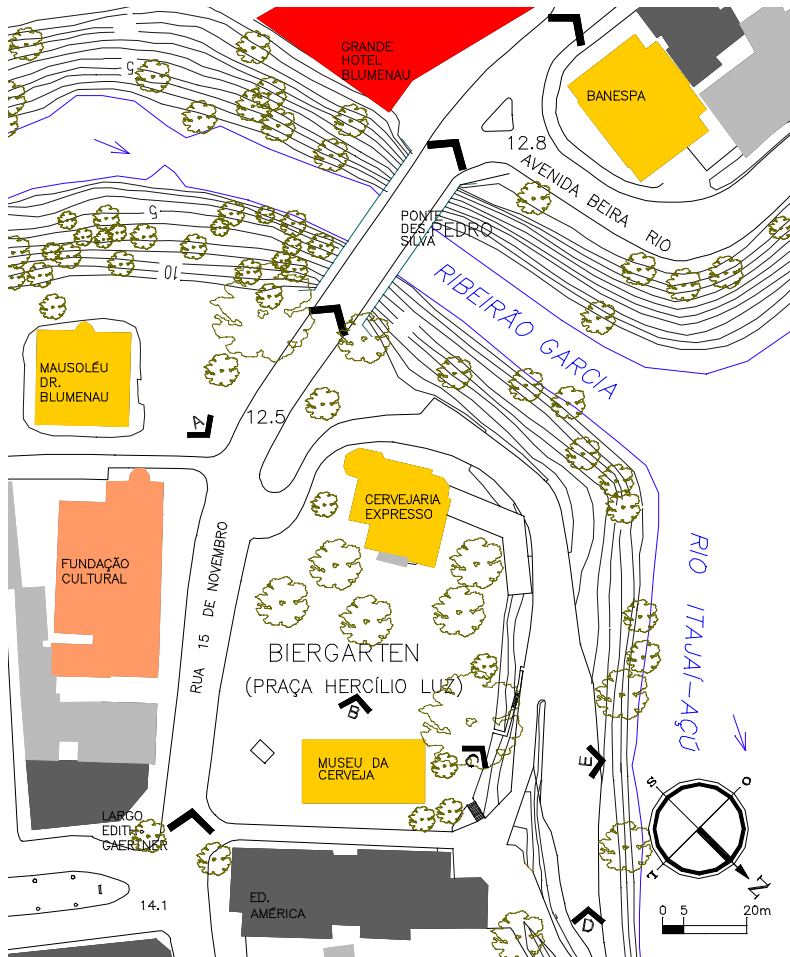


Fig. 3.21 – Trecho A - Mapa do Biergarten
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- | | | |
|--|--|---|
| DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS | EDIFÍCIOS IMITANDO O ENXAMEL OU CASA DOS ALPES | ATÉ 3 PAVIMENTOS |
| REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATE DE 4 PAVIMENTOS) | FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS | ACIMA DE 3 PAVIMENTOS |
| REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS) | | |

Logo após a rua das Palmeiras, a rua 15 de Novembro tem legibilidade até a entrada da ponte Desembargador Pedro Silva. A percepção da continuidade espacial da rua, que é truncada pela arborização das margens do ribeirão Garcia, direciona o olhar para o espaço da praça, do lado direito. Marca, esta visada, a silhueta das figuras delgadas das palmeiras com sua verticalidade sobressaindo contra o fundo deste recorte da paisagem, sinalizando o lugar do mausoléu.



Fig. 3.22 – Mausoléu Dr. Blumenau
Fonte: Do autor



Fig. 3.23 – Fundação Cultural
Fonte: Do autor



Fig. 3.24 – Cervejaria Expresso
Fonte: Do autor



Fig. 3.25 – Museu da Cerveja
Fonte: Do autor

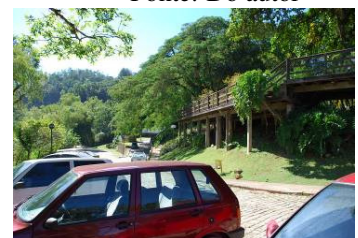


Fig. 3.26 – Vista da rua de contorno da praça
Fonte: Do autor



Fig. 3.27 – Vista da rua 15 de Novembro, com a Fundação Cultural à esquerda e o Biergarten à direita
Fonte: Do autor

A rua 15 de Novembro se alarga ampliando espacialidade para o espaço público à direita, da praça Hercílio Luz conhecida como Biergarten, que em alemão significa Jardim da Cerveja, é tombada pela FCC.

Na borda esquerda da rua destaca-se o edifício da Fundação Cultural, eclético, iniciado em 1875 e tombado pela FCC. De fachada historicista, foi sede da antiga Prefeitura e Câmara de Vereadores, finaliza, juntamente com o Mausoléu, a borda esquerda da rua, encontrando com a margem direita do ribeirão Garcia.

Pelo pórtico da sua fachada se acessa o pátio interno que articula um conjunto de construções menores, aos fundos. Na década de 1990, foi reconstruída de acordo com a fachada original, a ala à direita do pórtico de entrada, destruída por um incêndio em 1958. O projeto final de recuperação deste conjunto foi desenvolvido pelo arquiteto Hans Broos. Hoje, abriga o Museu de Arte Blumenauense e atividades culturais.

O Biergarten ocupa o espaço livre do traçado inicial do Stadtplatz projetado como área aberta em frente ao porto fluvial e urbanizado como praça em 1903. Arborizado, seu acesso se dá em nível com rua a 15 de Novembro, conforma o espaço da praça com a Cervejaria Expresso à esquerda e o Museu da Cerveja à direita, possibilitando uma visão panorâmica do rio. São construções da década de 1990 inspiradas nos estilos típicos, com a cervejaria na foz do ribeirão Garcia, ponto privilegiado deste lugar.



Fig. 3.28 – A - Biergarten, vista a partir do lugar do Mausoléu
Fonte: Do autor



Fig. 3.29 – B - Biergarten, vista do interior da praça
Fonte: Do autor

Na reforma da rua, este espaço recebeu mobiliário urbano, mantendo o piso antigo de pedras claras colocadas como petit pavet, e na rua de contorno, permaneceu o antigo calçamento de pedras.

Lugar estratégico da área central para fruição da paisagem da curva do rio, tem no edifício gastronômico um lugar de permanência

e trocas, principalmente como lazer noturno. Sua varanda para a rua 15 de Novembro e o deck de madeira aberto aos fundos estabelecem diálogo com a rua e com o rio, para fruição desta paisagem, procurando retomar o uso desta praça desarticulada da centralidade. É espaço importante por seu papel na história da construção das relações sociais locais.



Fig. 3.30 – Museu da Cerveja
Fonte: Do autor



Fig. 3.31 – C - Biergarten, vista da rua de contorno da praça
Fonte: Do autor

A percepção da continuidade da paisagem deste platô é, em parte, interrompida pela copa de árvores do talude da margem e, por este motivo, melhor visualização da continuidade da paisagem é possível circulando pela rua de contorno, acessada a partir da praça por rampa estreita aos fundos. Esta rua é usada como estacionamento. Os taludes da margem têm inclinação variável, ajardinados, não contemplando mobiliário neste lugar, que oportuniza imediaticidade com a água.



Fig. 3.32 – D - Biergarten, vista do rio
Fonte: Do autor

Desta rua, em nível mais baixo, tem-se melhor visualização da paisagem do rio mostrando a avenida Beira Rio com as torres da rua 15 de Novembro e, na margem oposta, a praça Juscelino Kubistchek de Oliveira, conhecida como Prainha. Nela estão o restaurante Moinho do Vale (reformado recentemente), e também o casco do Vapor Blumenau, em cujo interior adaptou-se um pequeno museu contando sua história.

No subsolo do esqueleto do edifício América, retornam atividades de remo do tradicional Clube Náutico América, utilizando este acesso. As figuras dos barcos nesta paisagem, animam a paisagem resgatando o sentido de uso do rio.



Fig. 3.33 – E – Biergarten, vista da Prainha
Fonte: Do autor

O espaço Biergarten é também apropriado para atividades como a de ensino de artes ao ar livre. Em seus jardins estão alguns artefatos de arte, estátuas e esculturas, com destaque para uma obra de arte em metal, do artista plástico Guido Heuer, inserida no jardim, do lado direito da rua 15 de Novembro, próxima à ponte.

As obras de arte no espaço público, além de sinalizarem o espaço, contribuem para a sua ambiência, cuja atmosfera de abstração promove sensibilização aos passantes, conferindo sentido ao lugar.



Fig. 3.34 – Obra de arte de Guido Heuer, homenagem à visita do presidente Lula a Blumenau
Fonte: Do autor



Fig. 3.35 – Vista para o início do **trecho B**, onde à esquerda está o Grande Hotel Blumenau
Fonte: Do autor

3.3.3 Análise do trecho A

O setor do Centro Histórico situado periféricamente na morfologia do bairro Centro, passa por decadência econômica motivada pelo deslocamento da maioria dos antigos estabelecimentos comerciais do seu entorno. Este lugar urbano é atualmente limitado pelo atual Código de Zoneamento e Uso do Solo – ZLE-4 – que dá a todo o setor da rua 15 de Novembro atenção especial quanto a investimentos imobiliários. As restrições para a verticalização ao longo desta rua a partir da revisão do Plano Diretor de 1996, são reforçadas pelo tombamento de uma série de edificações ao longo dessa rua e seu entorno, remetendo a novos desafios urbanos para incrementar a urbanidade sensivelmente reduzida nestes últimos anos no Centro Histórico, que passou por processo de gentrificação, processo idêntico ao de outros centros urbanos.

Alguns serviços da administração pública ocupam prédios antigos do lugar, complementados por atividades da Fundação Cultural instalada em alguns edifícios antigos e tombados, contribuindo para incrementar o retorno de alguma atmosfera de urbanidade a este lugar carregado de significado histórico.

Na paisagem deste lugar, a imagem do abandono do inacabado edifício América depõe contra a harmonia da paisagem, refletindo o aspecto decadente do lugar.

Ao final da rua das Palmeiras, a demolição do antigo estádio Aderbal Ramos da Silva, construído, em parte, em terreno doado pelo Governo do Estado de Santa Catarina, cedido ao antigo Palmeiras Esporte Clube para atividades ligadas ao esporte, em 1947, amplia a sensação de vazio urbano do setor. Interesses atuais para a exploração imobiliária demandaram movimento por parte do Estado para reaver a posse pública, apontaram tempos para desembaraço da questão, motivaram discussões a respeito da melhor destinação para revitalizá-lo, denunciando a crítica ausência de espaços públicos para lazer na cidade de Blumenau.

A reurbanização da rua 15 de Novembro, que promoveu uma nova ambiência no seu espaço com mobiliário urbano inspirado no estilo Art Déco, reformulou os pisos com blocos de cimento, alguns pigmentados, conhecidos como paver, formando um tapete de textura homogeneizada com desenhos que propõem mediar a diversidade do conjunto edificado das diferentes arquiteturas da rua, imprimindo sentido de unidade ao conjunto. Este piso promoveu também a redução de ruído de rolamento dos veículos, qualificando a ambiência.

No **trecho A**, destaca-se a exuberante arborização do Biergarten e das margens dos cursos d'água que se expande pelo lugar, incorpora-se ao verde dos montes do entorno, tornando-a constante nas visuais do entorno do Centro Histórico. Permaneceram alguns itens como memória de pisos antigos, como no caso da ponte, onde permaneceu o piso de asfalto e o antigo ladrilho hidráulico de suas calçadas.

O contexto do **trecho A** caracteriza-se por baixa densidade edificada, caracterizada pela horizontalidade do conjunto eclético com predominância de vazios urbanos.

A estruturação viária deste setor urbano é parte do traçado do Stadtplatz, cujos edifícios mais significativos se situam na parte mais alta do lugar. Não obstante sua importância como lugar histórico, sua localização no bairro Centro o caracteriza como um lugar de passagem obrigatória do trânsito que chega pelas ruas Itajaí, Amazonas e Alwin Schrader.

A limitação imposta à sua situação de lugar histórico respira ares da crise de identidade da sociedade contemporânea. A diversidade edificada é intermediada por vazios, e pelo verde que o costura, com agrupamento edificativo mais coeso no lugar mais alto do terreno, mantendo relativa proximidade com os edifícios dispersos do seu entorno. Muitos deles se destacam por estar separados uns dos outros, formando um conjunto arquitetônico eclético, onde se evidenciam edifícios históricos representativos do período do início da colônia e do comércio do final do século XIX.

O lugar do centro histórico, limitado pelos elementos naturais da paisagem, como o Morro do Aipim, o ribeirão Garcia e o rio Itajaí-Açu, que Lynch (1997) refere como limites, restringem suas possibilidades de expansão. A construção da cervejaria na década de 1990, que gerou polêmica por instalar-se em espaço público, atualmente é mais uma opção de lazer no centro da cidade, como também as atividades da fundação cultural que animam o lugar, estabelecendo alguma relação com o rio.

A passagem para o espaço do **trecho B** tem na continuidade da composição arbórea das margens, o elemento de costura, que, de acordo com Rapoport (1978), sugere continuidade que pode ser vista como de transição do **trecho A** para o **trecho B**.

Analisado como conjunto, o Centro Histórico conforma-se por edifícios distribuídos no lugar mantendo o início da rua coeso e seu entorno imediato com certa dispersão de edifícios pequenos que tendem a configurar um fechamento, sugerindo leitura deste agrupamento como de **segregação e unificação**.

3.4 Trecho B

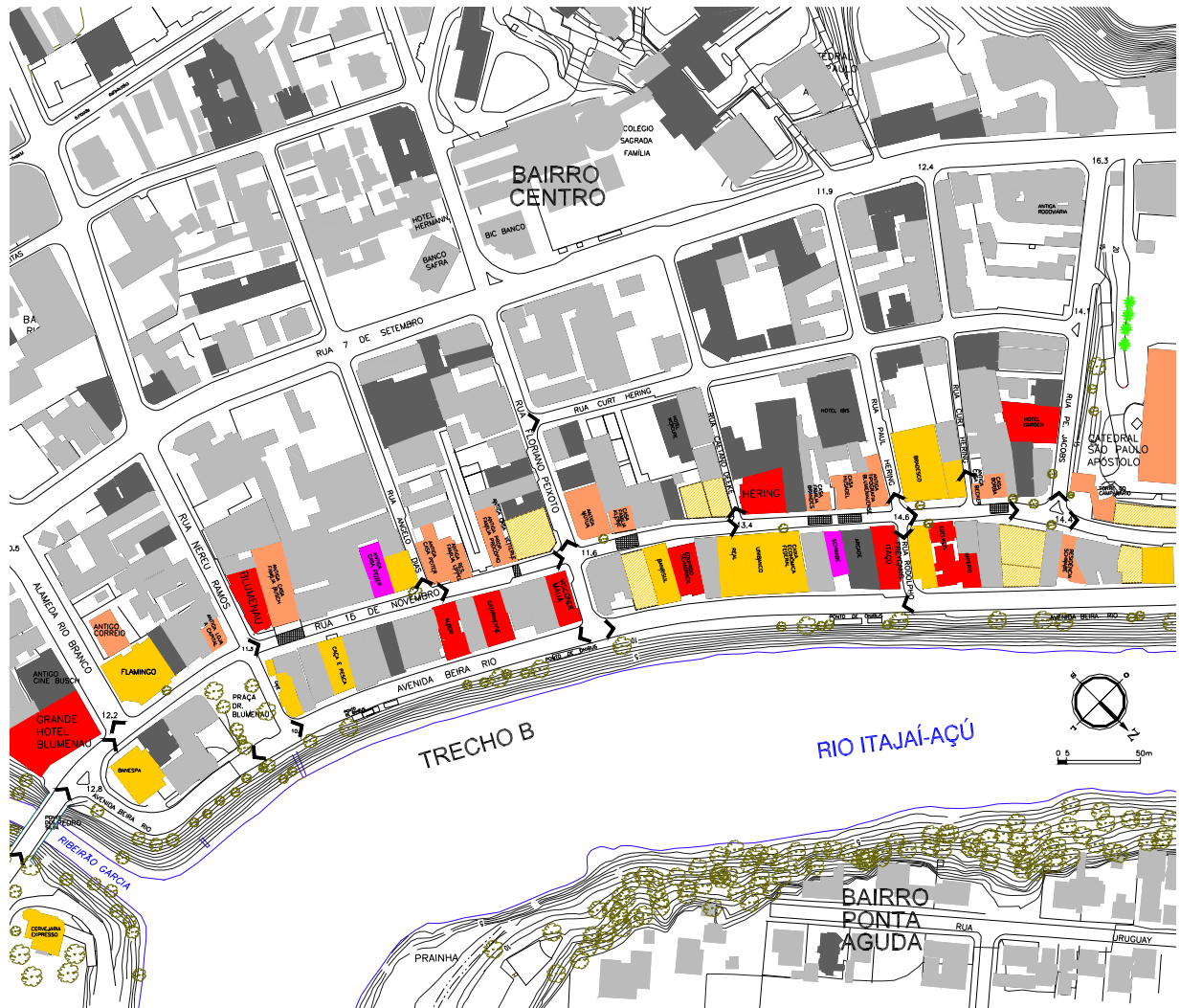


Fig. 3.36 – Mapa do trecho B

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA



Fig. 3.37 – Vista para o Biergarten, a partir do início do trecho B, mostra, ao fundo, o Morro do Aipim
Fonte: Do autor

No início do **trecho B**, a uma visada de retorno para o setor do Centro Histórico percebem-se os contornos do lugar estruturado pelo rio Itajaí-Açu, ribeirão Garcia e Morro do Aipim, da paisagem dominada pela vegetação do lugar, onde se ocultam as edificações. No Morro do Aipim, atrás do Centro Histórico, localiza-se o restaurante Fröhsinn.

Este trecho tem seu trajeto compreendido entre o ribeirão Garcia e o espaço da catedral, com parte de seu percurso dentro da área plana central como parte da estrutura viária do núcleo urbano da colônia, ilustrado pela Fig. 2.5, com planicidade definida por poligonal cuja área se desenha de largura compreendida entre o ribeirão Garcia e a rua Floriano Peixoto, com profundidade que vai da margem direita do rio Itajaí-Açu até o final da alameda Rio Branco. Esta planicidade é limitada à direita pelos morros que conformam este setor urbano contornando parte desta área a partir do final da alameda Rio Branco para o Centro, desenvolvendo-se no sentido sul/sudoeste e alcançando a rua 7 de Setembro no setor aos fundos da catedral onde é conhecido como Morro dos Padres, que a partir daí, corre rente a ela, até alcançar a rua Amadeu da Luz, onde novamente se afasta da rua 7 de Setembro.

A continuidade desta planura foi possibilitada, em parte, pela retificação e tubulação do ribeirão Bom Retiro a partir do seu cruzamento com a rua Floriano Peixoto (na entrada do bairro Bom Retiro), até o rio onde está a Praça Dr. Blumenau. No setor central, alguns córregos também foram canalizados.

Este trecho configura-se na malha urbana, apresentando duas particularidades no seu entorno: em primeiro lugar, entre a alameda Rio Branco até rua Floriano Peixoto, as quadras conformam-se maiores do que as do setor entre a rua Floriano Peixoto e o lugar da catedral, por conter a rua Curt Hering entre elas e com mais ruas transversais, resultando num

número maior de quadras pequenas. Já para o lado do rio, as quadras são longas e estreitas.

O início do **trecho B** coincide com o começo da avenida Beira Rio, que deriva para a direita e sobe margeando o rio bem próxima da rua 15 de Novembro, conduzindo parte do tráfego de veículos e transporte coletivo para o lado norte da cidade. O sentido oposto do trânsito é realizado pela rua 7 de Setembro, ligando com os bairros Garcia e Progresso.

O início do **trecho B**, marcado pela torre do hotel, mostra legibilidade até o edifício Blumenau, na esquina da rua Nereu Ramos, com figuras que mostram compacidade de massa, contrastando com o **trecho A**. O telhado em evidência, à esquerda, sinaliza a esquina da alameda Rio Branco, que foi o principal eixo estruturante da malha urbana do núcleo urbano inicial, cuja largura, extensão e posição dentro do traçado, ilustra sua importância na hierarquização pensada para ocupação do lugar, concentrou no setor da alameda a maioria dos 56 lotes urbanos do Stadtplatz, de acordo com Fig. 2.5, cujo traçado a mostra ligando-se diretamente ao rio, compunha em

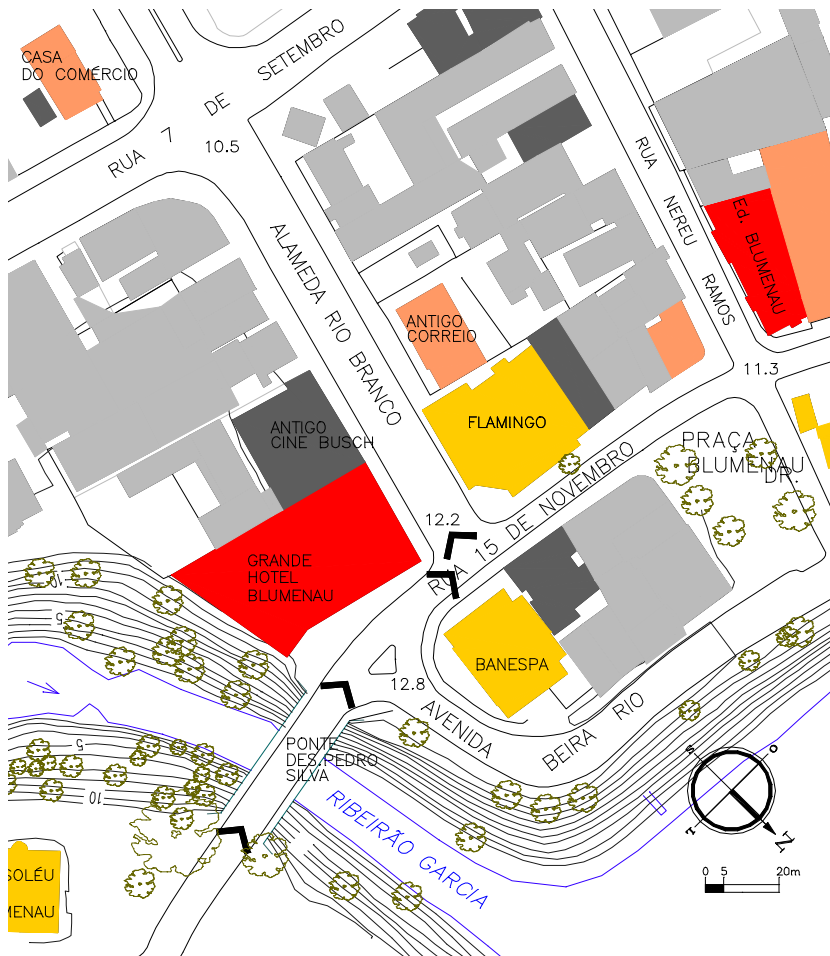


Fig. 3.38 – **Trecho B** - Mapa alameda Rio Branco

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS



Fig. 3.39 – Vista da alameda Rio Branco
Fonte: Do autor

continuidade com o espaço do lugar do antigo porto, uma frente aberta para o espaço do rio, conhecida até 1919 como Kaisersträssen, que em alemão significa avenida do imperador.

Até o evento das grandes cheias de 1983 e 1984, este lugar, mesmo sujeito às enchentes, consolidou-se como de uso residencial unifamiliar procurado pelas classes de maior poder aquisitivo. Segue na atualidade alterando a paisagem historicamente horizontal pela verticalização, dando preferência a habitações destinadas a extratos sociais de alta renda.

O adensamento vertical deste setor ilustra movimento intraurbano de moradias de alto custo, que estudos de Villaça (1998, p. 352) comprovam: “*as camadas de mais alta renda tendem a se segregar numa única região geral da cidade*”.

O encontro com a rua 15 de Novembro dá-se em 12.4 metros e é dinamizado pelos edifícios Grande Hotel Blumenau, Flamingo e Banespa, cuja variação de alturas e linguagens tensionam a percepção do espaço, com o volume do hotel impondo-se na imagem urbana como marco visual das duas vias.

Descendo a primeira quadra até a rua 7 de Setembro, que está em 10.8 metros e sujeita às cheias até 11.0 metros, revela similaridade com o que ocorre com a rua das Palmeiras, pois tem edificações antigas relevantes na quadra da rua 15 de Novembro. É onde se localiza o edifício da antiga sede dos Correios e Telégrafos, de 1927, com detalhes clássicos nas fachadas e desenho elaborado do telhado, é tombado pela FCC. Do outro lado da rua e à sua frente, o antigo Cine Busch, art déco da década de 1940, é importante na história



Fig. 3.40 - Edifício Alameda, antiga sede dos correios
Fonte: Do autor



Fig. 3.41 - Vista do Antigo Cine Busch
Fonte: Do autor

do lugar, atualmente reformado para eventos de convenções e agregado ao hotel.

Seu encontro com a rua 7 de Setembro é marcado pela arquitetura do edifício da antiga Maternidade Johannastift, que dali se mudou devido às enchentes. Eclético, abrigou o renomado restaurante Cavalinho Branco, que usualmente expandia mesas ao ar livre, no espaço do recuo frontal. Restaurado e ampliado, hoje é sede da Casa do Comércio, conta com um restaurante escola do SENAC no térreo, o edifício foi tombada pela FCC.

Retornando à ambiência da esquina com a rua 15 de Novembro, os três edifícios que se destacam por suas figuras, sendo o Banespa imitando o enxaimel, de imagem destacada neste entorno pelas suas três frentes, marca pela rusticidade dos materiais e caracterização típica.

O Flamingo, imita a casa dos alpes, tem fachadas animadas por sutil escalonamento dos pavimentos avançados sobre a calçada.

O contraste entre o tom da pintura da madeira e a alvenaria clara comunica opacidade, enquanto o chanfro de esquina promove melhor articulação das calçadas.



Fig. 3.42 - Casa do Comércio Johannastift
Fonte: Do autor



Fig. 3.43 - Banco Banespa
Fonte: Do autor



Fig. 3.44 - Edifício Flamingo
Fonte: Do autor

O Grande Hotel Blumenau, de linguagem moderna, com torre delgada, figura como referencial na paisagem central. Erguendo-se de embasamento que ocupa toda a área plana do lote, abriga no térreo um restaurante (antigo Aquarius), voltado para o lado do Centro Histórico.

Entre a torre e o embasamento, o antigo terraço aberto com piscina e uma sala envidraçada sob a torre, usufruía da paisagem do entorno do Centro Histórico e do rio.

Vista da rua, a torre sugeria soltura do embasamento. Esta particularidade da composição arquitetônica original propiciava sensibilização pela percepção desta subtração da volumetria do prisma liberado do embasamento, cuja composição volumétrica, à medida do caminhar do pedestre, comunicava tensão e equilíbrio do conjunto, pelas proporções e refinamento do seu desenho.

O antigo revestimento de pastilhas cerâmicas de tonalidade clara, coberto por pintura escura, revela-se pelo desbotamento nos panos laterais da torre. Uma intervenção no antigo terraço, de insensível opção, com fechamento metálico e vidro, alterou a idéia de leveza da torre.

O fechamento da fachada oeste com elementos cerâmicos vazados comunica silêncio e privacidade.

Desta esquina, a percepção da paisagem da rua é de amplitude espacial para o lado do Centro Histórico e para o espaço da alameda Rio Branco e, de fechamento, para a direção da rua 15 de Novembro, que faz inflexão para a direita, na esquina da rua Nereu Ramos.



Fig. 3.45 – Vista norte do Grande Hotel Blumenau
Fonte: Do autor



Fig. 3.46 – Vista oeste do Grande Hotel Blumenau
Fonte: Do autor



Fig. 3.47 – Vista da rua 15 de Novembro, entre a alameda Rio Branco e a rua Nereu Ramos, onde na esquina do lado esquerdo está o edifício Blumenau. À direita, a copa das árvores sinaliza a Praça Dr. Blumenau

Fonte: Do autor

Retomando o caminhar, percebe-se do lado esquerdo, a fachada pele de vidro do novo edifício colado ao edifício Flamingo. É a primeira fachada da rua com esta característica, pois incorpora contemporaneidade à ambiência do lugar e soma verticalidade à borda, retomando a idéia de adensamento nesta rua. A atual legislação permite até cinco pavimentos, sendo que o térreo pode alcançar pé direito de até seis metros. A borda direita segue horizontalizada, marcada por fachadas racionalistas, com as calçadas mostrando canteiros ajardinados, exibindo de início, elementos de mobiliário urbano no espaço, como bancos para sentar próximos da praça, e mostrando, ainda, as melhorias de acessibilidade promovidas pela reforma.

3.4.1 A praça Dr. Blumenau

A esquina com a rua Nereu Ramos, que está no nível 10.9 metros, é o ponto mais baixo da rua e o primeiro da rua 15 de Novembro a ser alagado com a subida das águas do rio Itajaí-Açu. Neste entorno, o leito da Nereu Ramos foi obtido pela tubulação do ribeirão Bom Retiro, em cuja foz surgiu a praça Dr. Blumenau, que tem três bordas delimitadas por ruas,



Fig. 3.48 – A - praça Dr. Blumenau, vista a partir da rua 15 de Novembro
 Fonte: Do autor

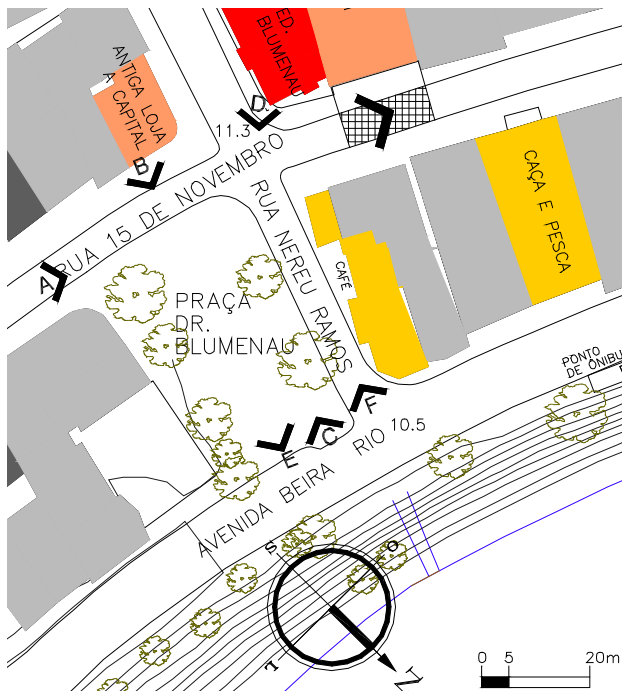


Fig. 3.49 – Mapa praça Dr. Blumenau
 Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- | | |
|--|-------------------------|
| DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS | ATÉ 3 PAVIMENTOS |
| REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS) | ACIMA DE 3 PAVIMENTOS |
| REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS) | FACHADA REBATIDA NA RUA |
| EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES | |
| FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS | |



Fig. 3.50 – B – praça Dr. Blumenau, vista a partir da rua 15 de Novembro
 Fonte: Do autor



Fig. 3.51 – C – praça Dr. Blumenau, vista a partir da avenida Beira Rio
 Fonte: Do autor



Fig. 3.52 – D - praça Dr. Blumenau, vista da esquina da rua 15 de Novembro com rua Nereu Ramos
 Fonte: Do autor

constituindo-se no único espaço público dos trechos B e C ambientado para apropriação pelos cidadãos.

Seu mobiliário de concreto difere do adotado na rua, pois é mais confortável. Na composição do piso, pedras do antigo pavimento da rua desenham um círculo central, e o restante, completado com paver, define piso seco para ser apropriado.

A lembrança do antigo coreto da praça foi mantida com a construção de um palco de alvenaria, conformado por um painel cerâmico com motivos da cultura local. A borda com a rua Nereu Ramos sombreada, possui mesas e bancos e, na calçada oposta, no nicho da calçada, acomoda-se um pequeno café com mesas na calçada.

A relação visual com o espaço do rio mostra o bairro Ponta Aguda na margem oposta e, ao fundo, à direita, o setor do bairro Vorstadt.

Em primeiro plano, os elementos de concreto da cerca de proteção para pedestres da calçada da margem do rio desenham o ritmo



Fig. 3.53 – Vista do café em frente à praça Dr. Blumenau
Fonte: Do autor

desta barreira com altura que promove maior interação com o rio. Neste entorno, uma escada acessa calçada contínua rente ao rio, permitindo imediaticidade com a água. Uma outra relação da praça com o rio se fazia pela presença de um restaurante flutuante, que fazia passeios pelo rio, animando a paisagem.

Na borda edificada voltada para o rio, a percepção é de tratamento como fundos do comércio que abre preferentemente para a rua 15 de Novembro. Até a esquina com a rua Floriano Peixoto, estes prédios, em sua maioria, foram edificados antes da construção da avenida Beira Rio.



Fig. 3.54 – E – vista da praça Dr. Blumenau para o lugar da Prainha
Fonte: Do autor

A percepção do espaço avenida Beira Rio é de adensamento arbóreo no talude da margem, em diálogo com o verde da margem oposta.

A visão da rua Nereu Ramos, paralela à alameda Rio Branco, acompanha o mesmo processo de verticalização desta.

Para o lado da rua 15 de Novembro, na esquina com a rua Nereu Ramos, o edifício art déco de 1939 é tombado pelo município como memória cultural. Nele funcionou a Rádio Cultura de Blumenau – PRC-4, atual Rádio Clube, que foi a primeira emissora de Santa Catarina e quarta do Brasil.

Na esquina da rua Nereu Ramos, destaca-se o edifício Blumenau, alto, de Linguagem moderna, que ocupa todo o lote,



Fig. 3.55 – Vista da avenida Beira Rio, a partir da esquina da Nereu Ramos
Fonte: Do autor



Fig. 3.56 – Vista do edifício art déco, esquina da Rua Nereu Ramos com a rua 15 de Novembro
Fonte: Do autor



Fig. 3.57 – F-praça Dr. Blumenau, vista para a rua Nereu Ramos, a partir da esquina da avenida Beira Rio
Fonte: Do autor

e reflete um período em que a legislação urbana não estabelecia parâmetros relativos a índices de uso do solo urbano.

O trecho B estende-se até a esquina com a rua Nereu Ramos, possui bordas edificadas curtas. Apresenta, também, bordas descontínuas, configurando maior permeabilidade de circulações, construindo fluência espacial para o espaço do rio e para a paisagem do entorno.

Até este ponto, a conformação espacial sugere percepção de **formação das totalidades**.

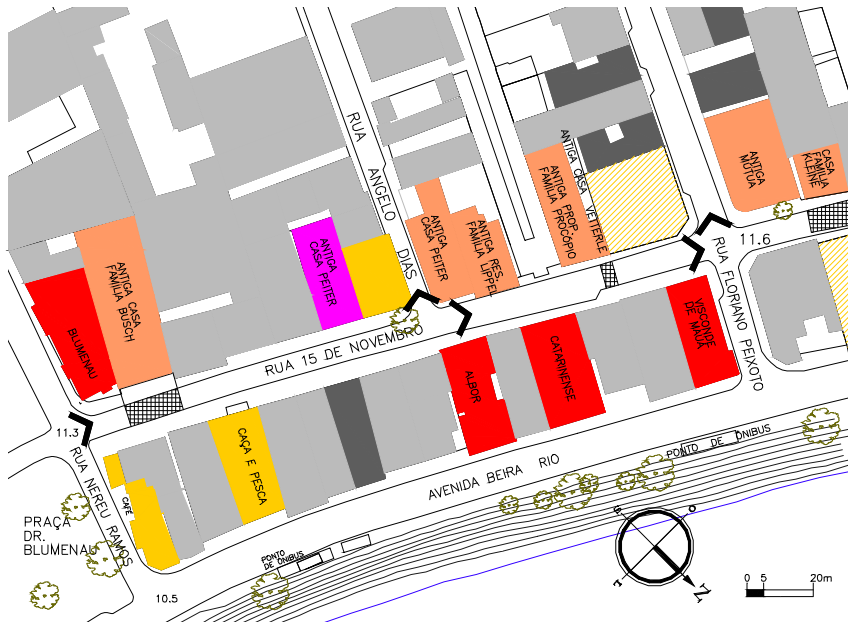


Fig. 3.58 – Trecho B – Mapa entre as ruas Nereu Ramos e Floriano Peixoto
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA



Fig. 3.59 – Vista da rua 15 de Novembro, entre as ruas Nereu Ramos e Ângelo Dias. Ao fundo, vê-se o edifício Hering
Fonte: Do autor

Retomando a visão do caminhar, a legibilidade se dá até o edifício Hering, à esquerda, mostrando um painel colorido na empena lateral. Até a rua Floriano Peixoto, o perfil edificado do lado esquerdo é horizontal. Tem sua visibilidade interrompida pela árvore na calçada da esquina da rua Ângelo Dias, que esconde uma sequência adiante de quatro edifícios históricos e tombados. Depois destes, a borda continua a sua característica horizontal até o lugar do edifício Hering, na esquina da rua Caetano Deeke. Da rua Floriano Peixoto até a Caetano Deeke, estão outros dois edifícios tombados. Já o lado direito comunica o oposto, por desenvolver sua borda com edifícios que se alternam em alturas,

com predominância de edifícios altos. Caracteriza um seguimento com linguagem do modernismo na arquitetura, por inserir um edifício com fachada que lembra o enxaimel, em que se usou metal pintado para os detalhes de fachada.

A Fig. 3.60 mostra no pavimento da rua, o rebatimento da fachada art déco de 1951, cujo edifício colado no edifício Blumenau é tombado pelo município.

O desgaste superficial do paver, por abrasão e poluição, resultou em desbotamento de sua pigmentação, comprometeu o acabamento superficial, e ofuscou os detalhes de composição do piso.

Do lado esquerdo, antes da rua Ângelo Dias, o edifício modernista de autoria do arquiteto Hans Broos, com quatro pavimentos, destaca-se, nesta borda, por sua arquitetura. Este edifício abrigou a antiga Casa Peiter. Reformado internamente, mantém a fachada original de linhas puras, marcada pelos brises horizontais de concreto e amplos panos de vidro.

A seu lado, o Edifício Borba, no lugar do antigo o Bar Pingüim, imita a casa dos alpes, elevando o piso térreo devido às enchentes. Este bar, a exemplo de outros da rua 15 de Novembro, foi importante na história da urbanidade do lugar, por manter um restaurante popular.

Observa-se, também, que painéis de propaganda nas fachadas dos edifícios expressam observância à legislação específica e, na Fig.3.62, em primeiro plano, itens de mobiliário urbano.



Fig. 3.60 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra no piso da rua, o rebatimento do edifício art déco que está do lado esquerdo e, à direita, a Casa Caça e Pesca, que imita os detalhes do enxaimel utilizando metal
Fonte: Do autor



Fig. 3.61 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra o edifício da antiga Casa Peiter, à esquerda
Fonte: Do autor



Fig. 3.62 – Vista da Rua Ângelo Dias, com perspectiva de curta profundidade
Fonte: Do autor

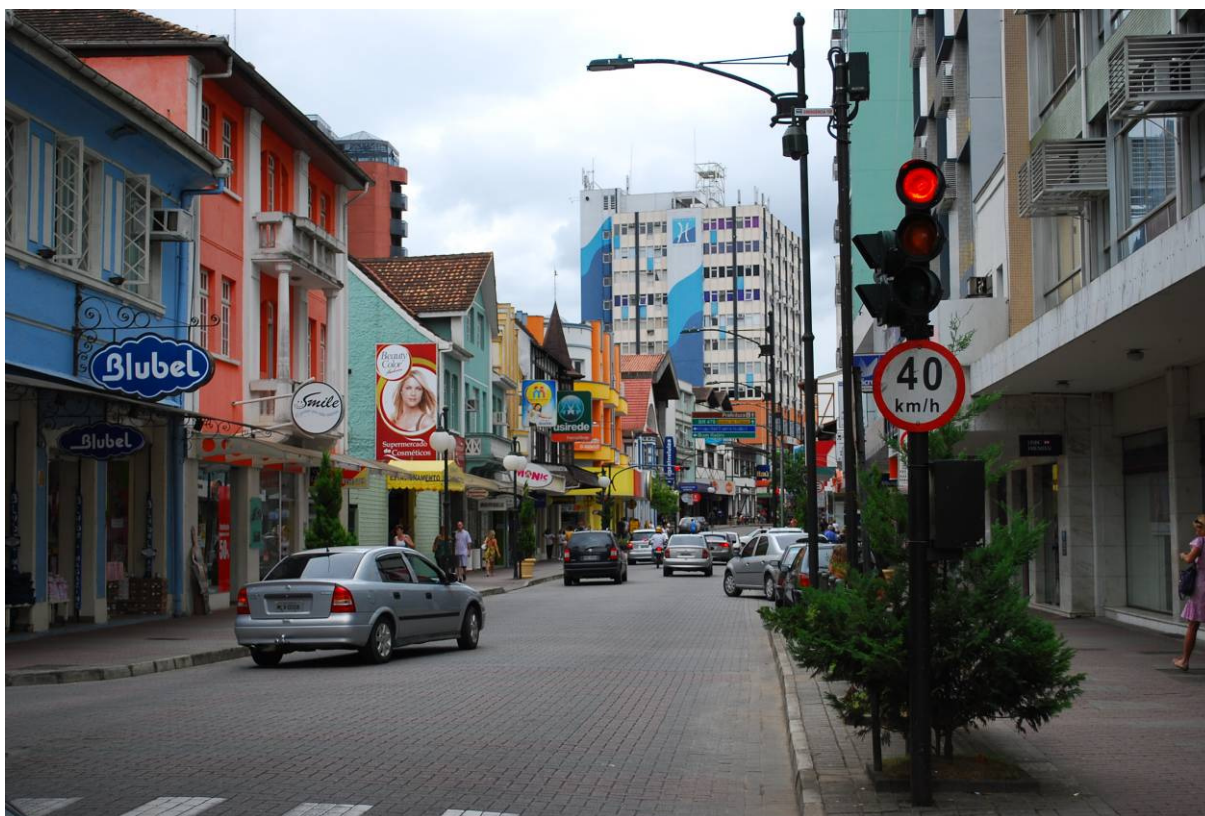


Fig. 3.63 – Vista da rua da rua 15 de Novembro, entre a rua Ângelo Dias e a rua Floriano Peixoto
Fonte: Do autor

Até a rua Floriano Peixoto, do lado esquerdo, a sequência de edifícios tombados a partir do edifício de esquina com a Ângelo Dias, de fachada historicista de 1929, está colado a outro, de 1933, art déco, tombados ambos pela FCC. Neste lado, após terreno vazio, outro edifício de fachada simples, de 1905, colado a outro, de 1932, art déco, tem fachada estreita e rebatida na rua, também são tombados pela FCC, configuram o seguimento de edifícios históricos desta quadra.

Embora baixas, as fachadas do lado esquerdo contrastam com as do lado direito, com movimento dos seus telhados e detalhes das fachadas, por cores contrastantes.



Fig. 3.64 – Vistas da rua 15 de Novembro, entre as ruas Ângelo Dias e Floriano Peixoto
Fonte: Do autor

O colorido destaca figuras das construções antigas que seguem tendências de momento e também motivadas pela legislação restritiva para propaganda nas fachadas históricas, estimula diferenciarem-se por contrastes cromáticos destacando suas figuras complexas animando o ambiente.

Já pelo lado direito, o seguimento de edifícios modernistas caracteriza uniformidade de linguagem, comunica homogeneidade. Embora variando a altura, mostra detalhes que se assemelham, com empenas laterais de colorido suave caracteriza o conjunto por semelhança, onde se destacam os edifícios Albor, Catarinense e Visconde de Mauá, altos, marcam a transformação desta borda entre as décadas de 1950 e 1970.

No caminhamento deste segmento de trecho, a percepção do espaço da rua 15 de Novembro é de contraste de luz no ambiente pela variação da altura dos volumes do lado direito estabelecendo tensão entre as bordas, cuja composição possibilita percebê-los como **formação de totalidades**.

Na esquina com a rua Floriano Peixoto, a rua 15 de Novembro está em 11.6 metros, marcada do lado direito pelo edifício Visconde de Mauá, de arquitetura moderna e alto, realçado por edifícios baixos. Na esquina, do o edifício da Usirede é originalmente um edifício racionalista, reformado imitando estilos típicos germânicos. Na esquina em frente e, o art déco do início da década de 1940, tombado pelo município, foi sede da antiga Mútua Catarinense de Seguros e, no seu subsolo funcionou o tradicional restaurante Gruta Azul que mudou-se dali após as cheias de 1983 e 1984.



Fig. 3.65 – Edifício Visconde de Mauá
Fonte: Do autor

O edifício Visconde de Mauá, projeto do arquiteto Hans Bross, até o sétimo pavimento é de uso comercial, sendo os demais para habitação, representa relevante exemplo de diversidade de usos.

A reforma alterou a imagem original, cuja característica era a homogeneidade das fachadas que não denunciavam sua funcionalidade interna. A reforma substituiu o vidro total dos banheiros por pequenas aberturas, alterou substancialmente o conceito original de luz intensa nele. A intervenção se apoiou no



Fig. 3.66 – Calçada do Edifício Visconde de Mauá, conserva detalhe do piso antigo
Fonte: Do autor

fechamento de alvenaria para resolver problemas de conforto térmico, e reduziu os vidros das aberturas de dormitórios e banheiros. O fechamento dos vidros dos banheiros alterou a percepção de luz intensa e comunicação com espaço externo, revela uma outra relação entre corpo e mente.

A marquise engasta no pavimento térreo mais recuado que a torre contorna a edificação acompanhando as três fachadas. Com detalhe sutil desenvolve-se solta do prisma vertical, dinamizando sua composição.



Fig. 3.67 – Vista da rua Floriano Peixoto - à direita, o edifício art déco, tombado. Na metade da quadra, à direita, inicia a rua Curt Hering
Fonte: Do autor

A rua Floriano Peixoto faz parte do traçado inicial da cidade, sendo que até esta esquina, a rua 15 de Novembro foi implantada com traçado geométrico. Conduz, ela para o bairro Bom Retiro, onde antigas residências aristocráticas foram tombadas pela FCC e pelo

município, onde se desenvolveu a sede da indústria têxtil Hering. Esta rua iniciou adensamento vertical a partir do final da década de 1970, no seu trecho após a rua 7 de Setembro, onde estão o Hospital Santa Isabel e o Colégio Sagrada Família, ambos à direita.

Com bordas descontínuas até a rua 7 de Setembro, tem na metade da primeira quadra à direita, o início da rua Curt Hering que sobe paralela à rua 15 de Novembro, formando quadras pequenas, proporcionando diversidade de usos, com moradias, comércio, pequenos restaurantes e bares, dinamizando este setor urbano que tem os hotéis Garden, Glória, Plaza Hering, Íbis, Mercure e uma galeria de lojas populares. Na esquina com a rua Floriano Peixoto, há um novo café no edifício recém construído.

Como pitoresco, na rua Floriano Peixoto nº 213, após a rua 7 de Setembro, um edifício enxaimel, de 1914, abriga o Hotel Hermann, que tem o pavimento térreo em alvenaria autoportante e os andares superiores com técnica construtiva do enxaimel. Este procedimento foi muito usado principalmente para fechamento de oitões ou ampliações para cima, por ser mais leve.

A reforma da rua Curt Hering se valeu do mesmo padrão das calçadas e do mobiliário urbano da rua 15 de Novembro, mantendo, porém, o piso de asfalto da pista de rolamento. Estreita, dinamiza o espaço urbano central, oportunizando opções comerciais e outros usos.



Fig. 3.68 – Hotel Hermann, na rua Floriano Peixoto

Fonte: Do autor



Fig. 3.69 – Vista da rua Curt Hering a partir da rua Floriano Peixoto, mostra à frente, do lado esquerdo, o Hotel Plaza Hering

Fonte: Do autor



Fig. 3.70 – Vista para avenida Beira Rio, a partir da esquina da rua Floriano Peixoto, mostra o verde das margens do rio e edifícios do do bairro Ponta Aguda ao fundo
Fonte: Do autor



Fig. 3.71– Vista da avenida Beira Rio no trecho entre o edifício Mauá e praça Dr. Blumenau, onde o comércio trata esta avenida como fundos
Fonte: Do autor

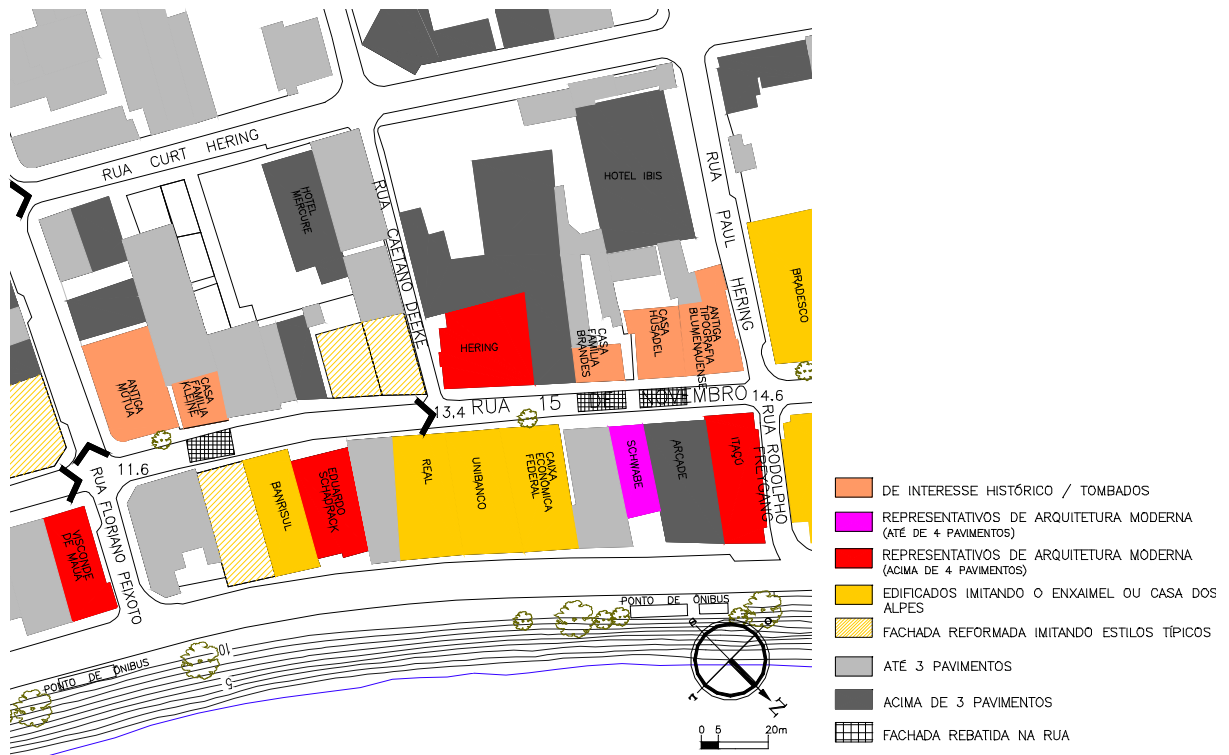


Fig. 3.72 – Trecho B – Mapa entre as ruas Floriano Peixoto e Paul Hering
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

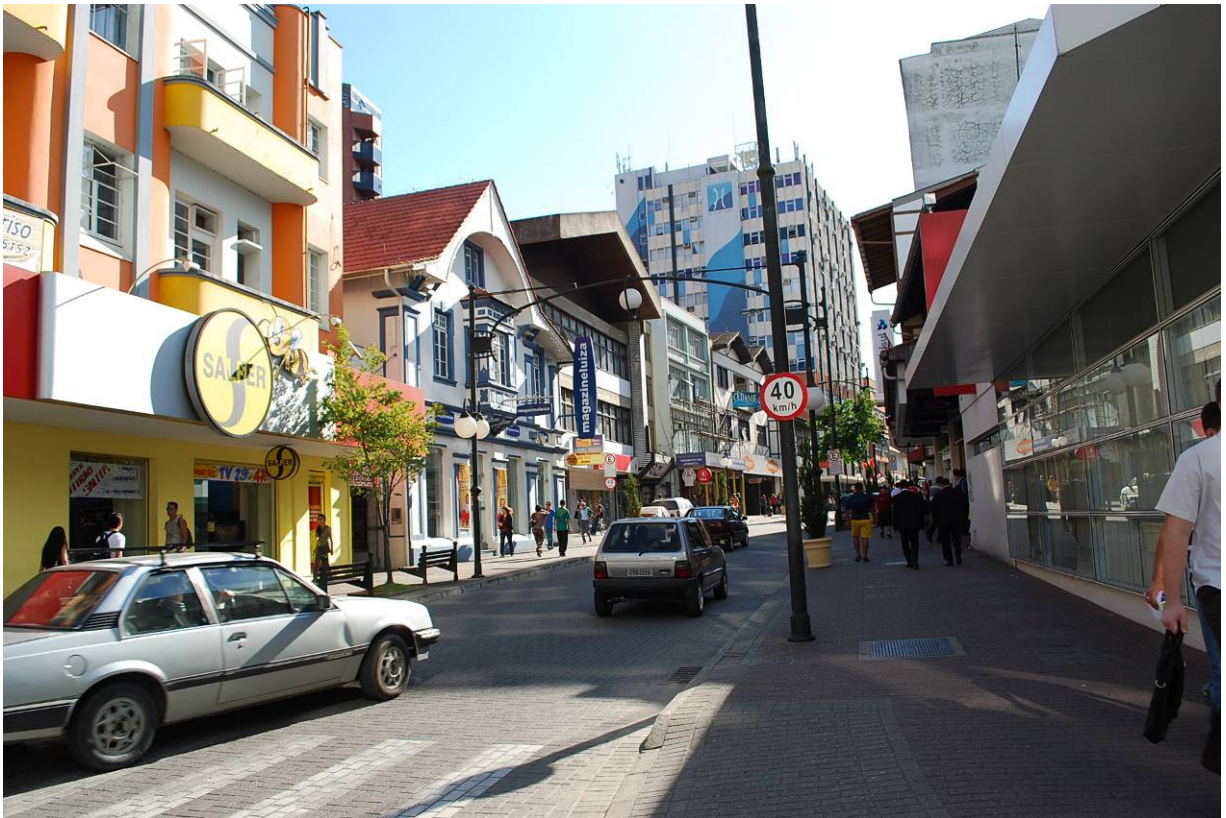


Fig. 3.73 – Vista da rua 15 de Novembro, esquina da rua Floriano Peixoto até o edifício Hering
Fonte: Do autor

A partir deste ponto inicia o trecho da rua 15 de Novembro sem traçado geométrico na , e a visada para a esquina da rua Caetano Deeke, onde se situa o edifício Hering, mostra inflexão da rua a para direita. A borda esquerda continua a característica horizontal e eclética da borda esquerda do trecho anterior. Seus edifícios são um pouco mais altos, de dois a quatro pavimentos, alternando-se entre antigos e contemporâneos, mostra, ainda, mobiliário e alguma arborização, com árvores plantadas em tempos diferentes. Telhados com beirais dinamizam o topo da borda deste lugar.

Nesta borda, o edifício art déco de 1932, tombado pelo município, faz esquina com a rua Floriano Peixoto. A edificação de 1900 ao seu lado é tombada pela FCC e tem a fachada rebatida na rua. Avançando na calçada, reflete correções do traçado. Estes resquícios de antigos alinhamentos proporcionam diversidade nos visuais da rua como surpresas, por esconder algo. Rapoport (1978) comenta que a complexidade dentro do campo visual desperta a curiosidade do homem, de animais e, até, das crianças.

A surpresa ao encontrar algo inesperado também é referida por Cullen (1983), que enfoca a importância da diversidade edificada no espaço, capaz de alternar situações de tensão e de tranquilidade.

À esquerda, o térreo recuado da loja Fininvest lembra stoá das ruas das cidades



Fig. 3.74 – Vista da rua 15 de Novembro, entre as ruas Floriano Peixoto e Caetano Deeke
Fonte: Do autor



Fig. 3.75 – Vista da rua 15 de Novembro, entre as Ruas Floriano Peixoto e Caetano Deeke, mostra fachada do edifício Eduardo Schadrack, cujos planos desalinhados da fachada sugerem composição acompanhando mudança de direção da borda
Fonte: Do autor



Fig. 3.76 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra calçada semi coberta à esquerda.
Fonte: Do autor

gregas, cujos passeios eram semicobertos, com colunatas. É o primeiro com esta particularidade neste caminhamento.

Este recuo amplia a calçada e é importante para sombreamento, por fazer transição entre o espaço privado e o espaço público.

A borda direita é conformada com predominância de fachadas modernistas até o edifício Eduardo Schadrack, onde se encontra a primeira galeria comercial térrea desta rua, que conecta com a avenida Beira Rio através de escadas em desnível de dois metros.

A seu lado, uma construção de dois pavimentos sem valor arquitetônico avança na calçada contrastando no conjunto deste lado, que marca intervalo entre o moderno e o pastiche, tem na divisa com o pastiche uma passagem estreita conecta este ambiente com a avenida Beira Rio. Este tipo de passagem lateral ocorre pelas duas bordas, são remanescentes de acessos independentes, para cima isolando o térreo ou para o fundo dos lotes.

A rua Caetano Deeke faz esquina em 13.4 metros e, como uma fenda urbana, transmite sensação de compressão. De bordas descontínuas, finaliza na rua 7 de Setembro, onde à direita está o Hotel Plaza Hering. Ao fundo da paisagem, os morros aproximam-se da rua 7 de Setembro.



Fig. 3.77 – Vista da rua Caetano Deeke, mostra a aproximação dos montes ao fundo e, o Hotel Plaza Hering, que faz esquina com as ruas Curt Hering e 7 de Setembro
Fonte: Do autor



Fig. 3.78 – Vista da rua 15 de Novembro, da esquina da rua Caetano Deeke até o lugar da catedral
Fonte: Do autor

Retornando ao campo de visão da rua 15 de Novembro, em frente ao edifício Hering, a legibilidade se dá até o lugar da catedral, que traz a torre como ponto focal.

Ao lado do edifício Hering três edificações tombadas: a Casa da Família Brandes, da década de 1880, tombada pela FCC; a seu lado, a Casa da Família Husadel, da década de 1890, com forte influência da região dos alpes suíços, tombada pelo IPHAN; a seguir, o edifício da antiga Tipografia Blumenauense, de 1918, tombado pela FCC.



Fig. 3.79 – Edifícios antigos ao lado do edifício Hering, contrastam com os edifícios do lado direito
Fonte: Do autor

De arquitetura vernacular, ilustram a idéia de tombamento por conjuntos, pregado pela Carta de Veneza, sendo que as e duas primeiras têm suas fachadas rebatidas no pavimento da rua. Variando suas cores, destacam-se como figuras da história deste lugar. Uma reforma do edifício da antiga Tipografia Blumenauense constatou o uso da técnica enxaimel no sótão.

Pelo lado direito, de frente para o Edifício Hering, destacam-se os edifícios do Banco Real, Unibanco e da Caixa Econômica Federal, que imitam o enxaimel e caracterizam um conjunto por semelhança.

Após estes, o edifício Oswaldo Schwabe, de arquitetura moderna, mostra na fachada um fechamento com elementos vazados na cor tijolo, assentados como cobogó. É um detalhe bastante utilizado como brise ou filtro de luz na arquitetura moderna, como na fachada oeste do Grande Hotel Blumenau.

A seu lado, o edifício Arcade, que reformou a fachada racionalista, compondo figura de inspiração historicista, tem uma galeria comercial no térreo, que conecta com a Avenida Beira Rio por meio de escadas.

Este segmento do trajeto também mantém tensão entre figuras das bordas pela complexidade das



Fig. 3.80 – Edifícios bancários, construídos na década de 1980
Fonte: Do autor



Fig. 3.81 – Edifícios Oswaldo Schwabe, Arcade e Itaçu
Fonte: Do autor

fachadas dos bancos, e de outros edifícios reformados para estilos típicos.

Como parte de uma continuidade e direção, este conjunto, que se apresenta variando volumes, estilos e alturas, também permite ser visto como **formação das totalidades**.

De maneira similar ao que ocorre com o segmento entre as ruas Nereu Ramos e Floriano Peixoto, este também traz a maioria dos edifícios antigos no lado esquerdo. O diálogo de escala destas duas bordas horizontalizadas é truncado pelos edifícios Hering, Schadrack e Itaçu, sendo que este último é diferenciado pela marcação dos brises horizontais em concreto aparente.

Pelas ruas Paul Hering e Rodolpho Freygang a rua 15 de Novembro pode-se ver ao fundo aos elementos da paisagem dos morros à esquerda e contato com o espaço do rio à direita, conectam a rua Sete de Setembro com a avenida Beira Rio, caracterizando maior interação urbana com a Curt Hering do que para o lado do rio que continua sendo tratado como fundos pelas edificações mais novas, como as dos bancos, que aproveitaram desnível para acessar estacionamentos, cegando a borda. Alguns outros estabelecimentos se abrem para a avenida Beira Rio, pela instalação dos pontos de ônibus para o sentido norte, retirados da rua 7 de Setembro após a construção do Shopping Neumarkt.



Fig. 3.82 – Vista a Rua Paul Hering. O chanfro na esquina esquerda permite melhor concordância das calçadas
Fonte: Do autor



Fig. 3.83 – Vista da rua Rodolpho Freygang, mostra ao fundo, o bairro Ponta Aguda
Fonte: Do autor

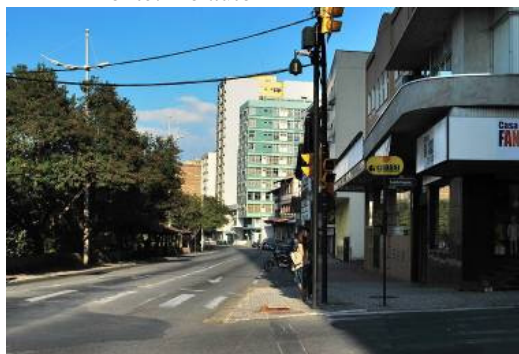


Fig. 3.84 – Vista da avenida Beira Rio, entre as ruas Rodolpho Freygang e Floriano Peixoto
Fonte: Do autor

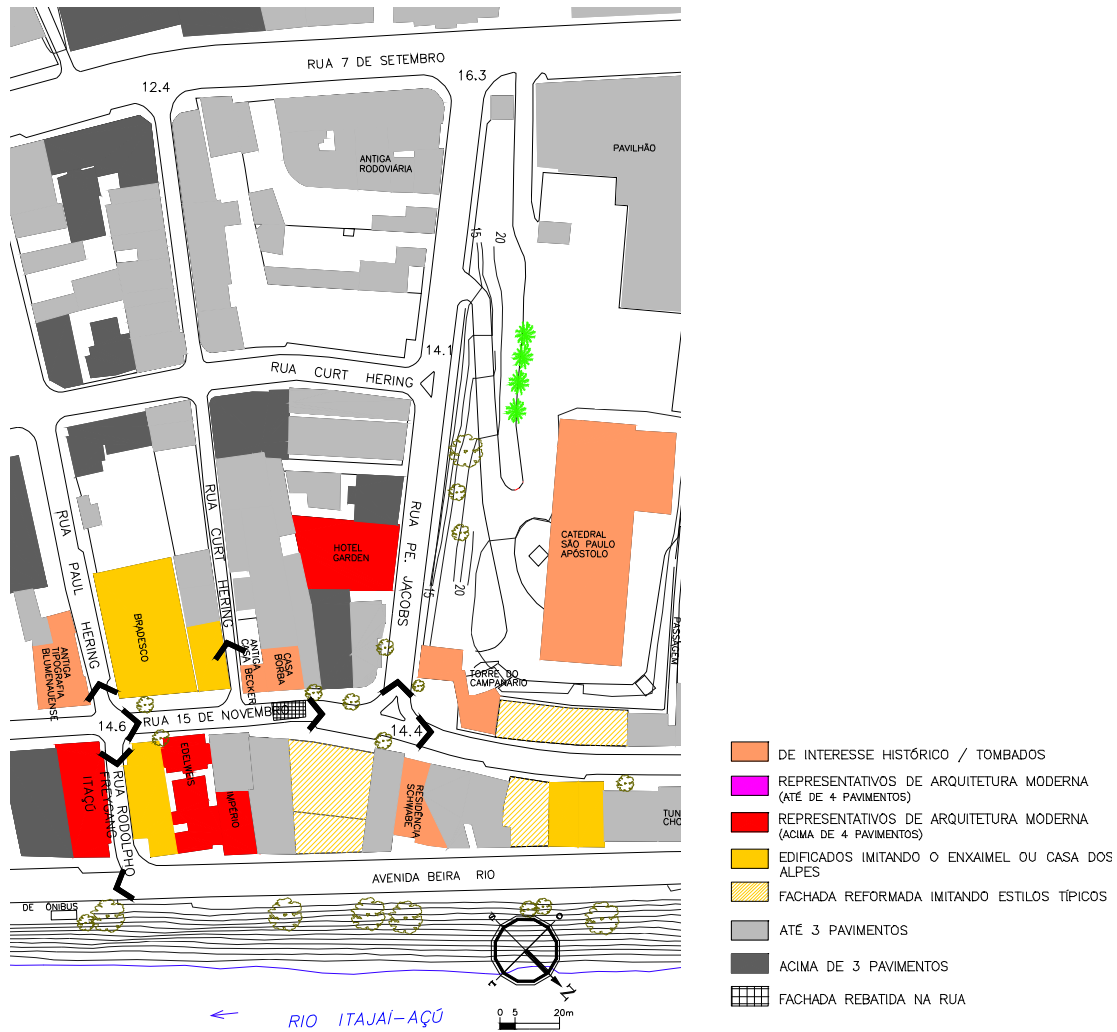


Fig. 3.85 – Trecho B – Mapa entre as ruas Paul Hering e Pe. Jacobs
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi



Fig. 3.86 – Vista da rua 15 de Novembro, esquina da rua Paul Hering para a direção da torre da catedral, mostra ao fundo o edifício do Banco do Brasil
Fonte: Do autor

Da esquina da rua Paul Hering até o lugar da torre da catedral, a legibilidade até o edifício do Banco do Brasil que está na esquina da rua Namy Deeke. Árvores do passeio esquerdo truncam a visão para o lado da torre, e até este lugar a horizontalidade das bordas é marcada pela torre do edifício Edelweiss, residencial que tem no térreo uma galeria comercial com duas entradas. A seguir conecta com a avenida Beira Rio que, neste ponto, também passa em nível mais baixo, com conexão por escada, e este tipo de solução não estimula a caminhabilidade, repetindo as situações do Schadrack e do Arcade. Por outro lado o aumento de bordas para comércio e serviços é importante para conexões espaciais, estabelecendo conectividade e contiguidade urbana neste lado direito, conformado por quadras longas e estreitas. O incentivo para este tipo de conexão espacial, que iniciou com o Plano Diretor de 1977, resulta ainda em poucas dessas galerias térreas construídas ao longo da rua.

A rua Capitão Euclides de Castro, à esquerda é estreita, caracterizada por comércio popular, comunicando, seu espaço ambiente ameno, intimista. Esse espaço finaliza contido pela borda oposta da rua 7 de Setembro, cujos edifícios compõem figura contra o fundo verde, delimitando sua perspectiva. Um dos edifícios, o hotel Glória, situa-se na esquina da rua Capitão Euclides de Castro com a rua 7 de Setembro.

Na esquina da rua Capitão Euclides de Castro a edificação antiga, de 1918, e a segunda, a Casa Borba, art déco da década de 1930 são tombadas pelo município, sendo que a segunda tem a fachada rebatida na rua e uma galeria conectando a rua 15 de Novembro com Capitão Euclides de Castro.

No entorno do final do **trecho B**, podem ser vistos edifícios que podem ser considerados como protomodernos da fase de transição para a arquitetura moderna. A chegada ao final deste trecho caracteriza-se pela abertura do espaço da rua proporcionado pelo largo da torre, combinado com a curva para esquerda da rua Pe. Jacobs e a inflexão para direita da rua 15 de Novembro, ampliando o espaço público, que vem comprimido pelas bordas cerradas desde a esquina



Fig. 3.87 – Vista da rua Capitão Euclides de Castro
Fonte: Do autor



Fig. 3.88 – Vista da rua 15 de Novembro, à esquerda está a Casa Borba, colada no edifício da esquina
Fonte: Do autor



Fig. 3.89 – Vista da rua 15 de Novembro, no final do **trecho B**
Fonte: Do autor

da rua Nereu Ramos.

O espaço da rua Pe. Jacobs expande para o vazio do talude ajardinado da catedral ampliando a percepção do contexto urbano deste entorno até a rua 7 de Setembro, metade pavimentada com pedras e metade com asfalto. Ao seu final, do lado esquerdo, o edifício onde funcionou a antiga rodoviária e, para a direita, na rua 7 de Setembro está o Shopping Neumarkt. No alto deste morro, atrás do shopping, está o parque São Francisco de Assis.

O segmento do **trecho B** compreendido entre a rua Floriano Peixoto até o lugar da catedral, mostra um conjunto arquitetônico de maior complexidade desenvolvendo-se pelos dois lados da rua. Mantém continuidade e direção com largura constante, até chegar ao largo da catedral onde se alarga na esquina da rua Pe. Jacobs, desenvolvendo-se contrastando estilos e escalas, cujo conjunto edificado pode ser visto como de **continuidade e direção**.

3.4.2 O lugar da catedral

Do mirante da torre da catedral, para a direção do edifício Hering percebe-se o espaço da rua enquadrado pelos paramentos verticais dos edifícios Hering e Edelweiss, oferecendo outra percepção das bordas variando escalas, possibilita a apreensão da ação restritiva da legislação que freou a verticalização excessiva, possibilitou a manutenção de escala humana deste espaço urbano.



Fig. 3.90 – Vista da rua Pe. Jacobs
Fonte: Do autor

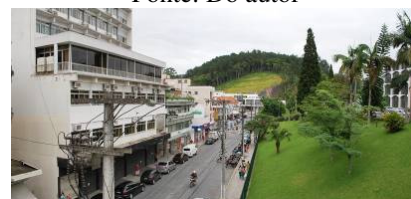


Fig. 3.91 – Vista da rua Pe. Jacobs, a partir do mirante à esquerda da torre do campanário
Fonte: Do autor

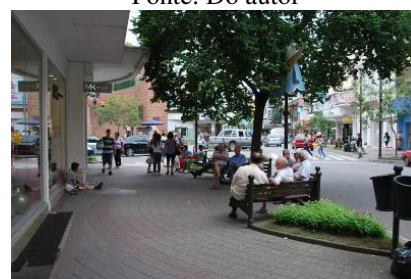


Fig. 3.92 – Mobiliário urbano na 15 de Novembro, próximo da esquina da rua Pe.Jacobs
Fonte: Do autor



Fig. 3.93 – Vista rua 15 de Novembro, a partir do mirante à direita do campanário
Fonte: Do autor

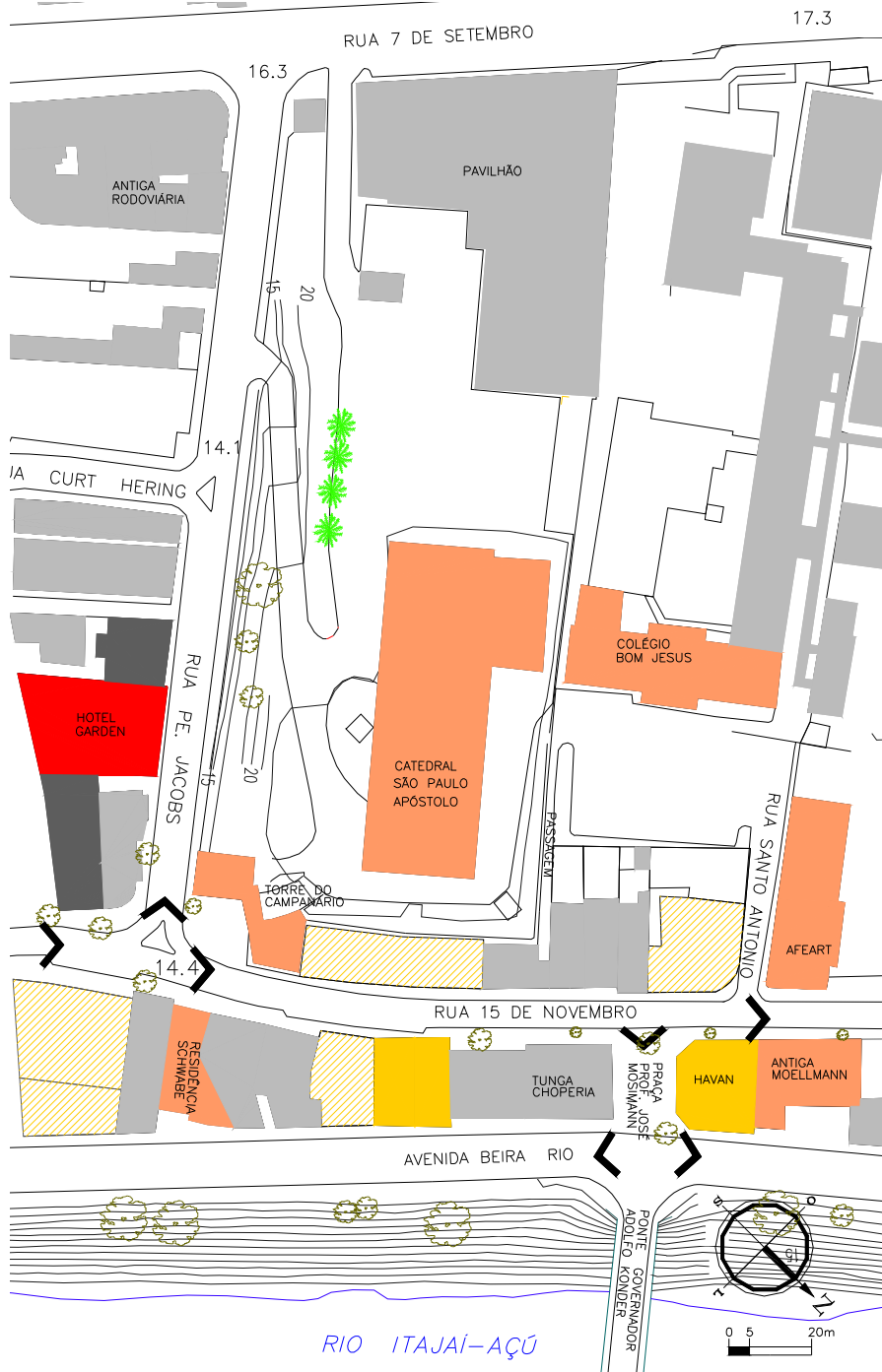


Fig. 3.94 – Mapa do lugar da catedral São Paulo Apóstolo
 Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA

O espaço da Catedral São Paulo Apóstolo, é marcado pela torre do campanário como um grande portal em granito rosa bruto, erguido a partir da escadaria que inicia no pequeno largo desta esquina, posicionando-se como transição do espaço profano para o espaço sagrado. Marco visual do entorno, tem dois mirantes no topo da escadaria, fazendo da sua angulação em relação à borda da rua, a articulação com a inflexão para a direita da rua 15 de Novembro, comunicando ao entorno a marcação deste espaço de reflexão. O som dos sinos também marca esta paisagem.



Fig. 3.95 – Catedral São Paulo Apóstolo, vista a partir do mirante do lado direito do campanário
Fonte: Do autor

No platô o edifício religioso, monumental, afasta-se da rua como um lugar de silêncio no centro da cidade. Obra de arquitetura moderna, configura-se como um dos edifícios mais importantes do espaço da rua 15 de Novembro, destacando-se pelas linhas sua de arquitetura e como lugar, está disposta com acessos articulados com seu entorno, marca o lugar como um espaço semi público conectando ao entorno imediato.

No ponto mais alto da rua, este edifício de pedra, concreto e vitrais, têm seu espaço interior expressando pela autenticidade dos materiais, soleniza o espaço pela luminosidade intensa que vem dos vitrais da frente, das laterais rente ao teto e do amplo vitral no lado do altar, cambiando a ambiência do trajeto da entrada até ele, com a variância da luminosidade

interna que monumentaliza seu espaço interno, projetada profusa para dentro através do rendilhado do desenho dos vitrais de vidro antique.

Tem o átrio aberto e coberto para sombra, configurando adequação tropical deste tipo de espaço, que nos lugares frios normalmente conforma-se como antecâmara, isolando o frio, mostra átrio está a capela do batismo de planta octogonal é transparente por vitrais, integra-se ao pátio externo.

Do átrio saem pilares redondos que representam os doze apóstolos, entram na nave em



Fig. 3.96 – Interior da catedral
Fonte: Do autor



Fig. 3.97 – Vista do batistério
Fonte: Do autor

ritmo até o altar. Na parede de pedra ao fundo, um vitral em forma de rosácea tem desenho simétrico, incorporando força e leveza, de composição trabalhada com a mesma pedra das paredes. Atrai estimula o olhar pela complexidade da composição.

3.4.3 Análise do trecho B

O início deste trecho mostra que o espaço do setor da alameda Rio Branco não se conformou como pretendia o projeto do núcleo urbano da colônia, que hierarquicamente a implantou para construir-se como centralidade do lugar. O mapa de 1900 (Fig. 2.16) mostra o redirecionamento da ocupação do lugar, que ilustra a rua 15 de Novembro com adensamento ao longo do seu trajeto, contrariamente ao que ocorreu com a alameda Rio Branco (conforme as edificações dispersas da ilustração), que se consolidou como lugar de habitações. Sua ligação direta com o rio Itajaí-Açu, constante do projeto inicial, também não se manteve, resultando no desalinhamento com o início a avenida Beira Rio.

O mapa de 1858, Fig. 2.4, indica que o parcelamento colonial no vale do ribeirão Garcia tem continuidade direcional com o espaço da alameda Rio Branco. Este vale longo e estreito consolidou-se como um dos bairros mais populosos da cidade. Atualmente tem seu desenvolvimento urbano controlado por conter áreas impróprias para ocupação urbana. O plano inicial ilustra também que as terras baixas e alagáveis do entorno do ribeirão da Velha não foram parceladas. É o lugar o bairro Victor Konder, para onde o centro está se expandindo atualmente.

O mapa de 1864 mostra o trajeto da rua 15 de Novembro de traçado regular até a rua Floriano Peixoto, sendo que depois o indica de traço irregular como que desenhado à mão ligando lotes urbanos projetados até a atual rua Namy Deeke, que dali continua para a direção da foz do Ribeirão da Velha. Este desenho irregular sugere tratar-se de caminho de importância secundária para a ocupação do Stadtplatz. No mesmo mapa também não consta o espaço da Praça Dr. Blumenau, que resultou da canalização do ribeirão Bom Retiro, permitindo a abertura da rua Nereu Ramos, e conectando o bairro Jardim Blumenau com a avenida Beira Rio.

Da rua Nereu Ramos até o lugar da catedral, a conformação do espaço da rua 15 de Novembro caracteriza-se como um lugar de passagem com bordas cerradas, restando apenas um lote vazio próximo da rua Ângelo Dias. Nas visadas para as ruas perpendiculares percebe-se, ao fundo, a paisagem de entorno, dos montes e do verde das margens do rio Itajaí-Açu.

Até a rua Floriano Peixoto, os poucos edifícios que imitam o enxaimel e casa dos alpes possibilitam leitura do antigo e do novo da arquitetura deste trecho, que se conforma do lado direito, com edifícios modernos de linhas retas, comunicando baixa complexidade de suas figuras. Representam as modificações radicais do perfil da rua a partir da década de 1950, oportunizado pela ausência de índices reguladores de uso do solo urbano, sendo que os Códigos de Posturas de 1948 e de 1974 não contemplavam controles urbanísticos para ocupação e verticalização.

Do lado esquerdo predominam edifícios mais antigos de até quatro pavimentos, é marcado por figuras mais complexas e de técnica vernacular. Os mais antigos, ecléticos de até dois pavimentos realçam suas figuras variando as cores de suas fachadas, cujas formas e estilos falam de períodos de consolidação da rua.

Já da rua Floriano Peixoto até o lugar da torre da catedral, o conjunto é mais complexo, variando as tensões entre as figuras. Possui número maior de edifícios imitando o enxaimel e casa dos alpes, onde se destacam construções antigas e tombadas variando a cor das fachadas.

Avanços e recuos de alinhamentos frontais, bem como capilaridades resultantes de afastamentos entre edifícios conectam vazios dos fundos de lotes. Nas ruas Caetano Deeke e Capitão Euclides de Castro, espaços estreitos, induzem sensações de compressão e acolhimento.

No **trecho B**, além da Praça Dr. Blumenau, não há outros espaços públicos, praças por exemplo, como lugar de passatempo, e o espaço do rio a seu lado não é pensado para maior integração. Atualmente, intenções da prefeitura para urbanizar a margem oposta visa a preservá-la de desmazonamentos, retomando a proposta de avenidas marginais ao rio constantes no mapa de 1955. As quadras longas e estreitas têm poucas conexões ou estabelecimentos de permanência voltados para o rio, ocorrendo relações espaciais da rua 15 de Novembro com o rio pelo espaço das ruas que cruzam para a avenida Beira Rio e pelas galerias comerciais.

Com a rua Curt Hering percebe-se maior integração e animação pelo desenho da malha que promove proximidade. Alguns bares e restaurantes populares relacionam-se com este espaço público mais tranquilo e, na rua 15 de Novembro, lugares de encontro, como os antigos bares Expresso e Pingüim, foram substituídos por outros tipos de comércio. Há dois ambientes com café voltados para a rua, a Pastelaria Chinesa e um pequeno café ao lado do Banco Real.

O espaço do entorno da torre da catedral marca a transição para o **trecho C**, promovendo costura entre os dois trechos que apresentam diferenças de adensamento das suas quadras, fazendo dele um lugar referencial importante do espaço da rua. O espaço que abriga o conjunto religioso como lugar urbano, marcado pela posição da torre como ponto do focal da rua. Sua espacialidade configura espaço importante da paisagem da rua 15 de Novembro, pois conectando-se com o seu entorno, possibilita circuitos à pé. A torre repete a angulação do templo antigo, articula-se com a inflexão da rua 15 de Novembro para a direita.

Como detalhe da rua, o piso novo avança cerca de cinco metros para dentro dos perpendiculares à rua 15 de Novembro, onde os arremates do paver com os ladrilhos hidráulicos mostram arranjos sem harmonia. Os ladrilhos apresentam-se quebradiços e descolados, não contribuindo, desta maneira, para a qualidade estética e prejudicando a caminhabilidade. Apresentam, contudo, maior vivacidade de superfície.

3.5 Trecho C

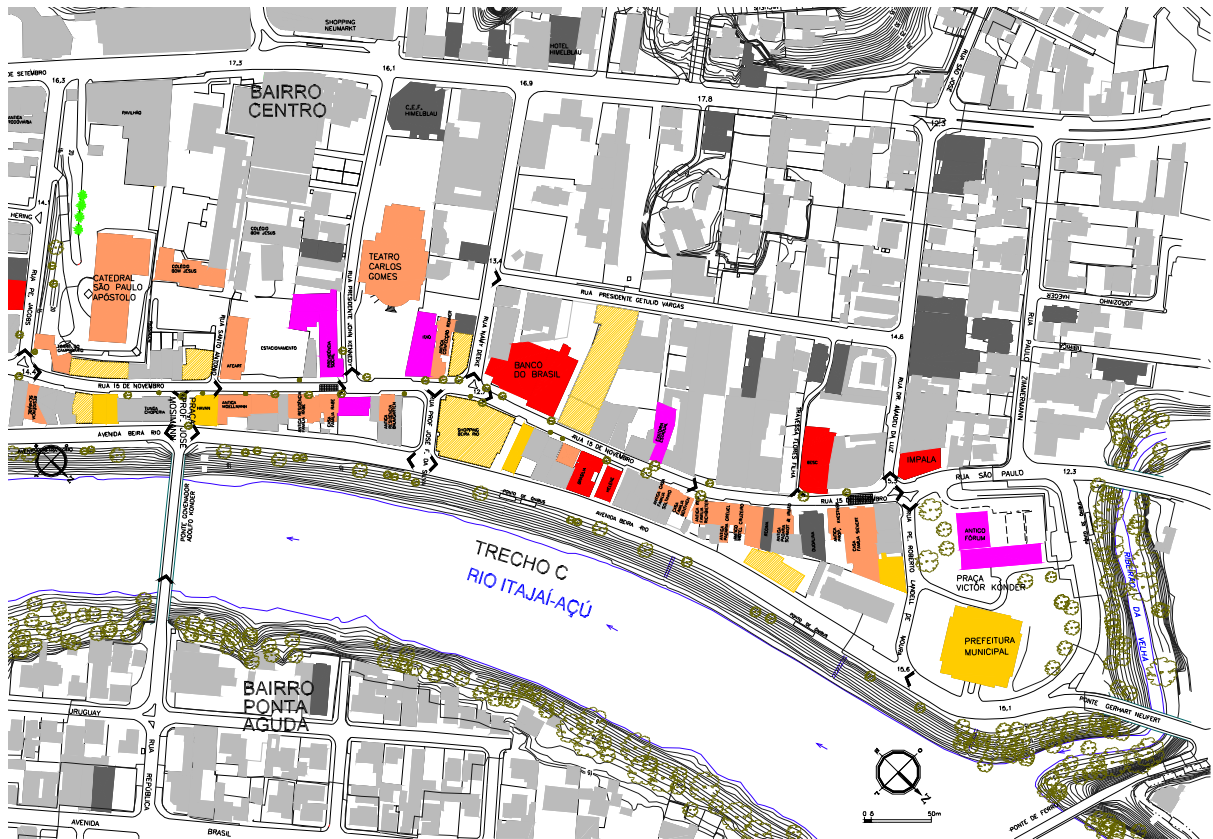


Fig. 3.98 – Mapa do trecho C

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA

Este trecho desenvolve-se com maior sinuosidade, e para o lado da rua 7 de Setembro apresenta topografia de maior irregularidade, está em setor urbano limitado pelo rio e pelo Morro dos Padres onde ocorrem poucas conexões entre as ruas 15 de Novembro e 7 de Setembro, configurando quadras grandes com muitos vazios urbanos. Após o lugar do teatro, entre as ruas Namy Deeke e Amadeu da Luz está a rua Presidente Getúlio Vargas, que é paralela à rua 15 de Novembro.

Para o lado do rio, mantém a mesma relação de proximidade com a avenida Beira Rio, que ocorre no trecho anterior, agora praticamente em nível, e duas conexões por ruas conformando duas quadras longas e estreitas. O nivelamento facilita as ligações para pedestres por meio das galerias comerciais do Shopping Beira Rio e do edifício Brasília, e duas passagens descobertas, uma pela praça Prof. José Mosimann, e a outra ao lado do

Edifício Helene.

A sua conformação espacial se dá com o perfil de edifícios baixos nas duas bordas. Alguns altos, nos dois lados, marcam segmentos do trecho, sendo, eles, os edifícios do Banco do Brasil, Regina e Impala.

Os lugares considerados de importância constituem-se pelo lugar da Praça Professor José Mosimann em frente ao castelinho (antiga Moellmann), próxima da AFEART, onde se localiza a Choperia Tunga, relacionando-se diretamente com o espaço público, como típico lugar de permanência. A praça faz passagem para o Bairro Ponta Aguda e tem no seu entorno imediato a catedral, o Colégio Bom Jesus, a AFEART, o teatro, um hotel, o colégio e, aos fundos deste, na rua 7 de Setembro, o Shopping Neumarkt.

O trecho, ainda tem espaços abertos, como o espaço ajardinado defronte ao Teatro Carlos Gomes e, no final do trecho, a praça Victor Konder, onde está a prefeitura.

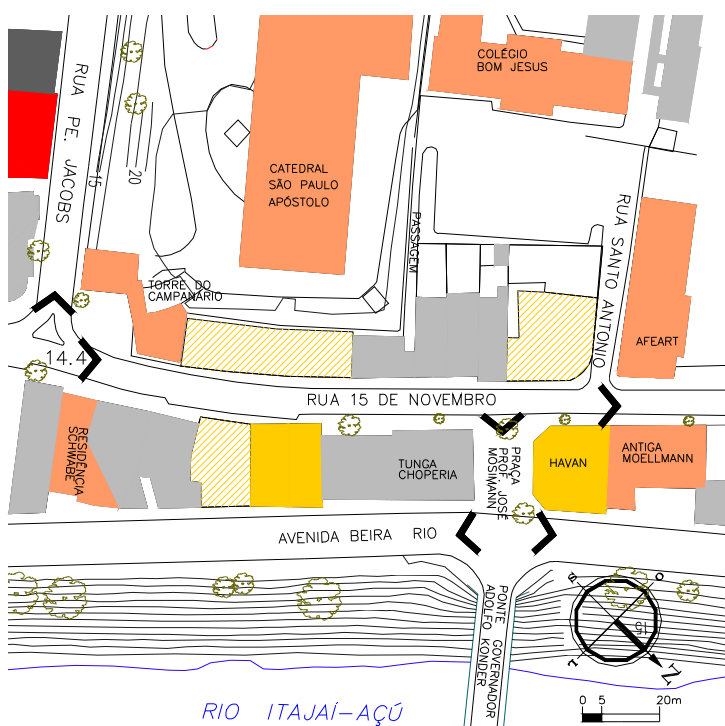


Fig. 3.99 – Trecho C – Mapa entre a torre do campanário e a praça Professor José Mosimann

Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA



Fig. 3.100 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra o início do **trecho C** com legibilidade até a esquina da rua Namy Deeke, onde está o edifício do Banco do Brasil
Fonte: Do autor

Até o castelinho a curvatura da rua da desenvolve-se sutil, revelando um cenário que à medida do caminhar mostra conjunto de figuras das quais muitas se apresentam como pastiches do enxaimel, compondo cenografia de figuras complexas.

Do lado direito, aparece parte da fachada da antiga residência Schwabe, de 1907, historicista, em reforma e ampliação que mantém a fachada histórica.

O cenário percebido a partir deste ponto de observação, comunica homogeneidade de tratamento de suas fachadas e, na medida em que variam as suas figuras, se estabelece tensão pelos telhados de inclinações variadas, como o exemplo do telhado do castelinho, que é acentuado. Compõem um efeito cenográfico pela rusticidade dos materiais aplicados, transmitindo idéia de um aldeamento antigo.



Fig. 3.101 – Vista da rua 15 de Novembro, entre a torre e o castelinho, mostra à esquerda uma seqüência de edifícios pertencentes à igreja, reformados imitando o enxaimel
Fonte: Do autor



Fig. 3.102 – Vista da rua 15 de Novembro, à direita o castelinho da Havan (antiga Moellmann)
Fonte: Do autor

3.5.1 O lugar da praça Professor José Mosimann



Fig. 3.103 - Vista da praça Professor José Mosimann , mostra ao fundo o bairro Ponta Aguda
Fonte: Do autor

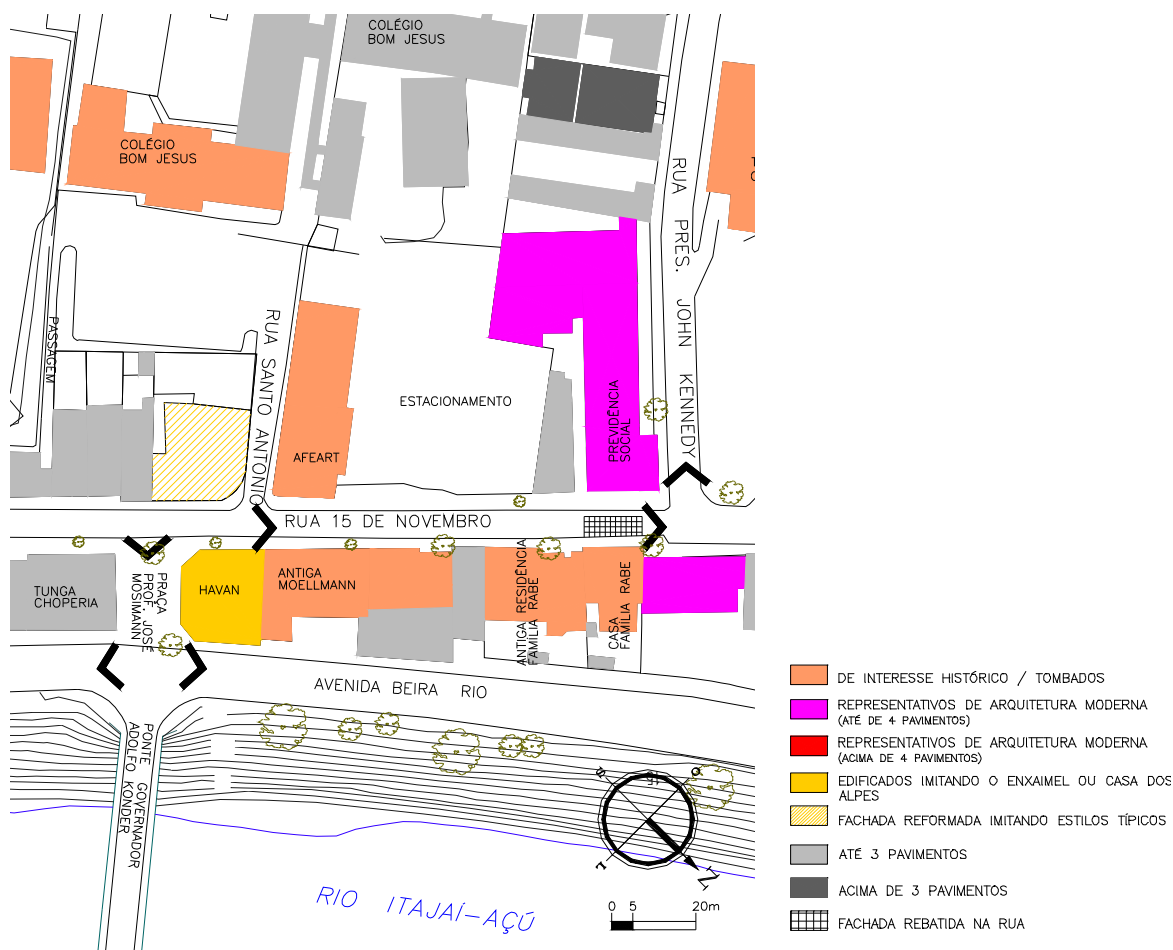


Fig. 3.104 – Trecho C – Mapa entre a praça Professor José Mosimann e a rua Presidente John Kennedy
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

A praça Professor José Mosimann, caracterizada pelo edifício do castelinho da antiga Moellmann e pelo ambiente da Choperia Tunga, à direita, configura-se um lugar de sociabilidade e de permanência bastante freqüentado. Esta pequena praça, que resultou do fechamento de trecho de rua, está humanizada com pequeno chafariz, canteiros e mobiliário com alguns bancos para estar, servindo de ponto de passagem para quem se dirige para Ponta Aguda e para os usuários do transporte coletivo da avenida Beira Rio. É também o ponto mais estreito entre a rua 15 de Novembro e avenida Beira Rio.

A avenida Beira Rio passou por uma reforma que iniciou a partir do lugar da prefeitura e foi interrompida neste cruzamento. Usou o mesmo padrão de tratamento das calçadas e alguns itens do mobiliário urbano da rua 15 de Novembro complementados por outros itens de mobiliário cujo desenho é contemporâneo como, por exemplo, o dos novos pontos de ônibus, o das luminárias altas, e o da cerca de proteção da calçada da margem. Esta proteção, com cerca de tubos de ferro, comunica um caráter náutico, e marca a relação do pedestre com o rio, contrastando com a do trecho anterior.

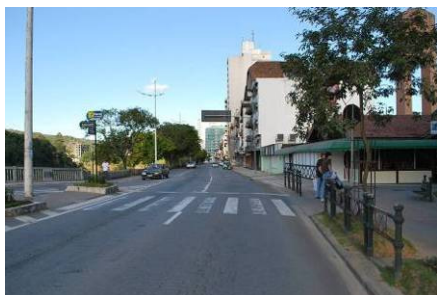


Fig. 3.105 – Vistas da avenida Beira Rio, a partir do espaço da praça José Mosimann, para a direita e para a esquerda, mostram a diferença de tratamento da cerca de proteção da calçada da margem
Fonte: Do autor

Complementa a ambiência da avenida Beira Rio o sombreamento da calçada com arborização que desce pelo talude da margem do rio, qualificando a paisagem. Essa composição arbórea conforma o espaço desta rua reduzindo a legibilidade, estabelece diálogo com o verde da margem oposta.

Na chegada ao Centro pela ponte governador Adolfo Konder (ponte da Ponta Aguada) tem-se uma das melhores percepções da paisagem do entorno da rua 15 de Novembro em que,



Fig. 3.106 – Vista da chegada pela ponte Governador Adolfo Konder, mostra contornos do conjunto edificado do entorno da praça José Mosimann contra o fundo do Morro dos Padres, onde se destaca a torre do campanário
Fonte: Do autor



Fig. 3.107 – Vista do rio Itajaí-Açú, a partir da Ponte Governador Adolfo Konder, mostra à esquerda, o entorno da avenida Beira Rio até o lugar do antigo porto fluvial, no Centro Histórico. Em primeiro plano, o desenho em petit pavet na calçada da ponte
Fonte: Do autor



Fig. 3.108 – Vista a partir da ponte Governador Adolfo Konder para a direita, mostra perfil edificado do entorno do entorno da avenida Beira Rio no **trecho C** contrastando com o perfil edificado do entorno do **trecho B**. Ao fundo, o edifício da prefeitura ao seu final

Fonte: Do autor

a uma olhada para o lado esquerdo pode-se perceber o rio até o lugar do Centro Histórico, onde se localizou o antigo porto, e outra para o lado direito, o lugar da prefeitura e da ponte de ferro, sinalizando a foz do Ribeirão da Velha, referenciais dos limites do entorno da rua 15 de Novembro.

Retornando ao caminhar da rua 15 de Novembro, após o castelinho, à esquerda, o edifício que mostra pintura vermelha na fachada está na esquina oposta da rua Santo Antônio que sobe, fazia acesso ao colégio Bom Jesus (antigo Santo Antônio).

O edifício art déco de esquina é de 1940, pertence ao Estado e abriga a AFEART. É um edifício tombado pelo município, e faz parte do complexo comercial da antiga Moellmann, que funcionou instalada nos dois lados da rua. Parte deste conjunto foi demolida, originando o lote vazio ao seu lado, que cedido em comodato para o colégio, foi cercado e utilizado como lugar para estacionamento, interrompe, com isto, a borda com comércio e privilegiando o automóvel. O cercamento também ocorre na rua Santo Antônio, que

bloqueia o circuito do antigo acesso ao colégio e limita o caráter semi-público deste lugar, construído na memória dos usuários, que fazem acesso à igreja por este lado. O edifício do Colégio Bom Jesus, de 1938, é tombado pela FCC.

Passando o lote vazio, visualizam-se, à esquerda, edifícios de linhas puras, como o edifício da Previdência Social, de linguagem da



Fig. 3.109 – Vista da rua 15 de Novembro, com o edifício art déco da AFEART à esquerda, identificado com listras vermelhas na fachada

Fonte: Do autor

arquitetura moderna, situado na esquina da rua Presidente John Kennedy.

Já pelo lado direito depois do castelinho até a altura da esquina da Previdência Social, quatro casarões antigos, respectivamente de 1900, do início da década de 1900, de 1930 e da década de 1920 edificadas com técnica vernacular, cujas figuras representam a memória do lugar. Os quatro são tombados pela FCC.



Fig. 3.112 – Vista da 15 de Novembro, com o edifício da Previdência Social à esquerda. Ao fundo, o Banco do Brasil finaliza a perspectiva deste segmento da rua
Fonte: Do autor



Fig. 3.110 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra após o castelinho o seguimento de edifícios tombados do complexo da antiga Moellmann

Fonte: Do autor



Fig. 3.111 – Vista da rua 15 de Novembro, a figura da esquerda mostra edifícios da antiga Moellmann do lado direito da rua e o lote vazio à sua frente. A figura da direita mostra o edifício principal do colégio, visível a partir da rua 15 de Novembro

Fonte: Do autor



Fig. 3.113 – Vista da 15 de Novembro, esquina da rua Presidente John Kennedy, sinaliza a praça do teatro à esquerda.

Fonte: Do autor

3.5.2 O espaço do Teatro Carlos Gomes

A rua Pres. John Kennedy é parte do lugar do Teatro Carlos Gomes. Percebe-se, em seu trajeto, muitos vazios urbanos. Faz ligação com o lugar da rua 7 de Setembro, onde está o Shopping Neumarkt. Vista a partir da esquina da rua 15 de Novembro mostra alguns detalhes que atraem a atenção do olhar, como o ritmo das colunatas do edifício da

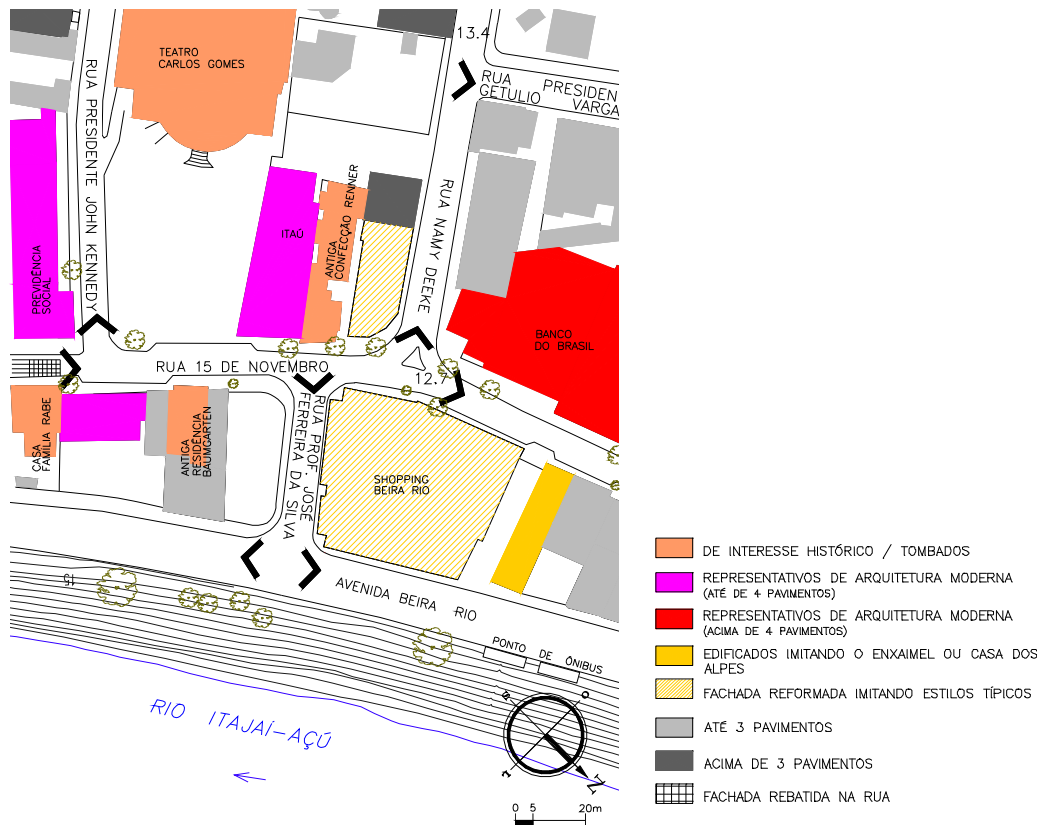


Fig. 3.114 – Trecho C – Mapa entre as ruas Presidente John Kennedy e Namy Deeke
 Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi



Fig. 3.115 – Vista da rua Presidente John Kennedy, mostra o edifício da Previdência Social com a calçada semi-coberta. Sua colunata dialoga com o ritmo das palmeiras da calçada oposta, e as colunas da entrada do teatro
 Fonte: Do autor

Previdência Social, o alinhamento das palmeiras da praça e as colunas da fachada do teatro.

O desenho de ajardinamento desta praça estrutura canteiros de ornamentação configurando este lugar mais como passagem do que de estar e passatempo. Abriga um pequeno estar, com bancos de concreto posicionados em simetria ao eixo da entrada e próximos da calçada, oferecendo tímida possibilidade de permanência. Significativo no contexto cultural da cidade, este espaço aberto poderia oportunizar manifestações artísticas ao ar livre.

As bordas deste espaço animam-se pelos contrastes de suas arquiteturas, possibilitando leitura dos tempos deste lugar. O teatro tem à sua esquerda o Banco Itaú, de arquitetura contemporânea; à sua direita o edifício da Previdência Social, de arquitetura moderna; e à sua frente, a antiga casa da família Baumgarten.

O teatro, de 1939, art déco, é tombado pela FCC, e importante para a orientabilidade deste entorno; sua função e escala marcam significativamente a paisagem.



Fig. 3.116 – Teatro Carlos Gomes. A arborização lateral direciona o olhar para sua fachada frontal simétrica
Fonte: Do autor

De escala horizontal, o edifício do Itaú da década, de 1980, mostra desenho contemporâneo, expressando a intenção plástica pelo tratamento da forma com uso de materiais de referência regional, traduzido em imagem que comunica a releitura da



Fig. 3.117 – Banco Itaú, vista da fachada frontal
Fonte: Do autor



Fig. 3.118 – Banco Itaú, vista da fachada voltada para praça
Fonte: Do autor



Fig. 3.119 – Vista a partir da praça do teatro, mostra a arquitetura do conjunto edificado da rua 15 de Novembro
Fonte: Do autor



Fig. 3.120 – Vista da antiga Casa Baumgarten
Fonte: Do autor

arquitetura da imigração, possibilita ser visto como um híbrido de arquitetura moderna, e fala de seu tempo para o futuro.

A inserção deste edifício possibilita exercício de leitura de tempo da arquitetura neste espaço, pois quatro edifícios, um em cada borda, sugerem representação de suas épocas, cujas técnicas e estilos conversam a respeito do vernacular da casa Baumgarten, do art déco do teatro, da arquitetura moderna do edifício da Previdência Social, e do contemporâneo do Itaú, harmonizando-se na diversidade do contexto deste conjunto eclético.

Até a rua Namy Deeke, o desenvolvimento das bordas se dá por continuidade e direção do perfil edificado, é um conjunto com figuras complexas até a altura do espaço do Tunga Choperia, com a borda direita continuando o uso comercial, e a borda esquerda alternando usos alterna a percepção de ambiência estritamente comercial que ocorre no trecho B, tem uma sequência de figuras mais simples e percebido como **formação de totalidades**.

Antes da esquina, um edifício art déco de 1910 da antiga Confecção Renner, é tombado pelo município, faz divisa com o Itaú e tem um acesso na lateral direita para usos aos fundos, configurando particularidade urbana de uso do lote nesta rua. A esquina da rua Namy Deeke é o limite do antigo Stadtplatz, de acordo com Fig. 2.5. É lugar do Shopping Beira Rio, edificado imitando a casa dos alpes, e da massa marcante do edifício do Banco do Brasil.

Nesta esquina, o Shopping Beira Rio tem uma galeria comercial articulando com as três ruas praticamente em nível.

Na avenida Beira Rio, esquina com a rua Professor José Ferreira da Silva, olhando para a direção do castelinho, percebe-se que a borda edificada



Fig. 3.121 – Vista da rua 15 de Novembro, com o edifício art déco do lado esquerdo, antes da esquina
Fonte: Do autor



Fig. 3.122 – Vista da rua Prof. José Ferreira da Silva, oportuniza visão para a avenida Beira Rio mostrando ao fundo os edifícios e morros do bairro Ponta Aguda
Fonte: Do autor



Fig. 3.123 – Vista da avenida Beira Rio, entre a rua Prof. José Ferreira da Silva e o lugar do castelinho
Fonte: Do autor



Fig. 3.124 – Vista da avenida Beira Rio, esquina da rua José Ferreira da Silva: visão para o lugar da prefeitura mostra o edifício Brasília com grande painel de propaganda de forte impacto na paisagem, visível para quem sobe a avenida
Fonte: Do autor



Fig. 3.125 – Vista da rua 15 de Novembro, esquina do Banco do Brasil, mostra a ambiência proporcionada pela vegetação à sua frente, com itens do mobiliário urbano. Este sugestivo pórtico verde mostra, após ele, que a espacialidade da rua é dominada pela horizontalidade, percebida após a sombra na rua, provocada pelo edifício Brasília, que está do lado direito
Fonte: Do autor

tem poucas fachadas abrindo para a avenida Beira Rio, ao passo que à esquerda, na direção do lugar da prefeitura, ocorre o oposto.

A esquina da rua Namy Deeke, em 12.7 metros, caracteriza-se pelo edifício do Banco do Brasil, de arquitetura moderna. Esta rua sobe até encontrar com a rua 7 de Setembro em 16.9 metros, que mostra na calçada oposta, o hotel Himmelblau.



Fig. 3.126 – Vista da Rua Namy Deeke, em que, aparece ao fundo, à direita, o hotel Himmelblau
Fonte: Do autor

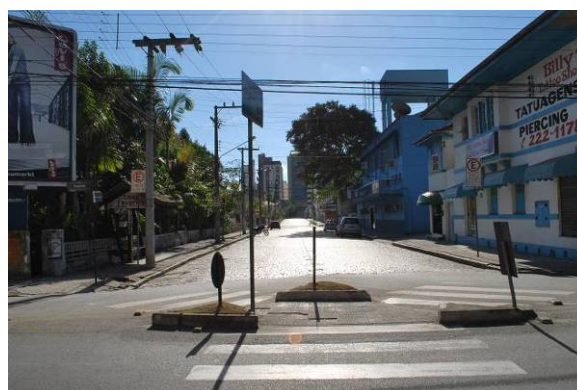


Fig. 3.127 – Rua Presidente Getúlio Vargas, visão do perfil horizontal e dos vazios, com vista dos edifícios altos, ao fundo, próximos da rua Amadeu da Luz
Fonte: Do autor

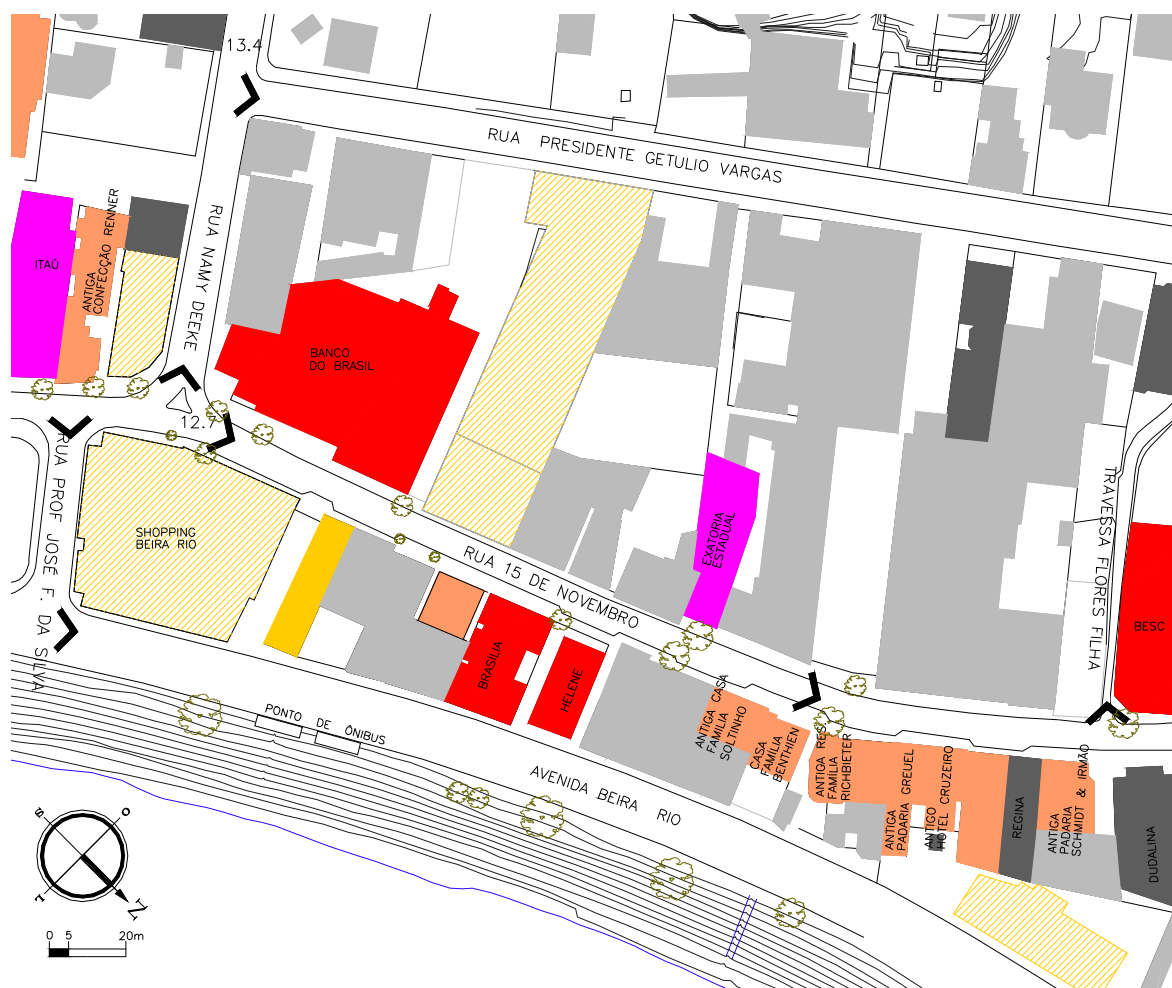


Fig. 3.128 – Trecho C – Mapa entre a rua Namy Deeke e Travessa Flores Filho
Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAIMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA

Pelo lado direito da Namy Deeke inicia a rua Presidente Getúlio Vargas, que segue até a rua Amadeu da Luz sem fazer ligações intermediárias com a rua 7 de Setembro. Essas ruas delimitam uma grande quadra com topografia que se desenvolve irregular, pouco densa, constituindo uma reserva central de lotes. Faz apenas uma ligação com a rua 15 de Novembro, através da Travessa Flores Filho, situada ao lado do Besc.

Da esquina do Banco do Brasil, a legibilidade se dá até o setor do edifício Dudalina, localizado depois do edifício Regina, na borda direita, onde a rua faz inflexão para a esquerda, mostrando no percurso, a predominância horizontal das bordas.



Fig. 3.129 – Vistas da rua 15 de Novembro - a figura da esquerda mostra o edifício Brasília, alto, que tem uma galeria comercial no térreo, e se destaca na escala das bordas como contraste radical nesta horizontalidade e densidade baixa.

- A figura do centro tem à direita árvores escondendo o edifício Brasília. Essas massas verdes distribuídas ao longo das calçadas, também contribuem para dinâmica espacial da rua. À esquerda está um edifício de fachada pastiche do enxaimel, abriga a galeria comercial Bremen Zenter.
- A foto da direita mostra um edifício antigo, ao lado do edifício Brasília

Fonte: Do autor

No lado esquerdo, ao lado do Banco do Brasil, está um edifício de fachada pastiche de enxaimel, que abriga a galeria comercial Bremen Zenter, que, por sua vez, conecta com a rua Presidente Getulio Vargas. Nesta rua ocorre pouca atividade de serviços e a presença de lojas comerciais é quase nula. É um setor urbano de densidade rarefeita, pouco articulado com seu entorno de quadras grandes que oferecem poucas oportunidades para a expansão de negócios.

Já do lado direito, a partir do Shopping Beira Rio, os dois edifícios altos, Brasília e Helene, encostados um no outro, fazem conexão para a avenida Beira Rio, o primeiro através de sua galeria térrea, e o segundo, pela passagem lateral. Antes do edifício Brasília, a antiga Casa Aurora, de 1940, é tombada pelo município, inicia, neste lado, uma série de edificações antigas e tombadas. É um edifício de dois pavimentos e tem sua escala relativizada pela altura do edifício Brasília. Descolada das divisas laterais, destaca-se pelo desenho peculiar da fachada.



Fig. 3.130 – Vistas da rua 15 de Novembro - a figura da esquerda mostra a antiga Casa Aurora, que está o lado do edifício Brasília, conserva afastamentos laterais que lembram a arquitetura da imigração.

- Na figura do centro, o seguimento do perfil edificado depois do edifício Brasília, que é colado ao edifício Helene, mostra adiante o efeito de pórtico das árvores na calçada. Antes deste pórtico verde, à esquerda, avanços e recuos provocados por retificações de alinhamentos proporcionam irregularidades que dinamizam a borda edificada.
- A figura da direita mostra a passagem livre ao lado do edifício Helene, com o perfil da vegetação da margem do rio, ao fundo

Fonte: Do autor

O edifício Brasília mostra, na sua fachada leste, um painel que impacta a paisagem por suas dimensões, conforme se vê nas figuras 3.121 e 3.124, uma vez que, posicionado com visibilidade estratégica, interage com movimento do sentido do tráfego.

As duas bordas que, a partir do Banco do Brasil até o edifício Helene lembram lugares do **trecho B** por sensações de compressão promovidas pelas alturas dos volumes que estabelecem tensão nas bordas pela variância de luz e sombra e têm algumas figuras complexas de fachadas típicas. A partir do edifício Helene até o Regina, a perspectiva é de uma continuidade horizontal conformada por edifícios antigos e de menor complexidade, que transmitem ideia de quietude com atmosfera de rua local de bairro horizontal.



Fig. 3.131 – Vistas da rua 15 de Novembro - Na figura da esquerda, a aproximação do pórtico verde, sinaliza o nicho sombreado da calçada do lado esquerdo, provocado pelo recuo do edifício da Exortoria Estadual, ilustra as exigências a partir do Plano Diretor de 1977. Mostra também, que, deste ponto de observação, os edifícios altos estão ocultos pelo verde

- A figura do centro mostra sombreamento pelo pórtico verde, promove sensações para os pedestres pela diferença de temperatura e luz, transmite idéia de compartimentação do espaço da rua.

- A figura da direita mostra recuo lateral entre duas edificações antigas, a casa Benthien e a casa Richbieter, por onde se faz passagem para a avenida Beira Rio

Fonte: Do autor

O percurso é marcado por cinco edificações antigas das últimas décadas do século XIX e das primeiras décadas do século XX: a primeira é de 1900, art déco; a segunda, vernacular de 1910; a terceira, vernacular de 1895; a quarta, art déco das primeiras décadas século XX; e, a quinta, de 1870. Todas elas foram tombadas pela FCC. Colado à quinta, o edifício Regina, de 1958, é tombado pelo município como um dos primeiros representantes da arquitetura moderna do lugar. Este conjunto eclético de figuras pregnantes mostra-se colorido com



Fig. 3.132 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra legibilidade do último ponto de inflexão até o final da rua, revelando perfil com alguns edifícios altos, retomando a horizontalidade perto de seu final

Fonte: Do autor

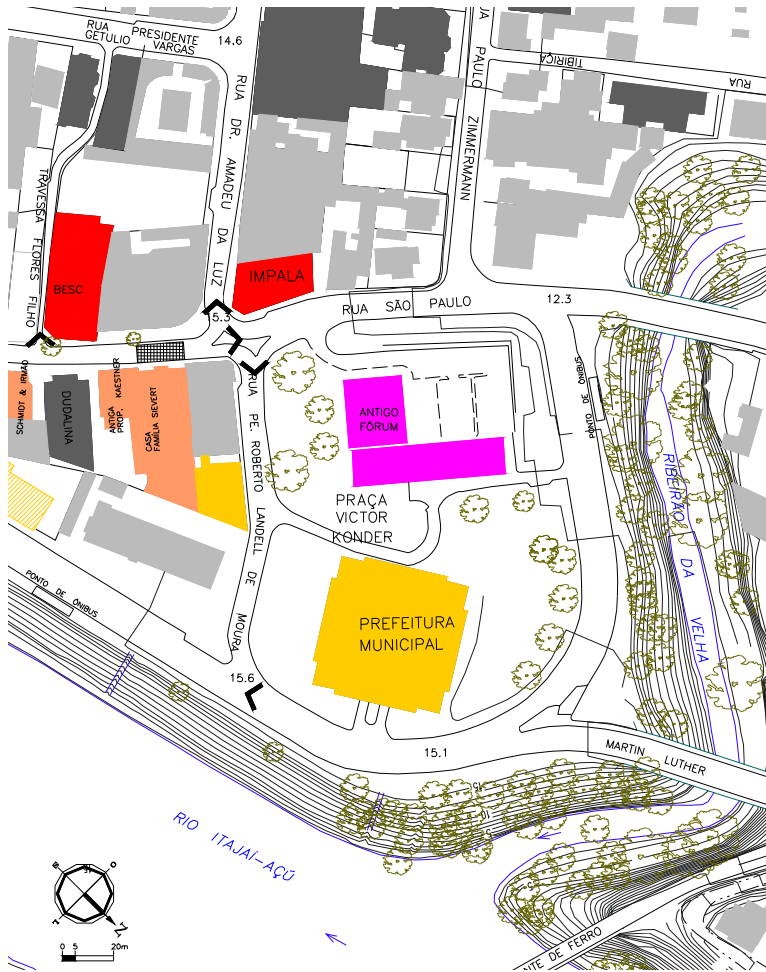


Fig. 3.133 – **Trecho C** – Mapa entre a Travessa Flores Filho e a rua Amadeu da Luz
 Fonte: Prefeitura Municipal de Blumenau, edição P. Mattedi

- DE INTERESSE HISTÓRICO / TOMBADOS
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ATÉ DE 4 PAVIMENTOS)
- REPRESENTATIVOS DE ARQUITETURA MODERNA (ACIMA DE 4 PAVIMENTOS)
- EDIFICADOS IMITANDO O ENXAMEL OU CASA DOS ALPES
- FACHADA REFORMADA IMITANDO ESTILOS TÍPICOS
- ATÉ 3 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 3 PAVIMENTOS
- FACHADA REBATIDA NA RUA



Fig. 3.134 – Vistas da rua 15 de Novembro – A figura da esquerda mostra as bordas com edificações que se apresentam mais altas pelos dois lados da rua
 - A figura da direita mostra as figuras das fachadas do Besc, à esquerda, e o arco de entrada do edifício Dudalina, à direita. Ao fundo, à direita, a silhueta das árvores da praça Victor Konder
 Fonte: Do autor

tonalidade suave, comunica atmosfera de quietude. Neste entorno a rua faz inflexão para a esquerda mostrando o final da rua, estendendo seu espaço para a praça Victor Konder.

O perfil que chega horizontal nesta inflexão, adensa-se com alguns edifícios mais altos como o Besc, Dudalina, finalizando-se horizontal.

Até o início da década de 1970, funcionou na praça Victor Konder uma estação da estrada de ferro. O final da rua 15 de Novembro também é um cruzamento importante da rua Amadeu da Luz que conduz para o bairro da Velha, e com a rua São Paulo, que conduz para o setor norte da cidade. A mudança da prefeitura para a praça da antiga estação atraiu alguns investimentos imobiliários. Surgiram alguns edifícios comerciais neste entorno, principalmente na rua Amadeu da Luz e no final da rua Presidente Getúlio Vargas, onde se encontra com a Travessa Flores Filho, que faz a única conexão dela com a rua 15 de Novembro.

A travessa é estreita conflitando pedestres com veículos. Poucos edifícios novos instalaram-se na rua 15 de Novembro por ela conter casas de comércio que se mantiveram estáveis até surgimento das mudanças econômicas do país e perante os efeitos da globalização. Houve outras razões pelas quais sofreu poucas mudanças: o lugar que ocupa, por estar menos sujeito a enchentes e por dar fluxo do movimento para a rua São Paulo.

O trajeto da rua finaliza horizontalizado. Depois do edifício Dudalina, com suas fachadas tradicionais, há dois edifícios antigos, um, de 1930, vernacular, e o outro, de art déco, de 1938, colado ao primeiro. Ambos foram tombados pela FCC. O último faz do conjunto que abrigou a sede da antiga Casa Willy Sievert, tradicional na história da rua, tem sua fachada rebatida na rua.



Fig. 3.135 – Vista da Travessa Flores Filho
Fonte: Do autor



Fig. 3.136 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra dois edifícios tombados após o edifício Dudalina
Fonte: Do autor



Fig. 3.137 – Vista da rua 15 de Novembro, mostra o final da rua com o edifício Impala à esquerda e, à direita, o vazio da praça Victor Konder. Ao fundo, o bairro Victor Konder
Fonte: Do autor

No trajeto da rua 15 de Novembro, observou-se a permanência de afastamentos laterais entre edificações antigas, característicos dos modos de construção dos lugares de origem dos imigrantes, como ilustra a Fig. 2.10, sendo, que alguns desses espaços laterais foram fechados para ampliar a borda edificada. Da rua Namy Deeke até a rua Amadeu da Luz, a conformação espacial da rua caracteriza-se por **continuidade e direção**.

Na esquina da rua Amadeu da Luz, em 15.3 metros, o edifício Impala, da década de 1960 e fachada racionalista, posiciona-se como marco referencial do final da rua 15 de Novembro. Sua espacialidade continua com o nome de rua São Paulo, que atravessa o ribeirão da Velha, sinalizado pelo verde de suas margens, e segue para o bairro Victor Konder, que é um lugar de baixios do entorno deste ribeirão. A percepção é de amplitude para a paisagem adiante deste bairro, que está em processo de adensamento pela via da verticalização.

Ao seu final, a rua 15 de Novembro bifurca, à esquerda, para a rua Amadeu da Luz, que encontra a rua 7 de Setembro no nível 12.3 metros, e mostra verticalidade pelo lado direito e horizontalidade do lado esquerdo.

À direita, a bifurcação dá para rua Pe. Roberto Landell de Moura, que contorna a praça conduzindo para a Avenida Beira Rio.

Olhando o espaço percorrido da rua como totalidade, há no desenvolvimento do trajeto, sinuosidades conformando bordas com situações que lances de percurso com maior ou menor adensamento. Ademais, a variação das testadas de lotes contribuiu para a dinâmica de desenvolvimento da diversidade do conjunto arquitetônico do lugar.

Essa conformação espacial da rua 15 de Novembro pode ser vista como de **continuidade e direção**.



Fig. 3.138 – Vista da rua Amadeu da Luz, mostrando ao fundo a figura do Morro dos Padres afastando-se da rua 7 de Setembro
Fonte: Do autor



Fig. 3.139 – Vista da rua Pe. Roberto Landell de Moura
Fonte: Do autor

3.5.3 O espaço da Praça Victor Konder



Fig. 3.140 – Vista da Praça Victor Konder

Fonte: Do autor

Esta praça é o lugar da antiga estação ferroviária e também de um antigo colégio. Transformada em centro cívico abriga a Prefeitura e o edifício do antigo Fórum, que mudou para o bairro da Velha, além de abrigar atualmente outras atividades públicas.



Fig. 3.141 – Edifício da Prefeitura Municipal, com a borda lateral ajardinada, e, ao fundo, a paisagem marcada pela linha dos montes do bairro Ponta Aguda, que estão além do rio

Fonte: Do autor

A praça tem alguma arborização e escasso mobiliário urbano como bancos para sentar que estão localizados na borda da rua Pe. Roberto Landell de Moura, sendo o lugar que é ambientado para estar e contemplação, de toda a praça. Nesta borda estão alguns bancos, um posto de informações, e ponto de táxi. Tem como detalhe no jardim, um relógio de flores próximo esquina da rua São Paulo. Na prática, configura-se como lugar de passagem para os edifícios públicos que abriga, sendo grande parte de sua área ocupada para estacionamento. De maneira idêntica ao espaço do Biergarten, este espaço situa-se periférico ao Centro.

Abriga os edifícios do antigo Fórum, que mostra fachada modernista e na esquina da avenida Beira Rio, conforma um lugar ajardinado com um chafariz e tem como atrativo a locomotiva Macuca, que foi da antiga estrada de ferro, ora colocada neste jardim diante do edifício da Prefeitura Municipal. Este edifício pastiche do enxaimel situa-se recuado em relação às esquinas, figura na paisagem central posicionado como marco referencial do final da avenida Beira Rio, tem logo adiante, à direita da avenida, a Ponte de Ferro, que atravessa o rio, saindo da foz do ribeirão da Velha pela margem esquerda para o lado do bairro Ponta Aguda, representando junto com o espaço do antigo porto, marcação da área central, como símbolos da modernidade que, no processo de construção da cidade, falam da história do lugar.



Fig. 3.142 – Vista da avenida Beira Rio, da esquina da prefeitura para a direção do Centro Histórico
Fonte: Do autor



Fig. 3.143 – Ponte de Ferro, vista a partir do lugar da prefeitura
Fonte: Do autor

3.5.4 Análise do trecho C

O **trecho C** caracteriza-se por conter maior número de construções antigas do que os trechos anteriores, e por apresentar um perfil edificado de predominância horizontal e com muitos vazios urbanos localizados entre a rua 15 de Novembro e a rua 7 de Setembro.

A percepção é de menor cerramento das bordas, resultado da maior presença de edificações antigas, e que preservaram as características originais, o que permite no

caminhamento deste trecho maior percepção do espaço do rio. Apesar de indicar que no início foi tratado como fundos, mostra que se desenvolvem mais atividades comerciais voltadas para a avenida Beira Rio do que no **trecho B**, favorecido que é pela condição de estarem a rua 15 de Novembro e a avenida Beira Rio praticamente niveladas.

A ambiência da rua, que muda a partir da transição do **trecho B** para o **trecho C**, com maior animação no entorno do espaço do Tunga Choperia e segue com menos atividades de comércio e de serviços, estabelece ritmo menor do que no trecho B, resultado de sua configuração morfológica diferenciada pelas grandes quadras. Esta situação, oposta ao que ocorre no **trecho B**, deriva da localização do conjunto religioso, do colégio e do teatro, estabelecidos em grandes áreas no setor de topografia mais alta da rua.

A movimentação de pessoas no entorno da catedral e do colégio tem, no shopping, um importante ponto de atração da cidade, por apresentar, ao longo do **trecho C**, uma outra característica, a presença de pequenos bares e confeitarias, situada em seu trecho final.

Este trecho, se, por um lado, tem menos densidade de comércio, por outro, tem maior diversidade de usos, pela presença de edifícios públicos, e, do lugar da torre até o castelinho, por se destacarem mais as figuras complexas dos edifícios, tipicamente germânicos, e, a partir daí, figuras menos complexas.

O trecho C tem maior número de edifícios tombados do que os trechos anteriores. Isto por duas razões: a primeira porque este trecho é, topograficamente, mais alto e a segunda, porque os tombamentos garantem maior estabilidade às edificações desse trecho, a persistir a regulação urbanística atual.

O **trecho C** construiu-se historicamente consolidando o trajeto irregular desde a rua Floriano Peixoto, resultou com marcas das retificações ao longo do tempo mostradas pelos avanços e recuos, dinamizando as bordas.

A rua 15 de Novembro finda seu trajeto no encontro da rua Amadeu da Luz, continuando, a partir daí, a espacialidade, como rua São Paulo.

3.6 Resumo dos trechos A, B e C

Percebeu-se que o entorno da rua 15 de Novembro se destaca em relação aos bairros de seu entorno. O bairro Ponta Aguda é o de melhor apreensão, por situar-se na margem esquerda

do rio, com edifícios que se mostram acima do verde das margens onde aparecem também os morros com ocupação residencial. Pouco adensado, é um setor com uso preferentemente residencial. Distinguido pelo verde das margens do rio, estabelece alguma integração visual através do espaço da Prainha com o espaço desta rua.

Lynch (1997) refere estes elementos físicos como barreiras. Todavia, pode-se estabelecer relações entre setores apesar deste tipo de barreiras, como o que ocorre na relação com o bairro Victor Konder, onde, não obstante o limite do ribeirão da Velha, acontecem as conexões através da continuação da avenida Beira Rio e da rua São Paulo. Há relação de interface maior com este bairro, através da ligação histórica com a rua São Paulo, como o caminho de ligação para o setor norte da cidade.

Já com o bairro Jardim Blumenau, há maior distância, porém ocorre interface com fluidez facilitada pela planicidade e continuidade da malha viária. Com o bairro Ribeirão Fresco, a percepção, a partir do Centro Histórico, é de um lugar de baixa densidade, marcado pela continuidade do verde que se funde com a paisagem.

Estes distanciamentos proporcionaram individualização do entorno da rua 15 de Novembro, reforçada pela estruturação do tráfego rápido nas duas vias laterais. A reforma da rua, que promoveu melhorias no espaço público, reduzindo estacionamentos e a velocidade dos veículos, incrementou a sua urbanidade.

A percepção do conjunto edificado, apoiada nos conceitos de Kohlsdorf (1996), permitiu o direcionamento do olhar para a organização dos grupos de edificações que se distribuem nesta morfologia, de compreensão das suas configurações, pois é, a partir da divisão dos trechos que se interpretaram as características dos agrupamentos e seus resultados estéticos. A distribuição da sua arquitetura mostra que a fase da arquitetura moderna da rua corresponde a uma fase progressista da cidade, concentrando estas edificações no **trecho B**.

Constatou-se que a maior parte das transformações neste trecho ocorreram no lado direito, sugerindo que sua localização, com terrenos mais baixos na borda do lado do rio, pode ter contribuído para a decisão de trocar as construções antigas por edifícios modernos e mais altos, observando-se que a borda oposta praticamente manteve o seu perfil antigo.

Também se verificou que o lado direito do **trecho B** é o que mais alterou o perfil antigo, tendo contribuído para isto a construção de edifícios de arquitetura moderna e a concentração, neste trecho, de maior número de edificações com imitação dos estilos típicos germânicos.

Já o **trecho C**, de topografia mais alta, resulta de perfil predominantemente horizontal,

com a maioria dos seus edifícios antigos tombados, e de sua condição de maior proteção contra as enchentes, fatores que podem ter contribuído para a sua manutenção.

Nesta rua se concentraram as edificações do movimento que se caracterizou pelo pastiche do enxaimel, constatando-se raros exemplos no seu entorno. As fachadas típicas que aparecem na avenida Beira Rio, em sua grande maioria constituem-se na fachada oposta de edifícios que fazem frente para a rua 15 de Novembro.

Esta variedade de estilos a diferencia do seu entorno imediato. Lynch (1997) chama de identidade, à personalidade e individualidade da imagem ambiental.

Esta diversidade compõe imagem que a distingue na paisagem central, cuja ambiência é dinamizada pela sua variação espacial. Apresenta diversidade de funções distribuídas ao longo do seu espaço, conferindo-lhe a importância que, intermediada pela dimensão cultural, constitui-se de significado para a vida desta cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem ambiental se constitui de importância como sensibilização para aliviar dramas humanos como, por exemplo, quando surgem problemas econômicos, que tem sido recorrentes na dinâmica da economia capitalista, afetando o coletivo. Se, nos ambientes urbanos, as relações afetivas dos indivíduos com a paisagem do seu lugar, auxiliam para aliviar a pressão das sensações depressivas pelas quais eles passam, (por estes motivos), o tipo de relação que mantém com a paisagem do seu lugar, e de como se identificam com ela, importa à ambiência e qualidade estética do contexto físico em que se inserem, e de como os indivíduos se relacionam com ela.

Como as características morfológicas dos lugares para habitar são os elementos estruturadores destas paisagens, a ação do homem comparece conformando, evoluindo e transformando-a, adequando sua ambiência.

A presente pesquisa constatou que a paisagem da rua 15 de Novembro consolida alguns dos aspectos observados. Verificou que o traçado geométrico inicial mantém-se inalterado desde o centro histórico até a atual rua Floriano Peixoto. A partir desta consolidou-se o caminho vernacular até a rua Namy Deeke, dentro do Stadtplatz. Alongou-se como prolongamento até a foz do ribeirão da Velha, sendo que, este o caminho irregular consolidou-se, resultando de maior sinuosidade do que o trajeto de traçado geométrico, variando sua direção para a direita e para a esquerda. Apresenta suas bordas com alguns avanços, recuos e angulações, como conseqüência de suas retificações.

Observou-se que, em relação à hierarquia viária da implantação inicial, sua conformação espacial mostra concentração de edifícios antigos, concentrados ao longo da rua 15 de Novembro. Como o entorno desta rua tem na malha urbana, poucas edificações antigas em áreas mais baixas, nela estão muitos lotes vazios, mostrando que grande parte do seu traçado, inicialmente, não se consolidou como pretendido. A implantação deste núcleo inicial confrontou o *genius loci*. Não se consolidou como planejado, em função das enchentes recorrentes neste ambiente, que determinaram o redirecionamento espacial do comércio.

No histórico da evolução do lugar, a praça Hercílio Luz (Biergarten) estruturou-se como um lugar expandido o espaço da rua, que foi sendo apropriado para encontros pela comunidade. Afora este lugar, sua conformação tratou o rio como fundos, mantendo esta característica até hoje.

Concentrando a preferência do comércio, também trouxe para o trajeto outros usos, sendo que, sua espacialidade conformou-se proporcionando uma ambiência caracterizada pela diversidade do seu conjunto arquitetônico, que ilustra diferentes épocas de sua construção. A variação de cenários comprova as exigências de diferentes legislações, que definiram a estética urbana existente.

A paisagem desta rua apresentou perfil edificado horizontal até a metade do século XX, quando começa a passar por algumas modificações significativas. Entre as décadas de 1950 e 1970, novos edifícios iniciaram a verticalização das suas bordas.

Neste período, a legislação municipal era pouco restritiva relativamente ao uso e à ocupação do solo urbano. Foi a capacidade de investimento que regulou os limites de ocupação para as novas construções. Neste tempo surgem edifícios significativos de arquitetura moderna, sendo o de maior destaque, a Catedral de São Paulo Apóstolo.

O uso da técnica do concreto armado, otimizado pela praticidade de modulação estrutural, possibilita a repetição. O modernismo também se consolida em muitos outros edifícios da rua 15 de Novembro, com fachadas racionalistas. No plano internacional da arquitetura, ocorre uma crítica ao estilo do racionalismo funcionalista, denominado estilo internacional, que pregava homogeneizar a arquitetura dos diversos contextos urbanos.

Concomitante à construção de edifícios modernistas na rua, na segunda metade da década de 1960, a administração municipal inicia o processo de retomada da produção da arquitetura denominada típica, característica da imigração alemã. A construção do restaurante Moinho do Vale, em 1967, na Prainha, de aparência rústica, com intenção de promover o turismo. Um ano após, em 1968, é construído o Frohsinn no Morro do Aipim, imitando o enxaimel. Estes dois edifícios passam a ser marcos referenciais da paisagem do centro da cidade.

Estas novas figuras na paisagem encorajaram este movimento a dar passos mais largos para disseminar construções com estas características na paisagem da cidade. Na década de 1970, se estabelece legislação que concedeu incentivos fiscais para estimular edificações com estilo que denominou de casas típicas blumenauenses. Ao final desta década, aprova nova legislação, que é mais específica, e definiu os estilos a serem incentivados como enxaimel e casa dos alpes.

As novas construções e reformas por estes estilos remissivos alteraram significativamente a imagem da rua 15 de Novembro, confundindo a leitura do tempo da arquitetura desta rua. Estes novos edifícios têm sua estrutura portante em concreto armado,

que é uma técnica moderna, pela qual os elementos estruturais não são encaixados ou intertravados, mas, sim, moldados in loco, compostos à base de cimento, areia, agregados e aço estrutural.

Esta construção cenográfica pelo pastiche do enxaimel é apoiada na época pela mídia local e sintonizada com a vontade do poder municipal. Observa-se que promoveu a cidade como um lugar identificado pelas imagens dos edifícios, ícones desta imitação. Difundiu-se no imaginário externo da cidade a idéia de uma comunidade voltada à arquitetura de raiz, postura não embasada em vontade popular, mas, sim, por uma visão política que comunicou a idéia desfigurada do estágio da cultura atual e da identidade local, e estimulou uma arquitetura não autêntica. Por outro lado, faz-se necessário aqui um parêntese, para ressaltar que, em termos de legibilidade, no espaço, os opostos oferecem a possibilidade de funcionar como orientação no ambiente. Canclini (1997) diz que construções políticas pelo populismo apropriam-se dos valores da cultura para promoção.

Como contraponto à prática retrô do enxaimel na rua, surge, concomitantemente, o novo edifício do banco Itaú, situado ao lado do teatro, como proposta de releitura do antigo, utilizando materiais regionais, que, com desenho contemporâneo, procurou identificar-se com valores da arquitetura vernacular da região, como um híbrido da cultura moderna regional, de oposição à imitação do enxaimel. Esta visão, Frampton (1997) a denomina de regionalismo crítico, onde diz, que embora este se colocou de visão crítica da modernização, não abandona os aspectos emancipatórios e progressistas do legado arquitetônico moderno.

Nesta década, também estava em evidência, na arquitetura, o movimento denominado pós-moderno, que abrigou tendências que continuaram a crítica ao movimento moderno, propondo uma releitura do passado, com discurso para reaver elos supostamente rompidos entre a cidade e a história, que consideravam negados pelo modernismo.

No perfil edificado da rua, constata-se que, ao mesmo tempo que as novas edificações agregaram complexidade à suas bordas, as edificações dos bancos mantiveram, de certa maneira, a característica horizontal das edificações que substituíram. O incentivo para este tipo de edificações declinou na década de 1990, estabilizando o perfil, agora, com as figuras mais complexas de imitação do enxaimel. O poder municipal inverteu o foco, passou a dedicar-se a, identificar e preservar valores verdadeiros de história e memória da cultura local, o que resultou em uma série de tombamentos de edifícios na cidade e principalmente nesta rua. Este foco visou partes da paisagem, significativas da cultura local.

Nesta década, o comércio da rua entrou em decadência econômica pela crise da

indústria têxtil. Na rua, os investimentos imobiliários recuaram diante da redução dos seus índices construtivos. Este período corresponde ao crescimento regional que se expande facilitado pelas redes de conexões e de comunicações, que estabelecem ligações rápidas. A rua passa a ter importância como lugar de referência comercial local. Esses tempos são de evolução do capital comercial, que procura organizar-se centralizando atividades em lugares fechados para compras e lazer. Neste tipo de ambiente fechado, as relações que ali se estabelecem são de circulação de pessoas e mercadorias, configurando apenas o dentro e o fora. A circulação é interna, e as praças de encontro também são internalizadas como um lugar homogeneizado. O exemplo do shopping que se instalou na rua 7 de Setembro atraiu interesses comerciais da rua.

Estudos que tratam da contemporaneidade descrevem a descaracterização do uso do espaço público promovido pelo evento da globalização que estabeleceu novas interconexões entre diferentes culturas e distantes entre si, interferindo e promovendo, nas sociedades envolvidas, transformações em escala global, redimensionando a relação entre espaço e tempo. Este processo altera as velhas identidades locais, sociedades do fim do século XX e início do século XXI, que Augè (2005) define-as como sociedades pós-modernas ou da supermodernidade.

O movimento da globalização promove a troca da estabilidade pela instabilidade de permanências, alternando certezas por incertezas, onde o capital se articula e desloca fluidamente, otimizando a sua reprodução para novas relações de trocas comerciais e culturais a nível global, gerando instabilidades, transpondo fronteiras nacionais, desestruturando políticas nacionais antes consideradas estáveis do estado de atuação paternalista, deslocando, fraturando, fragmentando e descentrando os sujeitos com reflexo nas suas identidades, construindo uma nova posição do sujeito, que Hall (2006) denomina de sujeito pós-moderno.

O movimento do capital alcança na globalização a promoção dos negócios com interdependência de produção e serviços, relacionando culturas e atravessando-as promovendo processo de hibridação cultural com consequência nos laços culturais locais. De certa maneira, este processo a nível local tem subtraído tempo do sujeito para o convívio no espaço público, que o torna vazio, substituído pela mídia que invade seu espaço privado e o retém neste espaço pessoal suprindo-o via informação e entretenimento, alienando-o do convívio coletivo.

A Rua 15 de Novembro, que, no intervalo entre as décadas de 1950 e 1970, tem novas edificações, modernas, que aparecem rompendo com a escala de então, passa a ter, entre as

entre as décadas de 1970 e 1990, a fase de retrô de arquitetura, que enfatiza a partir da década de 1990, o processo de tombamentos, propondo estabilizar partes da paisagem consideradas de interesse de cultura, por representarem três momentos que atuam significativamente na transformação e estabilização da paisagem da rua, e melhor ambientada com a sua reforma, finda no início da década de 2000.

No presente trabalho, as possibilidades de outros estudos depreenderem a partir da observação da paisagem desta rua como arquitetura, a diversidade que se apresenta neste cenário, abrem janelas para aprofundar estudos de diversos aspectos da arquitetura deste espaço urbano, e que podem ser objeto de pesquisas futuras.

No ano de 2005, o evento de uma consulta à comunidade local por intermédio de uma pesquisa estimulada, o Jornal de Santa Catarina, com a temática – Blumenau sou eu - conforme Fig. 144, promoveu dentre alguns edifícios significativos do centro da cidade, a escolha, pelo qual se identificassem. O escolhido foi a torre do campanário da catedral São Paulo Apóstolo, conforme Fig. 145. Este resultado ilustrou identificação com uma figura não complexa, configurando naquele momento, de sentido oposto às figuras de edifícios que promoveram a imagem do falso enxaimel como identificação local. Identificou o elemento da paisagem da rua, cujo desenho é contemporâneo, e marco referencial da rua.

A consulta, embora estimulada, leva a refletir sobre o imaginário de comunidades que, no caso de Blumenau, revela identificação popular com a imagem abstrata de um monumento que sinaliza o lugar, que incorpora o espírito do seu tempo e aponta um futuro, onde os indivíduos, alheios à idéia oficial, identificam-se com aquilo que os possa representar, por incorporar significados de cultura da atualidade da cidade.

Esta rua é como um lugar com o qual a sua comunidade se identifica, razão pela qual elegeu para eventos culturais, como os exemplos de desfiles das festas e do evento do Stammtisch. O espaço da rua é o espaço representativo da cidade.



Fig. 144 - Cartaz-1 - Blumenau sou eu
Fonte: Jornal de Santa Catarina



Fig. 145 – Cartaz - 2, um símbolo para a cidade
Fonte: Jornal de Santa Catarina

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio Augusto. **O espaço da diferença**. Sao Paulo: Papyrus, 2000. 304p, il.(208-256)

ARGAN, Giulio Carlo. **Historia da arte como historia da cidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1992. 280p. ARNHEIM, Rudolf. **La forma visual de la arquitectura**.2. ed. Barcelona : Gustavo Gilli, 2001. 229 p, il.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade.6. ed. Campinas, SP : Papyrus, 2007. 111 p. (Travessia do século).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa : Edições 70, 1979. 225p, il. (Persona. Psicologia). Tradução de: L'analyse de contenu.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003. 141p. Tradução de: Community : seeking safety in an insecure world.

BIDOU, Catherine (coord.). **De volta à cidade**: dos processos de centrifugação : as políticas de revitalização dos centros urbanos. São Paulo : Annablume, 2006. 293 p, il. -(p. 59-85)
BLUMENAU EM CADERNOS, Tomo X.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis : Vozes, 1994. 351p, il. Tradução de: L'invention du quotidien. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa : Edições 70, 1983. 202p, il. (Arquitetura e Urbanismo, 1).

CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**.3. ed. Porto Alegre : Bookman, 2008. 736 p, il.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. São Paulo : Ed. Perspectiva SA, 1979.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo : Estação Liberdade : Ed. da UNESP, 2001. 282p, il. Tradução de: L'allégorie du patrimoine.

DEEKE, José. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995.

GARCIA LAMAS, Jose M. Ressano. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. [Lisboa]; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica : Fundação Calouste Gulbenkian, [1993?]. 564p, il. (Textos universitários de ciencias sociais e humanas).

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 4a. ed. Rio de Janeiro : Record, 2000. 107p, il.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.** Sao Paulo : PINI, 1990. 198p, il.

DEL RIO, Vicente. **Arquitetura: pesquisa & projeto.** Rio de Janeiro : UFRJ; Sao Paulo : Pro-Editores : Fau, 1998. 225 p, il.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental.** Sao Paulo : EDUSP, 1993. 277p, il.

FRAMPTON, Kenneth. **Historia critica da arquitetura moderna.** Sao Paulo : Martins Fontes, 1997. xii, 470p, il. Tradução de: Modern Architecture.

FARRET, Ricardo Libanez. **O espaço da cidade: contribuição a analise urbana.** Sao Paulo : Projeto, 1985. 141p, il. (Textos de Arquitetura).

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Sao Paulo : USP, 1997. 385p, il. (Ensaio latino-americanos, 1).

GARCIA LAMAS, Jose M. Ressano. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 3. ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2004. 590 p, il. (Textos universitários de ciências sociais e humanas).

GREGOTTI, Vittorio. **Território da arquitetura.** Sao Paulo : Perspectiva : Ed. da Universidade de Sao Paulo, 1978. 191p, il. (Debates, 111). Il território dell'architettura.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** ed. Rio de Janeiro (RJ):DP & A, 2006. 102 p.

HUYSEN, Andréas. Seduzidos pela Memória. Sel. Textos, HOLLANDA, Heloisa Buarque, RJ, Aeroplano Editora, 2000

LOJKINE, Jean. **O estado capitalista e a questão urbana.** Sao Paulo : Martins Fontes, 1981. 337p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Lisboa; Rio de Janeiro : Edições 70, 1990. 208p, il. (Arte e comunicação, 15). Titulo original : The image of the city.

LEGORRETA VILCHIS, Ricardo. **Ricardo Legorreta: sonhos construídos.** São Paulo: Bei, 2007. 1v. em 2 (várias paginações), principalmente il. (Educação do olhar. Arquitetura

JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das cidades.** Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2005. 157 p.

KLÖCKNER, Karl. **Alte Fachwerkbauten,** München: Callwey, 1981

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade.** Brasília, D.F : Ed. da UnB, 1996. 253p, il.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** Sao Paulo : EDUSP : FAPESP, 1996. 319p,

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo : Hucitec, 2000. 269 p. (Saúde em debate, 46).

PELUSO, Victor Antonio **Junior**. **Aspectos geográficos de Santa Catarina** /. Florianópolis : FCC : UFSC, 1991.

PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. **Estudos de geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis : Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte : Ed. da UFSC, 1991. 396p, il.

PENT, Wolfgang. **Gottfried Böhm**, - Basel; Berlin. Boston. Birkhäuser, 1999

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Barcelona : Gustavo Gilli, 1978. 381p, il. (Coleccion arquitectura/ perspectivas.). Titulo original: Human aspects of urban form.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Globalizacao, fragmentacao e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise**. Rio de Janeiro : Civilizacao Brasileira, 1994. 426p, tab. Textos apresentados no Seminário realizado sob o mesmo titulo, em 1993, pelo IPPUR/UF RJ e pela FASE.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Lisboa : Edições Cosmos, 1977. 260p, il. Tradução de: La architettura della città.

SERRA, Geraldo G. **Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação**. São Paulo, Edusp e Ed Mandarin, 2006.

SIEBERT, Cláudia Freitas; PIMENTA, Margareth Afeche; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS. **A evolucao urbana de Blumenau: o (des)controle urbanistico e a exclusao socio-espacial**. , 1999. xiv, 190p, il. Orientadora: Margareth A. Pimenta

SILVA, J. Ferreira da (José Ferreira da). **História de Blumenau**. Florianópolis : EDEME, [1972?]. 380 p, il.

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus principios artisticos**. Sao Paulo : Atica, 1992. 239p. (Serie temas, v.26. Arquitetura e urbanismo).

THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. **Nosso passado (in) comum: contribuicoes para o debate sobre a historia e a historiografia em Blumenau**. Blumenau : Ed. da FURB : Ed. Cultura em Movimento, 2000. 322p, il.

VELHO, Otávio Guilheme. **O fenomeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. 133p. (Biblioteca de ciencias sociais).

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1994. 137p. (Antropologia social).

VILLACA, Flavio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. Sao Paulo : Studio Nobel : FAPESP, c1998. 373p, il.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração.** São Paulo : ABEA : FVA, 1987. xxiv, 389 p, il

ZEVI, Bruno. **Linguagem moderna da arquitectura:** guia ao código anti-clássico. Lisboa : Ed. 70, 2002. 174 p, il. (Arquitetura & urbanismo, 6).

ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo Histórico de Blumenau:

- **Código de Posturas da Câmara Municipal da Villa de Blumenau -1883 -**
Blumenau em Cadernos - Tomo XXXVIII –N. 04 – Abril de 1997
- **Lei No. 26 de Maio de 1905 – Código de Posturas da Municipalidade de Blumenau**
Blumenau em Cadernos - Tomo XLVII – N.03/04 – Março/Abril -2006
- **Código de Posturas do Município de Blumenau – 1923**
Blumenau em Cadernos, t. 49, n. 2, p 78-109, mar./abr. 2008
- **Decreto Lei N° 45 de 2 de junho de 1939 – Código de Edificações**
- **Lei No. 37 de 12 de novembro de 1948 – Código de Posturas de Blumenau –**
- **Lei N° 2.047 de 25 de Novembro de 1974– Código de Posturas de Blumenau –**

Prefeitura Municipal de Blumenau

<http://www.blumenau.sc.gov.br>

- **Lei N° 1.909 de 22 de dezembro de 1972 – casas típicas blumenauenses**
- **Lei N° 2.235 de 05 de maio de 1977 - Plano Diretor Físico-Territorial de Blumenau –**
- **Lei N° 2.242 de 30 de maio de 1977 - Código de Zoneamento e de Uso do Solo**
- **Lei N° 2.263 de 11 de julho de 1977 – Código de Parcelamento da Terra**
- **Lei N° 2.264 de 11 de julho de 1977 - Código de Edificações de Blumenau**
- **Lei Ordinária N° 2.262 de 30 de junho de 1977 – concede favores fiscais à Casas Típicas Que Forem Construídas Na Área Urbana de Blumenau, alterada pela Lei N° 3.134 de 04 de dezembro de 1984.**
- **Lei Ordinária N° 2384 de 11 de julho de 1978 – Proíbe a instalação de estabelecimentos de crédito e empresas de investimentos e similares na rua 15 de Novembro e avenida Castelo Branco.**

- **Lei Nº 2.762 de 18 de dezembro de 1981** – isenção fiscal às edificações enxaimel no perímetro urbano, regulamentado pelo Decreto Nº 1.858 de 28 de dezembro de 1981.
- **Decreto Nº 2.361 de 19 de dezembro de 1984** - define os estilos arquitetônicos enxaimel e casa dos alpes.

- **Lei Nº 3.142 de 10 de dezembro de 1984** - isenção fiscal às edificações de Valor Histórico Arquitetônico no município de Blumenau.

- **Lei Complementar Nº 81 de 6 de abril de 1995** – normas para publicidade ao ar livre

- **Lei Complementar Nº 491 de 17 dezembro de 2004**

- **Lei Complementar Nº 559 de 23 de dezembro de 2005**

- **Lei Complementar Nº 657 de 13 de dezembro de 2007**

ENTREVISTAS GRAVADAS
Arquiteto Hans Broos/fevereiro de 2008

ANEXOS

Anexo-1

Legislações do Município de Blumenau - ítems estudados/analizados

Lei Nº. 2.235 – Plano Diretor Físico-Territorial de Blumenau

Capítulo II:

Art. 5º: a) consolidar Blumenau como centro de serviços para a população e região de influência; b) preservar e valorizar os aspectos característicos da paisagem local;

Art. 6º.: a) organização e estruturação da área central da cidade; b) fomento da expansão do turismo, reservando áreas adequadas para este fim, em especial o centro urbano; c) disciplinamento da utilização dos recursos paisagísticos, com a preservação das margens dos rios e ribeirões assim como outras iniciativas de interesse estético e turístico.

Capítulo VIII, que trata da Preservação da Paisagem:

Art. 24: Visando a preservação e valorização da paisagem de Blumenau, bem como dos aspectos tradicionais da comunidade, o Plano Diretor Físico-Territorial prevê a fixação de determinadas glebas, bosques, logradouros públicos e outros locais, como áreas de proteção paisagística sujeitas à Lei Especial;

Art. 25 - Para as áreas de proteção paisagística deverão ser estabelecidas medidas administrativas e estímulos aos usos e atividades adequadas ao disposto no Art. 24.

Parágrafo Único - Deverão ser rejeitadas as determinações da Lei Federal nº. 4.771, de 15 de setembro de 1965 (Código Florestal).

PAISAGEM URBANA: relação entre os diversos elementos indicativos da estrutura física da cidade; compõe-se da paisagem natural e da paisagem construída.

Lei Nº 2.242 de 30 de maio de 1977 - Código de Zoneamento e de Uso do Solo

Capítulo II:

Art. 7º. – O estabelecimento de zonas comerciais visa a estimular a concentração e o agrupamento das atividades comerciais afins, de acordo com os seguintes objetivos:

I – na ZC-1, proporcionar a maior variedade possível na oferta de serviços, comércio varejista, recreação e pontos de encontro e convívio social, com aproveitamento racional de infra-estruturas existentes;

Capítulo III, Arts. 12, 13, 14, 16 e 17 - Parâmetros para as diversas zonas. Para a Zona Central – ZC:

Art. 12 – A utilização do solo na zona central de Blumenau fica subordinada ao disposto neste capítulo.

Parágrafo Único – Os limites da zona central, para os fins de que trata este capítulo, serão fixados em lei Especial

Art. 13 – O solo da zona central fica dividido nas seguintes categorias e subcategorias de uso:

I – Zonas Especiais: a) Centro de Artes; b) Centro Cívico; c) Área compreendida entre a Avenida Presidente Castelo Branco e a Rua 15 de Novembro.

II – Comércio e Escritórios

III – Comércio e Residências

IV – Comércio, Escritórios e Residências

V - Sistema Viário: a) vias para trânsito de veículos; b) vias para trânsito de pedestres

Art. 14 – A zona Especial do Centro de Artes é a área delimitada pelo seguinte perímetro: rua 15 de Novembro, rua Padre Jacobs, rua 7 de Setembro e rua Namy Deeke.

§ 1º. – A zona especial do Centro de Artes deverá possuir as seguintes características:

I – conter, além dos já existentes, equipamentos significativos na vida funcional da cidade e na sua paisagem:

II – as categorias de uso adequado serão a recreacional-cultural-religiosa-residencial, tolerando-se o comércio sofisticado de pequeno porte e o comércio de artesanato.

III – será incentivada a integração espacial dos edifícios segundo diretrizes arquitetônicas a serem traçadas pela Assessoria de Planejamento.

§ 2º. – Lei especial fixará a concessão de estímulos fiscais para as construções enquadradas no parágrafo anterior.

Art. 16 – Na área compreendida entre a Avenida da Presidente Castelo Branco e a rua 15 de Novembro, as edificações deverão possuir as seguintes características:

I – será incentivada a construção em altura, acima do terceiro piso, para tanto no cálculo do coeficiente de aproveitamento a área dos três primeiros pavimentos não será considerada como área construída desde que ela tenha só ocupação comercial.

II – no pavimento térreo será obrigatório a construção de galerias, ligando a rua 15 de Novembro com a Avenida Presidente Castelo Branco, com as seguintes características:

a) Terão largura igual a 40% da fachada, sendo a largura mínima admitida igual a 4,00 metros;

b) Terão a largura mínima de 4,00 metros para 30,00 metros de profundidade, devendo ter mais 1,00 metro de largura para cada 10,00 metros ou fração, de profundidade além de 30,00 metros;

c) Terão pé direito mínimo de 4,00 metros; d) Os edifícios construídos em esquinas e com fachada inferior a 15,00 metros para a Rua 15 de Novembro e Avenida Presidente Castelo Branco serão dispensados de possuírem galerias.

IV – até o terceiro piso, sem afastamento lateral, posterior ou de fundos, se a ocupação foi feita por lojas e estabelecimentos comerciais, constituindo-se uma exceção a Avenida Presidente Castelo Branco cujo limite mínimo de afastamento é definido pela linha de testada marcada nas Plantas Básicas do plano na escala 1:2. 000.

V – o afastamento frontal deverá ser medido a partir do eixo da via fronteira, e não em relação à divisa do lote.

Art. 17 – As vias para trânsito de pedestres deverão ter as seguintes características

I – dimensão mínima de 5,00 m (cinco metros) entre os edifícios:

II – serão arborizadas e pavimentadas com pedras decorativas, possuindo bancos para eventual descanso dos usuários;

III – serão utilizadas prioritariamente por estabelecimentos comerciais de pequeno e médio porte, agências de turismo, bares e restaurantes.

Lei Ordinária Nº 2.262 de 30 de junho de 1977

“Concede favores fiscais a casas típicas que forem construídas na área urbana de Blumenau, revoga a Lei Nº. 1909/72”, estabelecendo no Art. 1º:

Fica o Executivo autorizado a conceder favores fiscais às edificações que forem construídas dentro do perímetro urbano de Blumenau, para fins comerciais, residenciais, isoladas ou conjuntamente, e que apresentarem os estilos arquitetônicos típicos conhecidos como “Enxaimel” e “Casa dos Alpes”.

Lei Ordinária Nº 2384 de 11 de julho de 1978

Proíbe a instalação de estabelecimentos de crédito e empresas de investimentos e similares na rua 15 de Novembro e avenida Castelo Branco:

Art.1º - Fica expressamente proibida a instalação de estabelecimento de crédito (Bancos) e empresas de investimento ou similares, isolada ou conjuntamente, em toda a extensão da rua 15 de Novembro e avenida Castelo Branco, nesta cidade de Blumenau.

Art. 2º - Os estabelecimentos mencionados no artigo anterior, já instalados, com sede própria, desde que continuem no local, bem como os que vierem a construir as suas sedes próprias em terreno já adquirido para o fim, poderão continuar na exploração do ramo e, os que mantêm contrato de locação, em caso de rescisão contratual ou transferência espontânea, ficam impedidos de se instalarem na rua 15 de Novembro e Avenida Castelo Branco.

§ 1º - Todo estabelecimento bancário, de crédito ou financeiro que vier a transferir sua sede para edificação em estilo tradicional, deverá conservar o estilo ou adaptar-se às suas características fundamentais, mediante prévia autorização do Município.

§ 2º - Se a nova sede de tais estabelecimentos mencionados neste artigo exigirem a demolição de edificação tradicional deverá, em substituição, edificar no mesmo estilo ou no estilo germânico do Alpes ou Enxaimel, sob pena de ser negada aprovação da nova construção.

-Lei Complementar Nº 491 de 17 dezembro de 2004

Art. 12, seu entorno definido como ZLE-4 (Zona de Localização Especial-4):

§ 1º - item IV, define como “área urbana de especial interesse histórico, turístico, cultural, paisagístico e de monumentos, localizada no entorno da Rua 15 de Novembro e Alameda Duque de Caxias”.

§ 4º, classificação para edifícios definidos pelos itens:

I – P1 – imóveis que apresentam características de especial interesse histórico, turístico, cultural, paisagístico e de monumentos, devendo ser preservados interna e externamente;

II – P2 – imóveis que apresentam características de especial interesse histórico, turístico, cultural, paisagístico e de monumentos, devendo ser preservados externamente;

III – P3 – imóveis que por estarem localizados no entorno de edificações classificadas como P1 e P2, deverão integrar-se e harmonizar-se com estes.

Art.13 - A “Área de Preservação Histórica (APH) é destinada à proteção, conservação do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paisagístico e Cultural de Blumenau”, pelos parágrafos:

§ 1º. As Áreas de Preservação Histórica (APH), quanto ao uso, seguirão o Zoneamento de onde se localizam;

§ 2º. As Áreas de Preservação Histórica (APH) obedecerão aos mesmos índices urbanísticos da Zona Agrícola;

§ 3º. As novas construções nas Áreas de Preservação Histórica (APH) serão consideradas como P3 e deverão obedecer às regras do inciso II, do art. 45, desta lei.

Art. 13 - traz que: Os imóveis tombados e/ou cadastrados pelo Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Paisagístico e Cultural de Blumenau ficam localizados, automaticamente, em Área de Preservação Histórica (APH).

Tabela 03

Lei Complementar n.º 491/2004 – Código de Zonamento e Uso do Solo

TABELA 03 ZONAS		CATEGORIAS DE USO DO SOLO POR ZONA A QUE SE REFERE A SEÇÃO DO CAPÍTULO III DO CÓDIGO DE ZONAMENTO – DAS RESTRIÇÕES																					
		US06	RU	RM	H	PS2 (5)	PS3 (1, 6)	C1	C2	C3	C4	C8	C5 (3)	C6	C7 (3)	CA 1 (3)	CA 2 (3)	IT1	IT2 (3) (4)	VT	SI (3)		
ZONAS COMERCIAIS CORREDORES DE SERVIÇOS	ZC1/2/3	R	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	R	A	I	A	A	A	A	R	R		
	SC	R	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	A	I	A	A	A	A	A	A		
	CS1	R	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
	CS2	R	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
	CS3	R	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
ZONAS RESIDENCIAIS	CS4	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	A	I	A	A	R	R	A	A		
	CS5	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	A	I	A	R	R	R	R	A		
	ZR1	A	A	R	R	I	R	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR2	A	A	R	R	I	R	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR3	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR4	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR5	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR6	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR7	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
	ZR8	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	R	R	I	A		
ZONAS ESPECIAIS	ZLE1 (6)	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	A	A	R	A	A	A		
	ZLE2 (6)	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	A	A	R	A	A	A		
	ZLE4 (6)	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	A	A	R	A	A	A		
	ZPA	A	R	R	R	I	R	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	I	A	A	A		
	ZRU	I	R	I	I	I	R	R	I	I	I	I	I	I	I	R	R	I	A	A	A		
	ZAG	A	A	A	A	I	A	I	I	I	I	I	I	I	I	R	R	I	A	A	A		
ZONAS INDUSTRIAIS	ZIA (2)	I	I	R	R	I	R	R	R	R	R	R	R	R	A	A	A	R	R	R	I		
	ARU	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	I	I	A	A	A	A	A	A	A		
	ZI1/UIP1	R	A	A	A	I	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
	ZI2/UIP2	R	A	A	A	I	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A		
A: ADEQUADO														I: INADEQUADO							R: PERMITIDO COM RESTRIÇÕES (1)		
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:																							
(1) A definição das restrições estão determinadas no Art. 31 do Código de Zonamento;																							
(2) A adequação ou inadequação dos usos na ZIA, restringe-se à curva de ruído definida no desenho 03 anexo, devendo observar o Parág. 4º do Art. 16 do Código de Zonamento e para os Usos Institucional e Serviço Especial também para a área de transição e aproximação;																							
(3) Restrição de distancias e acessos - ver parágrafos específico de cada uso no Art. 31 do Código de Zonamento;																							
(4) Restrição de recuo - ver Art. 55 e 58 do Código de Zonamento;																							
(5) Exigência de vagas - ver Parág. Único do Art. 65 do Código de Zonamento;																							
(6) Nas ZLE1, ZLE2 e ZLE4 observar os Parág. 3º e 4º do Art. 12 do Código de Zonamento.																							

Processo alterado pela LC 622 de 10/12/2007

Tabela 04

Lei Complementar n.º 491/2004 – Código de Zoneamento e Uso do solo

TABELA 04	ÍNDICES URBANÍSTICOS																
	A QUE SE REFERE O CAPÍTULO IV DO CÓDIGO DE ZONEAMENTO – DOS LIMITES DE OCUPAÇÃO DO SOLO																
ÍNDICES	ZC1	ZC2	ZC3	SC	CS1	CS2	CS3	CS4	CS5	ZR1 (H)	ZR2 (H)	ZR3	ZR4	ZR5	ZR6	ZR7	ZR8
H N.º PAVIMENTOS	4	9	12	9	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	(D)	(D)	10	12	15	4	6	8
C COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	2	2	3	2,5	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	0,6	1,2	2,0	2,2	3,0	1,4	1,6	1,8
T TAXA DE OCUPAÇÃO	(A)	(A)	60%	60%	(B)	(B)	(B)	(B)	(B)	60%	60%	60%	60%	60%	60%	60%	60%
RF RECUO MÍNIMO FRONTAL	Ver artigo 54 do Código de Zoneamento														4,00 m		
RL RECUO MÍNIMO LATERAL	Para paredes com aberturas - H/7 (altura sobre 7) sendo no mínimo 1,50m (um metro e cinquenta centímetros) para o uso industrial observar o parágrafo único do artigo 58 do Código de Zoneamento																
RP RECUO MÍNIMO POSTERIOR	Para paredes cegas – nas divisas conforme determina o artigo 59 do Código de Zoneamento e H/7 para paredes fora da divisa do imóvel																
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:																	
(A) Conforme determina o Art. 45 do Cód. de Zoneamento;																	
(B) Igual ao da zona em que se localizam – parág. 3.º do Art. 33 do Cód. de Zoneamento;																	
(C) Conforme determina o Art. 16 do Código de Zoneamento;																	
(D) Conforme definido no Art. 50 do Código de Zoneamento;																	
(E) Os índices urbanísticos da ZLE 3 serão definidos em legislação específica – parág. 2º do Art. 12 do Código de Zoneamento;																	
(F) Observar o Art. 43 do Código de Zoneamento;																	
(G) Igual ao zoneamento do entorno – parág. 4.º do Art. 33 do Código de Zoneamento;																	
(H) Observar o parág. 2.º do Art. 33 do Código de Zoneamento.																	

(Texto já alterado pela Lei 555 de 10/02/2005)

Tabela 04 (continuação)

Lei Complementar n.º 491/2004 – Código de Zoneamento e Uso do solo

TABELA 04 (CONTINUAÇÃO)	ÍNDICES URBANÍSTICOS														
	A QUE SE REFERE O CAPÍTULO IV DO CÓDIGO DE ZONEAMENTO – DOS LIMITES DE OCUPAÇÃO DO SOLO														
ÍNDICES	ZLE1	ZLE2	ZLE4	ZPA (H)	ZRU	ZAG (H)	ZIA	ZHF	ZEF	ARU	UIII e UIPI 2	ZI1	ZI2	ZIF1	ZIF2
H N.º PAVIMENTOS	(A)	(A)	(A)	(D)	(B)	(D)	(C)	(G)	(G)	(D)	4	4	4	4	4
C COEFICIENTE DE APROVEITA- MENTO	(A)	(A)	(A)	0,3	(B)	0,3	(G)	(G)	(G)	0,5	2	2	2	1	1
I TAXA DE OCUPAÇÃO	(A)	(A)	(A)	30% (F)	(B)	30%	(G)	(G)	(G)	30%	60%	60 %	60 %	70%	60%
RF RECUBRIMENTO FRONTAL	Artigo 54	4,00m	Artigo 54	Artigo 54	4,00m	4,00m	Artigo 54	(G)	(G)	4,00m	(G)	Artigo 54			
RL RECUBRIMENTO LATERAL	Para paredes com aberturas - H/7 (altura sobre 7) sendo no mínimo 1,50m (um metro e cinquenta centímetros) para o uso industrial observar o artigo 58 do Código de Zoneamento														
RP RECUBRIMENTO POSTERIOR	Para paredes cegas - nas divisas conforme determina o artigo 59 do Código de Zoneamento e Uso do Solo e H/7 para paredes fora da divisa do imóvel														
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:															
(A) Conforme determina o Art. 45 do Cód. de Zoneamento;															
(B) Igual ao da zona em que se localizam – parágrafos 3.º do Art. 33 do Cód. de Zoneamento;															
(C) Conforme determina o Art. 16 do Código de Zoneamento;															
(D) Conforme definido no Art. 50 do Código de Zoneamento;															
(E) Os índices urbanísticos da ZLE 3 serão definidos em legislação específica – parágrafo 2.º do Art. 12 do Código de Zoneamento;															
(F) Observar o Art. 43 do Código de Zoneamento;															
(G) Igual ao zoneamento do entorno – parágrafo 4.º do Art. 33 do Código de Zoneamento;															
(H) Observar o parágrafo 2.º do Art. 33 do Código de Zoneamento.															

[Código atualizado pela LC 558 de 03/08/2005]